

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH**

**PEDRO EURICO RODRIGUES**

**DO ON-LINE PARA OFF-LINE: SOCIABILIDADES E CULTURA ESCRITA**  
**PROPORCIONADAS PELA INTERNET NO BRASIL DO SÉCULO XXI (2001-2010)**

**FLORIANÓPOLIS**

**2012**

**PEDRO EURICO RODRIGUES**

**DO ON-LINE PARA OFF-LINE: SOCIABILIDADES E CULTURA ESCRITA  
PROPORCIONADAS PELA INTERNET NO BRASIL DO SÉCULO XXI (2001-2010)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História do Tempo Presente (Linguagens e Identificações).

Orientadora: Professora Dra. Maria Teresa Santos Cunha

**FLORIANÓPOLIS  
2012**

**PEDRO EURICO RODRIGUES**

**DO ON-LINE PARA OFF-LINE: SOCIABILIDADES E CULTURA ESCRITA  
PROPORCIONADAS PELA INTERNET NO BRASIL DO SÉCULO XXI (2001-2010)**

Dissertação para a obtenção do grau de mestre no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

**Banca Examinadora**

Orientadora: Dra. Maria Teresa Santos Cunha (PPGH-UDESC)

---

Membro: Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos (PGL-UFSC)

---

Membro: Dra. Cristiani Bereta da Silva (PPGH-UDESC)

---

Membro: Dra. Viviane Trindade Borges (UDESC)

---

**Florianópolis, 08 de março de 2012.**

Dedico este trabalho aos meus pais Jovina e Eurico (*In Memoriam*) que pouco usam e usaram a Internet, mas souberam criar seus filhos analogicamente. E à Ana Luíza, minha primeira leitora, que me ensina a escrita da história e me auxilia na escrita da vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço:

Primeiramente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES) por proporcionar dois anos de bolsa de mestrado, um privilégio, infelizmente, para poucos.

À Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), ao Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) e ao Programa de Pós-Graduação em História por proporcionar uma excelente estrutura física e discussões valiosas para minha formação.

À minha orientadora professora Maria Teresa Santos Cunha pelas discussões proporcionadas pela disciplina “Artes de ler, artes de escrever: História da leitura e da cultura escrita” que mudaram meu trabalho e por todas as conversas, puxões de orelha e risadas que esses dois anos nos proporcionaram.

À professora Cristiani Bereta da Silva, pelos apontamentos dados na qualificação deste trabalho e por ter aceitado prontamente participar da banca.

À professora Viviane Trindade Borges pelas indicações dadas também na qualificação, bem como ter aceitado prontamente participar da banca.

À professora Tânia Regina Oliveira Ramos que aceitou participar da banca deste trabalho.

À professora Janice Gonçalves pelos apontamentos dados na qualificação e por ter supervisionado o meu estágio docente.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação, em especial, Luis Felipe Falcão, Silvia Maria Fávero Arend, Emerson César de Campos e Reinaldo Lindolfo Lohn pelas discussões nas disciplinas. Agradeço também à professora Maria Bernardete Ramos Flores por me ter aceitado na disciplina no programa de Pós-Graduação em História da UFSC.

Aos familiares pelo apoio e paciência: Mãe, Suzana, Cristina, Rogério, Gui, Bea, Silvana, Nivaldo. Em especial, minha noiva Ana Luíza que foi minha primeira leitora e me ajudou em todo o processo desde a seleção até a dissertação.

Aos amigos, pelos bons momentos de descontração: Débora, Bruno, Juliana, Edgar, Luisa, Larissa, Tamyta, Kika, Anelise, Júlia, Claudia e Marcelo

Aos amigos do mestrado: Rochele, Misael, Elaine, Boeira, Maicon, Michel, Daniel, Hélio, Rosângela e Vanesa. Da turma de 2011: Scheyla, Lara e Elis.

À Turma da Folia: Ana, Graça, Isa, Iva, Lia, Malú, Mirian, Regina, Sandra, Silvana, Silvia, Sônia, Teresa e Valéria por ter compartilhado suas experiências para esse trabalho.

A todos aqueles que se interessaram por ler este trabalho.

“Isso nos conduz à coisa mais importante que qualquer historiador tem a fazer, seja na sala de aula ou em monografias, ou até mesmo como participante de um programa de televisão é *ensinar*. O que esperamos, como resultado de tal ensino, é um presente e um futuro sobre o qual o passado repouse gentilmente.”

(John Lewis Gaddis – *Paisagens da História* p.169)

## RESUMO

Este trabalho pretende utilizar e analisar a Internet como uma fonte para estudos sobre História da Cultura Escrita e da Leitura, que caracterizados pela aceleração do tempo e o pelo presentismo (HARTOG, 1996) propiciaram novas formas de ler e escrever na contemporaneidade. A partir dos comunicadores instantâneos (MIRC e MSN) e da rede social Orkut, foram mapeados e analisados novos protocolos de escrita e leitura entre os anos de 2001 e 2010, com destaque a novos mecanismos de sociabilidade que funcionam como mediadores para interação entre grupos que utilizam as redes sociais. Através do Orkut, o estudo centrou-se na análise de um grupo proveniente de uma comunidade intitulada “Jovens Acima de 50 Anos”, que após o encontro na rede social passou a se encontrar em eventos anuais presenciais entre os anos de 2006 e 2010. Tal procedimento forneceu elementos para abordar aspectos da amizade no século XXI que caracterizam outras formas de sociabilidade no Tempo Presente. Nesta rede social - Orkut – foi possível trabalhar as formas de construção de si e formas de musealização (HUYSSSEN, 2000) do passado a partir da escrita de algumas mulheres participantes e que foram dadas a ler por meio dos seus álbuns e seus depoimentos disponíveis em forma digital. A interpretação desse material escrito e fotografado, disponível no Orkut, permitiu aproximações para pensar sobre o ato e as motivações para se relacionar entre si e para guardar/salvaguardar os materiais produzidos, nessa forma de suporte digital. Considerando sites e blogues como portadores de outros protocolos de leitura realizou-se uma análise mais concisa do blogue [www.baudasil.blogspot.com](http://www.baudasil.blogspot.com), para perceber nessas novas escritas na rede, especialmente a presença dos diários pessoais na Internet. Foram discutidas as diferentes formas de exposição na rede e, mais detalhadamente, como o diário, passa de uma escrita de dentro para uma escrita de fora (CUNHA, 2009). Estes questionamentos são abordados na perspectiva da História do Tempo Presente, que possibilita pensarmos um passado-presente, onde os recuos e aproximações com as fontes são possibilitados pelas escolhas do historiador que problematiza este Presente.

**Palavras-Chave:** Internet; Sociabilidades; História da Cultura Escrita e da Leitura.

## ABSTRACT

This research intends to use and analyse the Internet as a source to studies about History of Written Culture and Reading, which characterized by acceleration of time and by presentism (HARTOG, 1996), led to new ways of reading, writing and finds itself in contemporaneity. From the instant messengers (MIRC and MSN) and the social network Orkut, new reading and writing protocols have been mapped and analysed between the years of 2001 and 2010 with highlights to new mechanisms of sociability which work as mediators to interaction among groups that use the social networks. Through Orkut this study has centred in the analysis of a group from a community called “Jovens Acima de 50 Anos” (Over 50's Youngsters) which after meeting in the social network has started to meet on-site annually between 2006 and 2010. Such a procedure has provided elements to approach aspects of friendship in the XXI century which characterize other ways of sociability in the Present Time. It was possible to dig in this social network – Orkut – the ways of construction of self and musealization (HUYSEN, 2000) of the past through some participant women's writings which could be read via their albums and their testimonials digitally available. The interpretation of this written and photographed material available on Orkut has allowed approaches to think about the act and the motivations to relate to each other as well as to keep/safeguard the materials produced in this digital holder. Considering sites and blogs as carriers of others reading protocols, a more concise analysis of the blog [www.baudasil.blogspot.com](http://www.baudasil.blogspot.com) has been done in order to understand, in these new writings, the presence of personal journals on the Internet. Different forms of exposure on the web were discussed and further, how journals go from a inside to an outside writing (CUNHA, 2009). These questions are seen in the History of Present Time perspective, allowing us to think in a past-present in which the setbacks and approaches with the sources are possible due to the choices made by the historian who problematizes this Present.

**Keywords:** Internet, Sociabilities, History of Written Culture and Reading



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Imagem do Blogger em 12 de outubro de 1999.....	35
Figura 2: Site do Fotolog.net de 18 de junho de 2002.....	36
Figura 3: Número de domínios ponto BR em dezembro dos anos de 2001 a 2010.....	38
Figura 4: Página Inicial do Orkut de 2004.....	41
Figura 5: Página do Orkut de 24 de dezembro de 2010.....	42
Figura 6: Foto da “Turma da Folia”, com 12 integrantes .....	71

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Coleções e Sub-coleções do archive.org.....	41
Tabela 2: Quadro comparativo entre o MIRC e o Orkut .....	53
Tabela 3: Perfil do Grupo.....	67
Tabela 4: Álbuns do Orkut da Turma da Folia.....	80

## LISTA DE ABREVIATURAS

.br - brasileiro

.com - comercial

.gov - governamental

b - *bits*

B - *Bytes*

CD – *Compact Disc*

CERN – Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (*Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire*)

GB - *Gigabytes*

HD – Disco Rígido (*Hard Disc*)

HTTP – Protocolo de Transferência de Hipertexto (*Hypertext Transfer Protocol*)

IBM - *International Business Machines*

ICQ - Um acrónimo feito com base na pronúncia das letras em inglês (*I Seek You*)

IHTP – Instituto de História do Tempo Presente

IRC – *Internet Relay Chat*

Kb - *Kilobytes*

MB - *Megabytes*

MIRC - *Microsoft Internet Relay Chat*

MSN - *The Microsoft Network*

PPS – *Power Point Slides*

PVT - *Private*

RPG – *Role Play Game*

TC – Teclar

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

Vc - Você

WWW – *World Wide Web*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO - A TEIA, A TELA E O TEMPO: INTERNET E HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I – CIBERCULTURA, HISTORIOGRAFIA E CULTURA ESCRITA: LEITURAS E ESCRITAS DO PRESENTE.....</b>	<b>25</b>
<b>1.1 CULTURA ESCRITA, HISTORIOGRAFIA E INTERNET: ABORDAGENS.....</b>	<b>25</b>
<b>1.2 AS NOVAS FORMAS DE SOCIABILIDADES NA INTERNET: ENTRE COMUNICADORES INSTANTÂNEOS E REDES SOCIAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>CAPÍTULO II - SOCIABILIDADES NO ORKUT: “JOVENS ACIMA DE 50 ANOS”: .....</b>	<b>54</b>
<b>2.1 ENTRE AMIGAS NO ON-LINE: ORKUT, BLOG E E-MAILS.....</b>	<b>54</b>
<b>2.2 ENTRE AMIGAS NO OFF-LINE: ENCONTROS ANUAIS E REDES DE SOCIABILIDADE.....</b>	<b>65</b>
<b>CAPÍTULO III - CONSTRUÇÕES DE SI NA WEB: BLOGUE E O ORKUT .....ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.</b>	
<b>3.1 “CADA MERGULHO É UM FLASH”: O PRESENTISMO NOS ÁLBUNS DO ORKUT.....</b>	<b>75</b>
<b>3.2 UM BAÚ DE MEMÓRIAS ON-LINE: O BLOGUE BAÚ DA SIL.....</b>	<b>84</b>
<b>(DES)CONECTANDO.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>101</b>

## INTRODUÇÃO - A TEIA, A TELA E O TEMPO: INTERNET E HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

*Criar meu web site/ Fazer minha **home-page**/ Com quantos **gigabytes**/ Se faz uma jangada/ Um barco que veleje/ Que veleje nesse informar/ Que aproveite a vazante da infomaré/ Que leve um oriki do meu orixá/ Ao porto de um **disquete** de um **micro** em Taipé/ Um barco que veleje nesse infomar/ Que aproveite a vazante da infomaré/ Que leve meu **e-mail** até Calcutá/ Depois de um **hot-link**/ Num **site** de Helsinque/ Para abastecer/ Eu quero entrar na **rede**/ Promover um debate/ Juntar via **Internet**/ Um grupo de tietes de Connecticut/ De Connecticut de acessar/ O chefe da Mac Milícia de Milão/ Um **hacker** mafioso acaba de soltar/ Um **vírus** para atacar os programas no Japão/ Eu quero entrar na rede para contatar/ Os lares do Nepal, os bares do Gabão/ Que o chefe da polícia carioca avisa pelo **celular**/ Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar...*<sup>1</sup>

Homepage, gigabytes, micro (computador), e-mail, *hot-link*, Internet, hacker, vírus e celular<sup>2</sup> são palavras que usualmente não frequentavam a escrita da história. Provindas de uma nova sensibilidade global, essas novas nomenclaturas interferiram e continuam interferindo - direta e indiretamente - no cotidiano de milhares de pessoas. Especificamente no Brasil acessar a Internet tem sido cada vez mais comum, seja pela facilitação para as compras de microcomputadores, no acesso às lan houses e aos cibercafés (outras nomenclaturas dicionarizadas), ou nos laboratórios de informática em algumas escolas, universidades, institutos técnicos públicos e bibliotecas do país, pensando no acesso de forma direta. Há também aqueles que são afetados indiretamente: tanto os que não tiveram acesso à cultura escrita<sup>3</sup> na escola, bem como os que não têm tempo e/ou dinheiro para acompanhar todas as novidades. Estes últimos, por sua vez, estão sendo bombardeados pelas mídias com

---

<sup>1</sup> GIL, Gilberto. *Pela Internet In: Quanta*. Warner Music, 1997. (Grifos do autor)

<sup>2</sup> Cabe aqui resaltar que estas palavras, com exceção de *hotlink*, foram incorporadas no Dicionário Aurélio 2010, e serão usadas aqui conforme a sua nova escrita dicionarizada.

<sup>3</sup> O termo cultura escrita refere-se às diferentes análises das funções, usos e práticas relacionadas com o escrito formas do escrito, ou seja, dos atos de escrita e leitura. Um estudioso do tema é o historiador espanhol António Castillo Gómez: que faz estudos sobre sua historicidade e para quem “[...] la historia de la cultura escrita se define por el alcance de sus enunciados y por la interdisciplinaridad de un método que debe buscar las alianzas con cuantos saberes tienen su objeto en el estudio de la escritura. [...] cualquiera que sea su concreta materialidad – del documento oficial a la carta privada – o soporte – de la tablilla de arcilla a la pantalla electrónica – Lo que pretende es desvelar cada uno de los lugares, maneras y gestos que históricamente han regido la relaciones entre el mundo del texto y el mundo de los usuarios” (CASTILLO GÓMEZ, 2001 p.19).

propagandas sobre Internet, ou seja, mesmo quem não está no on-line<sup>4</sup> efetivamente é colocado neste turbilhão informacional causado pelo “tsunami” da “infomaré”, nas palavras do compositor Gilberto Gil, na epígrafe que abre este capítulo. Esses aspectos mudaram a forma de lidar com a informação, com os relacionamentos, com a escrita, com a leitura e com a educação, bem como com a realização de compras e a necessidade de se comunicar. Essa onda de mudanças está posta e efetivamente atinge boa parte da população brasileira e mundial, principalmente nos últimos quinze anos, em que pelo menos uma geração já tem familiaridade com essas nomenclaturas que estão naturalizadas e internalizadas em suas vidas cotidianas.

Situações do dia-a-dia sinalizam para esta presença da informática. Por exemplo: no ano de 2009, em uma turma de 5º ano (alunos de nove e dez anos) da Escola Autonomia em Florianópolis, na qual eu era professor da disciplina do projeto transdisciplinar de Rádio Escola, um dos temas de programas escolhidos pelos alunos foi a Internet e as novidades que ela trazia, como jogos, vídeos e suas redes sociais. Procurei relatar a eles como era a Internet que eu conheci, que vi mudar em tão pouco tempo: era a Internet discada<sup>5</sup>, em que se esperava às vezes até uma hora para ficarmos on-line e na qual as imagens demoravam muito para abrir. O que eu ouvi foram várias gargalhadas e, no meio delas, uma pergunta: “Não existia banda larga, professor?”. A perplexidade dos alunos com a resposta negativa me fez perceber o quanto era considerável para história tentar entender a emergência dessas práticas em que o poder da tecnologia além de propiciar novas sensibilidades para estas e outras gerações, evidencia uma certa redução da vida ao imediatismo do presente o que reverbera na aceleração da história, como nos lembra Pierre Nora (1993).

Atualmente, é possível afirmar que a presença da Internet é visceral nas nossas vidas. Hoje, o Estado da Arte que fazemos para iniciar uma pesquisa não consiste mais em percorrer incansavelmente corredores de bibliotecas e estantes de livros. Inevitavelmente, a primeira atitude que é tomada ao se pensar um novo tema de pesquisa é buscá-lo na página do

---

<sup>4</sup> On-line: estar conectado na Internet. Off-line: não estar conectado na Internet.

<sup>5</sup> Conhecida também como conexão dial-up, que é uma conexão comutada à Internet, realizada por meio de um modem analógico e uma linha da rede de telefonia fixa, que requer que o modem disque um número telefônico para realizar a conexão (Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas, 2008, p. 449).

Google<sup>6</sup>, ainda que os resultados possam surpreender. No caso em estudo, ao digitar a palavra “História da Internet” no campo de busca do site, com o desejo de conferir se algum historiador aventurou-se a problematizar o tema, tive uma grande surpresa: o primeiro link que apareceu foi da Wikipedia<sup>7</sup>, e ali foi possível encontrar uma história da informática laudatória e técnica demais, sem mencionar os sujeitos que nela *navegam*. Além disso, sugeria outros tantos links<sup>8</sup> que certamente são uma característica ímpar do texto eletrônico. As informações disponíveis mostravam os outros links que o site de busca me apresenta: eram provindos de blogs comentando superficialmente o assunto, bem como sites de notícias dizendo que a Internet estava completando 40 anos.

Entretanto, já é possível encontrar considerável número de estudos que tematizam os meios digitais do ponto de vista da História e, nesse sentido, há trabalhos relevantes que foram consultados. Um dos mais importantes foi proposto pelo historiador uruguaio Juan Andrés Bresciano, que escreveu o livro “La Historiografía en El amanecer de La cultura digital”, em 2010. O autor tem se debruçado sobre o tema há alguns anos. O livro trata das novas fontes no formato digital, bem como metodologias que envolvem estas novas questões. Segundo ele, o crescimento das fontes digitais da segunda metade do século XX aos nossos dias foi tão grande que tem afetado as formas de se relacionar com o texto impresso, processo que tem afetado também o campo historiográfico:

Este proceso afecta a la Historiografía en tres planos diferentes: (i) Supone en sí mismo un fenómeno a estudiar, ya que se trata de un proceso de transformación mundial de particular relevancia. (ii) Aporta un caudal inusitado de fuentes para el conocimiento histórico, por el volumen y la diversidad de registros que produce. (iii) Modifica el modo en que se obtiene la información y se genera saber. Dado que la Ciencia Histórica no es una excepción, también afecta a las prácticas de investigación sobre el pasado. (BRESCIANO, 2010, p. 13)

A partir destes três pontos propostos pelo autor, pode-se notar que a prática historiográfica ganha novas perspectivas, pois aprender a lidar com estas novas fontes possibilita novos olhares sobre o passado. Estas questões sobre as fontes digitais, na opinião do autor, enfrentam problemas, os quais ele destaca em três pontos:

---

<sup>6</sup> Site de busca [www.google.com](http://www.google.com)

<sup>7</sup> Chama-se “wiki” palavra que no idioma havaiano significa “rápido”, a mais simples e flexível ferramenta de colaboração pela Internet. A wiki mais famosa atualmente é a wikipedia, enciclopédia livre da Internet construída por milhões de usuários (HANNUD, 2009, p. 57-58).

<sup>8</sup> Links são elos, na forma de endereços eletrônicos, presentes nos sites, demonstrando a possibilidade de acesso a variados sites a partir de um só, que disponibiliza tantos outros endereços em suas páginas.

(i) el acceso a las fuentes y las formas actuales de su difusión masiva; (ii) la conservación de documentos que por la naturaleza de su soporte tienden a descartarse rápidamente, una vez que han cumplido su función; (iii) el desarrollo de nuevos repositorios, concebidos específicamente para custodiarlos. (BRESCIANO, 2010, p. 18)

Assim, as questões levantadas por este autor ajudaram a pensar na forma de tratamento com tais fontes que representam um novo desafio para historiografia.

Uma certa carência de obras que associam Internet e História, faz com que se procure um salutar diálogo com uma série de teóricos de outras áreas que já se debruçaram sobre o tema, como o filósofo francês Pierre Levy, que discute o virtual (1996) e também cunhou o termo *Cibercultura* (2010), e que estuda e escreve sobre as novas possibilidades de interação humana no meio virtual, da arte às relações pessoais.

Meu otimismo, contudo, não promete que a Internet resolverá, em um passe de mágica, todos os problemas culturais e sociais do planeta. Consiste apenas em dois fatos. Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais produtivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (LEVY, 2010, p. 11)

De igual maneira, o sociólogo espanhol Manuel Castells discute as várias interações da web mostrando a entrada da Internet como definidora para as novas relações interpessoais e do mundo dos negócios, apontando direções para o estudo desse tema transversal, quando fala que:

a Internet está sendo usada para redefinir as relações de família numa sociedade em que as pessoas estão experimentando novas formações familiares. Mostra como o e-mail permitiu a muitos realizar o que chama de “famílias de escolha”, incorporando à vida cotidiana da família estranhos conhecidos via Internet, ou com quem o contato foi desenvolvido ou enriquecido por uma interação baseada na Internet durante um período. Assim, a prática do individualismo em rede pode estar redefinindo as fronteiras e o significado de instituições tradicionais de sociabilidade, como a família. (CASTELLS, 2003, p. 110)

Castells é categórico em afirmar, ainda, que os usuários da Internet estão “reconstruindo” o padrão de interação, com a ajuda de novos recursos tecnológicos, para criar uma nova forma de sociedade: a “sociedade em rede”.

Asa Briggs e Peter Burke, historiadores, escreveram o livro “História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet” (2006), dedicam espaço em seus capítulos finais para problematizar



as mídias do século XXI. Ao abordarem a Internet, os autores dão uma perspectiva das Grandes Corporações como IBM, Microsoft, Yahoo e Google, pondo de lado os rastros que os usuários destas corporações deixam no meio virtual. Mais recentemente, Robert Darnton (2010) argumenta sobre a questão do *Google Search Book*, projeto da empresa Google, que pretende digitalizar os acervos de grandes bibliotecas dos Estados Unidos e passa a lucrar através das obras raras cobrando pelos seus acessos, porém disponibilizaria a outra parte do acervo on-line, deixando que o leitor muitas vezes até faça a impressão de certos textos. Esta prática gerou grandes embates judiciais, pois muitas das obras que podiam ser visitadas estavam abrigadas pela lei do *copyright*, protegendo os seus autores. Para além das disputas judiciais, o autor aponta o monopólio da empresa com um bem público e enxerga isso de forma negativa, pois estes acervos passariam a estar apenas na mão de uma única empresa, que controlaria o futuro destes livros.

Ora, a História da Internet seria algo muito abrangente para um historiador poder se debruçar e, certamente, essa história viria com recortes - tanto temporais, como temáticos e teóricos, pois é necessário romper com a presunção de que um novo recorte teórico seja capaz de esgotar questões que envolvem experiências diversas. Pensando dessa forma, comecei a me perguntar de que forma a história poder-se-ia apropriar da Internet a fim de construir/ler um passado recente? Que fontes poder-me-iam dar tais respostas? Ao começar a estranhar o que me era comum, deparei-me com longos comentários no Twitter<sup>9</sup> sobre a notícia daquele momento: o casamento de dois blogueiros, cuja celebração matrimonial foi patrocinada pela Secretaria de Turismo de Porto de Galinhas (PE), o que gerou comentários favoráveis e contrários à prática. Esse episódio ajudou-me a pensar em diferentes formas de convivência social que, pela afirmação de afinidades e interesses em comum constroem novas sociabilidades. Nesse caso, a Internet havia proporcionado no decorrer da última década, encontros, casamentos, namoros e amizades surgiram apenas “por estar junto” através do contato tela a tela. Esta constatação contribuiu para esclarecer meu tema: pesquisar as sociabilidades<sup>10</sup> da Internet, o romper de barreiras do virtual, pelo simples fato de

---

<sup>9</sup> Site de microblogs [www.twitter.com](http://www.twitter.com)

<sup>10</sup> Concorde com a definição de Gisele Martins Venâncio (2002, p. 9) para quem o termo sociabilidade pode ser entendido “como uma tendência natural para a vida em sociedade. É considerado sociável aquele indivíduo que é naturalmente disposto a procurar a sociedade, que mantém uma vida social”. Igualmente, inspirado em Norbert Elias considera-se a sociabilidade como experiências compartilhadas de maneiras de se e de agir, que nascem da poderosa dinâmica de atividades coletivas que se entrelaçam (...) como produto e alavanca no desenvolvimento do processo social (ELIAS, 1993. p.235).

(re)conhecer o outro, o qual antes estava distante e cuja proximidade só seria alcançada pelo computador. A partir dessa visibilidade fui instigado a analisar as produções de si (GOMES, 2004) em uma rede social que se popularizou no Brasil no ano de 2005: o Orkut.

Essa problemática vem ao encontro dos pressupostos do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP), em que o presente próximo torna-se objeto de estudo para os historiadores a partir dos anos 1970 na França. A História do Tempo Presente vem tentando enfrentar esses problemas do presente, porém não foi a primeira a trabalhar nesta perspectiva. Já foram percebidas estas urgências do presente na primeira geração dos *Annales*, com Lucien Febvre e Marc Bloch, em 1929, e, desde então, vê-se um crescente nas pesquisas e nas metodologias ancoradas no presente. O primeiro afirmava que “a análise do presente” podia dar “a régua e o compasso” à pesquisa histórica (FEBVRE apud CHAUVEAU e TÉTART, 1999, p. 10), já o segundo escrevia: “a incompreensão do passado nasce afinal da ignorância do presente” (BLOCH apud CHAUVEAU e TÉTART, 1999, p. 10). Com a criação do IHTP, é vista a emergência dos “retornos” do político, do fato, e dos testemunhos do tempo mais próximo, principalmente os do pós-guerra. O intuito do IHTP estava atrelado à defesa do campo historiográfico, pois em 1963 o jornalista Jean Lacouture escreve “A história imediata”, livro que traz um compêndio de pesquisas com recortes temporais próximos (particularmente os anos 1930 e o pós-guerra) (CHAUVEAU e TÉTART, 1999, p. 13). Jean-Pierre Rioux lembra que as vanguardas da História do Tempo Presente, por muito tempo, estavam atreladas aos historiadores do político e coloca as implicações para “Bom senso do artesão” do Tempo Presente:

A história do tempo presente, como vemos, nasceu sem dúvida bem mais de uma impaciência social do que de um imperativo historiográfico, pelo menos na França. E os historiadores do recente, nadando na indolência conceptual assinalada há pouco, mas bastante bem garantidos sobre suas retaguardas sociais, fizeram bonito, no final das contas, martelando o bom senso do velho artesão, metodologicamente pouco sofisticado mas passavelmente percuciente: o argumento da “falta de recuo” não se sustenta, dizem eles, pois é o próprio historiador, desempacotando sua caixa de instrumentos e experimentando suas hipóteses de trabalho, que cria sempre, em todos os lugares e por todo o tempo, o famoso “recuo”. (RIOUX, 1999, p. 43)

Assim, pode-se olhar para a História do Tempo Presente como horizonte onde não há instrumento de referência, tudo está por fazer. Ou seja - como sugere Rioux -, munido de sua caixa de instrumentos, o historiador passa a criar um passado a partir das tecnologias e teorias

que lhe asseguram no presente.

É possível pensar a História do Tempo Presente também como uma “história no gerúndio”, a qual está em processo de acontecimento/acontecendo, e cabe ao historiador usar dos recursos tecnológicos necessários para construir sua narrativa. Já usamos a tinta e a pena, posteriormente a caneta, a máquina de escrever e, hoje, o computador. Na teoria da história temos exemplos dos embates envolvendo a seleção de fontes na construção das narrativas históricas e, cada qual em seus regimes de historicidades<sup>11</sup>, sofreu por olhar diferente de seus pares: Tucídides com o “ver” contrapondo-se ao “ouvir” de Heródoto (HARTOG, 2003, p. 57), na busca por outra verdade, pois acreditava que a memória era falha; Jules Michelet, o historiador apaixonado pela França, ao contrapor-se à história crônica que, segundo ele, estava fadada ao balbucio, inclui o povo em suas narrativas (DOSSE, 2001, p. 16); Marc Bloch e Lucien Febvre lançando a revista dos *Annales* em 1929 contrapõem-se aos seus professores, introduzindo novas maneiras de olhar para o passado: Bloch, com o livro “Os reis taumaturgos” traz as mentalidades para o cerne dessas novas discussões. Novas fontes foram trazidas à tona e, através delas, foi possível olhar para o passado, para além dos documentos ditos “oficiais”. Olhar este presente passado faz-se mais do que necessário quando se se depara com uma enormidade de fontes que vão se esvaindo com o tempo.

Estudar a trajetória de indivíduos na Internet é como correr contra o tempo acelerado, ao tempo em que se vai às fontes, coleta-se no dia seguinte e elas já não estão dispostas, o sentimento que dá é como se se estivesse na cena clássica do filme “Indiana Jones e os caçadores da arca perdida”, em que se corre com uma bola atrás da gente e tudo por onde se passa os olhos vai sendo destruído. Obviamente, a bola segue um caminho linear, na Internet as fontes se perdem, por vontade ou não do sujeito que as disponibilizou. Um dia, olha-se um perfil; no outro, ele já foi removido. Principalmente ao olhar para o Orkut, rede social da Internet que vem perdendo cada vez mais espaço para outros sites do mesmo gênero. CHAUVEAU E TÉTART (1999, p. 33) mostram este envolvimento entre o historiador e seu tempo, que muda com a própria disciplina:

---

<sup>11</sup> Ao contrário de época, que seria uma forma de seccionar o tempo linear, Hartog (1996) entende os regimes de historicidade como formas de se relacionar com o tempo, pensando nas experiências temporais e nos modos como discorremos sobre o tempo que vivenciamos.

A presença do historiador em seu tempo evolui, portanto, em função da própria história. Não há nada de novo nisso. Em compensação, a evolução da relação com o acontecimento, a mutação dos engajamentos ou não-engajamentos intelectuais e políticos marcam uma ruptura com as gerações precedentes de historiadores. O contexto não é mais o mesmo. Isso explica, talvez, o desejo de neutralidade e de recolhimento cada vez mais marcado das novas gerações: recolhimento, neutralidade que se traduzem frequentemente em termos de pessimismo, de desinteresse ou de resignação, mas que, cientificamente, seriam os frutos do encontro entre lições epistemológicas da história do presente e a evolução do contexto histórico e da percepção imediata da história.

O que parecem indagar os historiadores é o suporte em que as fontes são guardadas. Comumente, estas se encontram em arquivos, acervos pessoais e bibliotecas, ou seja, em locais físicos, ao contrário da Internet, em que os documentos são guardados em local virtual. Se perguntarmos às fontes do primeiro grupo sobre a questão da sociabilidade na Internet na primeira década do século XXI, obter-se-iam poucas informações, geralmente através do registro da imprensa nessa década, fotos ou diários pessoais - as “escritas de dentro” (CUNHA, 2009, p. 258). Desta forma, haveria lacunas para construir uma narrativa capaz de contemplar, por exemplo, o olhar daqueles que participaram do processo. Ao incluir a Internet como fonte, pode-se olhar para outras questões ao se verificar as redes sociais e os blogues. Estas podem ser consideradas “escritas de fora”<sup>12</sup> (CUNHA, 2009, p. 258), auxiliando para que a narrativa histórica faça um desenho mais vívido desse passado, como nos coloca Albuquerque (2007, p. 64):

Não podemos fugir do limite imposto pelo nosso arquivo. Só podemos historicizar aquilo que deixou rastros de sua produção pelo homem, em dado momento e espaço. Mas desaparecem as fontes privilegiadas da História, ou aspectos de que o historiador não poderia se ocupar e tudo se torna historicizável e fonte de historicidade.

Ao problematizar a Internet como fonte para a história, lembrando que somente a sua parte escrita será analisada, pode-se recorrer aos aportes teóricos da cultura escrita propostos por Antonio Castillo Gómez(2002) e Roger Chartier, que pretende dar a conhecer as relações entre o mundo do texto e o mundo dos seus usuários, onde são fixados os “traços do passado,

---

<sup>12</sup> Maria Teresa Santos Cunha (2009) entende por “escritas de fora” desde os diários pessoais, como blogues, fotologs, até os perfis de redes sociais como Orkut, Myspace, Facebook. Todas estas escritas visam olhares alheios por se tornarem públicas ao estarem expostas na rede.

a lembrança dos mortos, ou a glória dos vivos” (CHARTIER, 2007, p. 9).

A “História da Cultura Escrita e da Leitura” tem como proposta analisar as produções escritas deixadas no passado, desde livros aos diários, dos panfletos à imprensa, dos grafites ao hipertexto, de cunho ordinário ou extraordinário, cada qual em seu tempo e espaço. Este campo busca analisar as mudanças dos hábitos de leitura e dos modos de ler e de escrever, bem como os suportes destas escritas e como as tais são fabricadas. Dentre os autores que trabalham a partir destes aportes teóricos, está o historiador francês Roger Chartier. Esse autor possui inúmeros livros na área, os quais versam sobre a leitura no século XVIII, a partir da análise de romances, dos seus leitores e de sua circulação. Além disso, escreve sobre as novas possibilidades do texto eletrônico e dos novos leitores frente à tela, bem como os novos desafios da escrita (CHARTIER, 2010, 2009, 2009b, 2002, 1991). Em seus trabalhos, Chartier apresenta as noções de representação, práticas, apropriação e também questões sobre o texto eletrônico. Dentre os conceitos apresentados pelo autor, serão usados neste trabalho seus diálogos a partir do texto eletrônico e das novas possibilidades de ler e escrever. Estas novas possibilidades modificam também as relações com as provas da história (a nota, a referência, a citação), já que em decorrência do texto eletrônico as mesmas estão sendo colocadas à prova, pois a partir dessa nova maneira de ler, o leitor pode, em partes, percorrer os caminhos do autor:

As citações são fragmentos recortados por mera vontade do historiador, sem possibilidades, para o leitor, de conhecer a totalidade dos textos de onde foram extraídos os fragmentos. Esses três dispositivos clássicos da prova da história (a nota, a referência, a citação) estão muito modificados no mundo da textualidade digital a partir do momento em que o leitor é colocado em posição de poder ler, por sua vez, os livros que o historiador leu e consultar por si mesmo, diretamente, os documentos analisados de produção, organização e certificação dos discursos de saber mostram a importância da transformação das operações cognitivas que implica o recurso ao texto eletrônico. (CHARTIER, 2009, p. 60)

No ano de 2004, com a criação da Web 2.0, que cria possibilidades para que o internauta se torne o produtor de si na rede, convergindo suas identificações do off-line no on-line, observamos a criação dos sites de redes sociais<sup>13</sup> na Internet (SIBILIA, 2008). O

---

<sup>13</sup> Sites de redes sociais foram definidos por Boyd & Ellison (2007) como aqueles sistemas que permitem: I) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; II) a interação através de comentários; e III) a exposição pública da rede social de cada ator (RECUERO, 2009, p. 102).

indivíduo, o qual antes se escondia atrás da máscara do *nickname*, em salas de bate papo ou comunicadores instantâneos<sup>14</sup> como o MSN, MIRC e ICQ, agora passa a se revelar na rede colocando os seus dados como nome, profissão, preferência política, religiosa e sexual.

Em vista dos propósitos requeridos para este trabalho, ancorados na perspectiva maior da História do Tempo Presente, construiu-se um diálogo teórico-metodológico aportado, igualmente, na História da Cultura Escrita e da Leitura, pensando a Internet na sua parte escrita, visando perceber as mudanças de comportamento ao se tratar das sociabilidades através dos perfis da rede social Orkut (recados, depoimentos, comentários de fotos) e dos comentários em blogues, tentando perceber como se formam e se mantêm as redes de contatos entre os seus usuários.

Para isso, neste trabalho, serão analisados os perfis do Orkut de quatorze mulheres da comunidade “Jovens Acima de 50 Anos”, que desde seus primeiros encontros no on-line em 2006 se encontram anualmente no off-line. Obtive contato com uma das integrantes do grupo após a minha entrada no mestrado no início de 2010, Silvana, que é mãe de minha noiva, em uma de nossas primeiras conversas tocou no assunto que tinha um grupo do Orkut, e que nesse havia encontros com mais outras treze mulheres. A minha pesquisa já tinha o intuito de pesquisar integrantes que se conheceram pela internet, o que me fez escolher as integrantes pela proximidade e facilitação de entrar em um grupo já estabelecido, sendo Silvana uma mediadora, entre eu, pesquisador, e as outras mulheres do grupo. Assim por meio dos perfis dessas mulheres no Orkut, também podemos perceber os arquivamentos do eu, ou como coloca Andreas Huyssen (2000), as “musealizações do presente”, tendo em vista que ao longo do tempo na rede social pode-se colocar uma gama variada de fotos. Através destas, perceber os usos e a popularização da câmera digital, que atrelada à Internet produziu milhares de “lugares de memória” (NORA, 1993) no ciberespaço.

Por meio do site norte-americano archive.org é possível verificar de que forma as

---

<sup>14</sup> O MIRC é um comunicador instantâneo, um *software* de computador que permite o envio e o recebimento de mensagens de texto *on-line*. Normalmente, esses programas incorporam diversos outros recursos, como o envio de figuras ou imagens animadas, conversação por áudio utilizando as caixas de som e o microfone do sistema, além de videoconferência (por meio de uma webcam). Alguns exemplos de programas: MIRC, MSN, ICQ, Skype, sendo o MIRC um precursor dessa comunicação instantânea de massa. Cf. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas**, 2008. Op. Cit.

práticas de leitura e escrita de sites brasileiros se modificaram, já que o site conhecido como arquivo da Internet possui cinco coleções (Web, Imagens, Textos, Áudio e Softwares). Dentro da Coleção Web, existe uma subcoleção que arquiva sites antigos: a [http://wayback.archive.org/web/\\*/http://](http://wayback.archive.org/web/*/http://). A partir deste, pode-se pensar nas diferentes modificações nas formas de ler e escrever, percebidas aqui a partir dos textos ou mesmo dos leiautes dos sites. Quanto aos blogues, estuda-se aqui um exemplar. Através do blogue “baú da sil”<sup>15</sup> pretende-se investigar como se dão as produções de si (GOMES, 2004) nestes espaços, bem como as maneiras de relacionamento dadas a ver através deste suporte, destacando-se as produções encontradas no mesmo, relacionadas aos encontros das “Jovens Acima de Cinquenta Anos”. Além disso, através do blogue do site Orkut, busca-se notar as atualizações e mudanças do site, bem como acompanhar maneiras como a empresa Google relaciona-se com o seu público.

A partir das escritas produzidas no MIRC – os conhecidos logs – é importante problematizar o “Internetês” no início da Internet, verificando padrões de linguagem. Para tal estudo, somente um log foi encontrado e o internauta que cedeu esse documento será mantido em sigilo. É importante ainda salientar a inclusão de novos verbetes nos dicionários, notadamente a partir da versão do dicionário Aurélio de 2010<sup>16</sup>, percebendo logo as novas dicionarizações, as inclusões de palavras praticadas no cotidiano que foram incorporadas ao dicionário, como por exemplo: tuitar, leiaute, cookie, data show, blogue, entre outras.

Ler esse presente faz-se necessário, dando a ele um sentido e transmitindo às novas gerações experiências desse turbilhão de possibilidades que muitas vezes se naturalizam e passam despercebidos. Jean-Pierre Rioux (1999, p. 46) ajuda a problematizar essa questão:

Como não sentir além disso que uma reflexão da história sobre o presente pode ajudar as gerações que crescem a combater a temporalidade contemporânea, a medir o pleno efeito destas fontes originais, sonoras e em imagens, que as mídias fabricam, a relativizar o hino à novidade tão comumente entoado, a se desfazer desse imediatismo vivido que aprisiona a consciência histórica como a folha de plástico “protege” no congelador um alimento que não se consome?

Por mais difícil que seja, tem que se retirar a “folha de plástico que protege” e fazer

---

<sup>15</sup> [www.baudasil.blogspot.com](http://www.baudasil.blogspot.com)

<sup>16</sup> Na nova versão do dicionário Aurélio muitas palavras foram incorporadas para o português, como: layout para leiaute, blog para blogue, e algumas palavras foram dicionarizadas na grafia de origem, tais como: cookie, site, homepage, Internet, entre outros.

com que olhemos para os fenômenos do presente ao voltar os olhos para a Internet: um campo movediço, rápido, e muitas vezes traiçoeiro, mas que nos mostra inúmeras possibilidades de ver o passado. Para isto, procura-se aqui não olhar a rede como um todo uniforme, mas sim como algo heterogêneo que possibilita vários olhares e tantas outras abordagens. Como sugere Roger Chartier, “o historiador do tempo presente, por sua capacidade de construir observatórios ajustados às suas preocupações, parece estar em condições de superar os entraves que classicamente limitam a investigação histórica” (CHARTIER, 2006, p. 216). Portanto, o historiador que se lança às pesquisas que envolvem a Internet, e que propõe trabalhá-las como fonte, deve comprometer-se com as especificidades que ela traz, como as citadas acima. Não se pode simplesmente transpor metodologias; a forma de se trabalhar com a fonte virtual ainda está por se fazer e é o que caracteriza este trabalho. Tais fontes trazem à cena uma infinidade de abordagens possíveis. Entender a Internet como campo da cultura escrita é uma das possibilidades de análise.

Na estruturação em três capítulos, pretendo, no primeiro capítulo - intitulado *Cibercultura, Historiografia e Cultura Escrita: Leituras e escritas do presente* -, fazer uma abordagem teórica articulando o campo da cultura escrita a partir da Internet. É importante para este trabalho também verificar alguns protocolos de escritas e leituras em diferentes formatos de sites que a Internet disponibiliza, como, por exemplo, sites institucionais, de notícias, de armazenagem de informação, de aplicações, comunitários e portais<sup>17</sup>.

No segundo capítulo, intitulado *Sociabilidades no Orkut: “Jovens Acima de 50 anos”*, é intuito entender de que forma milhares de pessoas desconhecidas entre si acabam se (re)conhecendo pessoalmente, e para isso serão usados periódicos e revistas do período, pensando o computador como mais uma janela aberta, a qual promove essas imbricações entre o público e o privado. Através de um exemplo de situação, buscamos relatar a experiência de um grupo de mulheres que se conhece através da rede social Orkut e passa a conviver entre si e, a partir dele, podemos também problematizar a amizade no século XXI

---

<sup>17</sup> São exemplos de cada formato de site: Institucionais [www.brasil.gov.br](http://www.brasil.gov.br); Notícias [www.veja.com.br](http://www.veja.com.br); Armazenagens de Informação <http://pt.wikipedia.org>; Aplicações [www.gmail.com](http://www.gmail.com); Comunitários [www.orkut.com](http://www.orkut.com); Portais [www.g1.com](http://www.g1.com) de acordo com (BRESCIANO, 2010).



através da Internet.

O terceiro capítulo – *Construções de Si na Web: Blogue e o Orkut* - discutirá os processos de arquivamento do eu através dos álbuns da rede social Orkut. Estes novos lugares de memória caracterizam-se como o processo de “musealização do presente” (HUYSSSEN, 2000), ou seja, o aprisionamento de um passado recente através de milhares de fotografias que estão dispostas nos álbuns. Outro ponto a ser colocado é o advento das máquinas fotográficas digitais, as quais ampliaram a propagação de fotografias nas redes sociais. Além destes, outros processos de arquivamento do eu serão abordados, como a escrita, em que compartilhamos para não esquecer, sejam em blogues ou redes sociais da Internet. As escritas de si, no online, serão problematizadas através de revisão bibliográfica do que já foi trabalhado (LOBO, 2007; MUZART, 2000) e através do blogue [www.baudasil.blogspot.com](http://www.baudasil.blogspot.com).

## CAPÍTULO I – CIBERCULTURA, HISTORIOGRAFIA E CULTURA ESCRITA: LEITURAS E ESCRITAS DO PRESENTE

### 1.1 CULTURA ESCRITA, HISTORIOGRAFIA E INTERNET: ABORDAGENS

*Mas, hey mãe, alguma coisa ficou pra trás/ Antigamente eu sabia exatamente o que fazer/ (...)/ Que agora, lá fora, o mundo todo é uma ilha/ A milhas e milhas de qualquer lugar/ (...) Mega, Ultra, Hiper, micro, baixas calorias, Kilowatts, Gigabytes/ E eu? o que faço com esses números?/ Eu? o que faço com esses números?*<sup>18</sup>

Nesta última década do século XXI, houve um bombardeio de todos “esses números” de que fala a música do grupo Engenheiros do Hawaii. O domínio deles proporcionou uma nova experimentação nas formas de sentir, de comunicar e de se relacionar com o tempo. Por hora, esse tempo acelerado (NORA, 1993) dos fins do século XX e do início do XXI provocou angústias, pois há uma multiplicidade de acontecimentos, de “agoras” (BENJAMIN, 1987, p. 222-233). Pessoas estão conectando-se para além do olhar, da fala, do gesto: a conexão desse presente dá-se “a milhas e milhas de qualquer lugar”. Os números que são constituídos apenas de 0 e 1, os números binários, possuem sequências que correspondem ao vazio e ao cheio, ao verdadeiro e ao falso, ao aceso e ao apagado, ao negativo e ao positivo. Não há possibilidades para além destes algoritmos. Porém, somente com a conquista deste sistema binário, mundos virtuais foram criados e toda a explosão de informações, fotos, palavras, relações fizeram-se possíveis no on-line. Não vou aqui me ater aos números, só faz-se importante salientar que o domínio deste sistema possibilitou a construção dos computadores que conhecemos. O que se pretende é historicizar estes computadores relacionados aos seus usos e práticas; não as sequências de números, teoremas, e todos os circuitos e as placas de silício, mas sim as linguagens produzidas por homens e mulheres nesse novo “lugar praticado” (CERTEAU, 2008), conhecido por teóricos como Ciberespaço (LEVY, 2010; LOBO, 2007; SIBILIA, 2008; RIFIOTIS, 2010).

Este espaço acelerado, onde a história transita a passos lentos e cautelosos, faz com que se experimente o tempo de outra forma, quando a história muitas vezes afasta-se por não

---

<sup>18</sup> ENGENHEIROS do Hawaii. Terra de Gigantes/Números. Intérprete: Humberto Gessinger. In: **Acústico MTV**. São Paulo: Universal Music Group, 2004. 1CD faixa 13.

conseguir acompanhá-lo. A História do Tempo Presente vem no intuito de ajudar a compreender e acompanhar esses movimentos da contemporaneidade. A emergência de fazermos uma história da Internet (Ciberespaço) vai ao encontro de toda sua efemeridade e volatilidade, pois onde no hoje se encontram os rastros e os testemunhos, no amanhã já não se sabe. Assim, encontra-se um desafio: entender a Internet como fonte para História do Tempo Presente em interface com as diversas formas de ler e escrever que, através dos rastros e testemunhos deixados na rede mundial de computadores, amparados nas discussões da História da Cultura Escrita e da Leitura. Aqui, as imagens, os vídeos e outros rastros em diferentes suportes não serão analisados, somente o escrito e ao que a ele se refere. Este recorte faz-se necessário, pois não é intuito deste trabalho fazer uma história total da Internet. A História, como nos lembra Michel De Certeau (1982, p. 86), sofreu muitas mudanças como disciplina, quando antes havia apenas um detentor do saber histórico na figura do historiador, confronta-se com muitos especialistas sem destino:

O historiador não é mais o homem capaz de constituir um império. Não visa mais o paraíso de uma história global. Circula em torno das racionalizações adquiridas. Trabalha nas margens. Deste ponto de vista se transforma num vagabundo. Numa sociedade devotada à generalização, dotada de poderosos meios centralizadores, ele se dirige para as Marcas das grandes regiões exploradas. "Faz um desvio" para a feitiçaria, a loucura, a festa, a literatura popular, o mundo esquecido dos camponeses, a Ocitânia, etc., todas elas zonas silenciosas.

O historiador do presente, pensado a partir da assertiva de Michel De Certeau, pode aventurar-se e “fazer um outro desvio” em zonas mais barulhentas e superpovoadas como as mídias (BRIGGS; BURKE, 2006), entre elas a Internet. Nessa perspectiva, pretende-se verificar as práticas de escrita e leitura da rede, entre os anos de 2001 e 2010, pensando no primeiro ano como um início dos usos de blogs e fotologs, e comunicadores instantâneos, com o mIRC, e 2010 na massificação das redes sociais, percebendo assim suas mudanças. A temporalidade na rede é um emaranhado em que o passado, o presente e o futuro estão cada vez mais porosos, mais fluidos: produtos do regime de historicidade presentismo. François Hartog dá indícios ao tratar do presentismo, regime de historicidade que temporalmente corresponde de 1989 aos nossos dias:

Não irei considerar todas as formas de tempo ou experiência temporal, mas apenas

aquelas que pertencem à tradição do saber: mais precisamente, os modos por que conectam presente, futuro e passado na escrita da história. Estas configurações intelectuais compõem apenas uma camada das relações complexas e intrincadas para o tempo mantidas por toda sociedade a cada momento, uma trama percorrendo a tapeçaria. (HARTOG, 1996)

Como uma tapeçaria, a Internet é um meio em que convergem várias temporalidades. Uma tapeçaria a qual vem se construindo há pouco mais de uma década no Brasil e hoje por milhões de tecelões, cada qual com um fio que tece esse mosaico de sentidos. Cabe ao historiador do tempo presente tornar este espaço um tapete macio a pisar, ao olhar para esses fios como rastros deixados em um passado.

Assim, tenta-se aqui dar sentidos às formas de ler e escrever nos primeiros sites, dessa “nova domesticação” a que muitos brasileiros e brasileiras foram submetidos. Das telas das novas urnas eletrônicas, quando pela primeira vez sujeitos tiveram que se deparar com uma tela, sequenciar números e confirmar seu voto ao ver a foto de seus candidatos. Ou ainda as telas de caixas eletrônicas em que se consegue verificar saldos, extratos e executar transferências, até a tela de um computador doméstico, em que é possível escrever textos, fazer planilhas, desenhar, acessar e copiar conteúdos, dependendo do poder aquisitivo.

Pautadas pela tecnocracia, todas essas práticas presentes foram e estão sendo inseridas no cotidiano de milhões de brasileiros(as): do celular de ponta à *lan house*, do laboratório de informática em escolas às bibliotecas, todos agora têm essa necessidade de acessar, o que passa a revelar ares de uma nova modernidade, em que os velhos se perplexificam com a facilidade dos mais novos. A frase “é fácil, tio” está cada vez mais presente na fala das gerações que cresceram envoltas às tecnologias. Pode-se pensar nisto a partir do excerto do escritor de ficção científica Douglas Adams:

Tudo o que já existia no mundo antes de nascermos é absolutamente natural; as novidades que aparecem enquanto somos jovens são uma grande oportunidade e, com alguma sorte, podem até ser uma carreira a seguir; mas tudo que aparece depois dos trinta é anormal, um fim do mundo que conhecemos, até que tenhamos convivido com a coisa por uns dez ou quinze anos, quando começa a parecer normal. (ADAMS apud MEIRA, 2009, p. 81)

A frase de Douglas Adams dá indícios dos conflitos destas gerações acerca da tecnologia posta pelo presente. O historiador Pierre Nora ajuda a pensar sobre tais

valorizações do novo e do velho:

É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade de uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. Valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado. (NORA, 1993, p. 13)

Ambos, historiador e escritor, mostram que nossa sociedade vive a busca incessante por novidades e inovações que se tornam o cerne destas novas gerações, quando o presente é constantemente alargado. A Internet passa a ser uma constante neste processo de presentificação entre os jovens e os adultos também: o passado passa a ser manifestado através de fotos, vídeos e escritas, e ao alcance de poucos cliques pode ser revisitado. O futuro é cada vez menos visado, o horizonte de expectativa pintado pelas mídias assemelha-se aos cenários dos filmes *Blade Runner*<sup>19</sup> e *Mad Max*<sup>20</sup>, nos quais o planeta está devastado e consumido por um individualismo pautado em tecnologias precárias.

Neste presente por onde se pretende trilhar (2001-2010) há um crescente de números, nomes, letras e signos através das várias faces da mídia: das revistas ao rádio, da televisão aos jornais. O Brasil e o mundo começam a respirar de forma voluntária e involuntária essas novas escritas com estas nomenclaturas da “Era Numérica” (CHARTIER, 2009), em que ouvimos/lemos o arroba (@), o “http//:”, o “www”, exemplos de novas escritas com que a sociedade do presente tem de lidar. Observando os discursos midiáticos, é encontrada uma série de resistências pelo novo hábito de ficar em frente ao computador. Um exemplo é a nota publicada na revista *Veja* de 8 de junho de 2001:

Seu filho está indo mal na escola? Que tal checar os hábitos dele na Internet? Pesquisa conduzida na Universidade Estadual de Nova Jersey, EUA, aponta o que pode estar por trás do fraco desempenho de muitos universitários: descontrole e excesso de tempo na rede. Estudantes que relataram ter problemas nas atividades acadêmicas gastavam cinco vezes mais horas conectados do que a turma sem notas vermelhas. Muitos ficavam acordados até altas horas da noite, dormiam menos e faltavam às aulas. Tudo para trocar mensagens instantâneas e participar de salas de

---

<sup>19</sup> BLADE RUNNER: O caçador de Andróides. Direção: Ridley Scott. Produção: Michael Deeley. EUA: Warner, 1982. Cor. 118 min. DVD 3 discos Edição Especial. 2007.

<sup>20</sup> MAD MAX. Direção: George Miller. Produção: Byron Kennedy. Austrália: Warner, 1979. Cor, 92 min. DVD 1 disco Edição Especial de Colecionador, 2005.

bate-papo<sup>21</sup>.

São os velhos problemas geracionais entre pais e filhos e entre tecnologia e os seus malefícios. Só da segunda metade do século XX até o presente, pode-se listar vários debates em torno destas disputas que foram travadas entre pais e filhos. Em termos brevemente comparativos, é possível perceber similitudes desse debate durante o pós-guerra, em que é possível ver inúmeros especialistas apontando para os malefícios das histórias em quadrinhos e os “perigos” em torno da leitura dos mesmos (DE LUCA, 2010, p. 128). Outro exemplo são os videogames, card games<sup>22</sup> e RPG<sup>23</sup> da década de oitenta ao presente, que também sofreram questionamentos quanto às suas práticas e usos. Com a Internet não tem sido diferente, como podemos verificar a partir do discurso da Revista Veja em 2001, a qual coloca a rede como uma vilã que deve ser policiada, pois desvia os alunos dos estudos (BRIGGS; BURKE 2006, p. 303).

O texto eletrônico foi um novo suporte de leitura experimentado nestas últimas décadas (1990-2010), que possibilitou ao leitor “navegar” em várias páginas ao mesmo tempo. Roger Chartier (2002) percebe a mudança do texto eletrônico a partir de três pontos: sendo o primeiro deles relativo à escrita do texto, o segundo referente à escrita diretamente na biblioteca e o terceiro referente à construção de uma biblioteca universal:

Tal vinculação está arraigada a uma história de longa duração da cultura escrita e provém da sedimentação de três inovações fundamentais: em primeiro lugar, entre os séculos II e IV, a difusão de um novo tipo de livro, que ainda é o nosso, isto é, o livro composto de folhas e páginas reunidas dentro de uma mesma encadernação que chamamos códex e que substituiu os rolos da Antiguidade grega e romana; em segundo, no final da Idade Média, nos séculos XIV e XV, o aparecimento do “livro unitário”, ou seja, a presença, dentro de um mesmo manuscrito, de obras compostas (Petrarca, Boccaccio, Christine de Pisan), enquanto antes essa lista caracterizava apenas as autoridades canônicas no século XV, a invenção da imprensa, que continua sendo até agora a técnica mais utilizada para a reprodução do escrito e a produção de livros. Somos herdeiros do livro, isto é, ao mesmo tempo um objeto material e uma obra intelectual ou estética identificada pelo nome de seu autor,

---

<sup>21</sup> NOITE EM CLARO, BOLETIM VERMELHO, Para Usar, In: Revista Veja. 6 de junho de 2001 p.147.

<sup>22</sup> Card Games são jogos de cartas com regras específicas para cada tipo de jogo e podem ser relacionados a desenhos animados, filmes ou ter um cenário próprio. Pokémon, Senhor dos Anéis, Magic The Guentheri, são exemplos de alguns *card games*.

<sup>23</sup> Do inglês Role Play Game (ou Jogo de Interpretação de Papéis), onde jogadores imbuídos de fichas, dados e regras próprias de cada sistema interpretam papéis em mundos ficcionais em variados cenários, tais como fantasia medieval, cenário cyber punk, um mundo com vampiros e lobisomens, etc.

como para percepção das culturas imediatamente visíveis entre os objetos (cartas, documentos, diários, livros etc.) [...] que se transforma profundamente com a textualidade eletrônica. (CHARTIER, 2002, p. 22)

O escrever e o ler no virtual são entendidos por Chartier (2002) como a possibilidade de modificar, editar, cortar, copiar; ou seja, usar os novos mecanismos que foram incorporados à escrita e à leitura frente à tela. No livro impresso, salienta o autor, a única forma de subverter o texto dava-se através de escritas nas marginálias e grifos que insinuavam, mas não modificavam o texto. No momento em que escrevemos na própria tela, o texto poderá ser alterado e reescrito pelo leitor. Outra prática bastante corriqueira a partir da difusão da rede é a assinatura de textos por parte de autores bastante conhecidos, mesmo o texto não sendo de sua autoria. Tais textos, chamados de apócrifos, circulam através de e-mails e redes sociais<sup>24</sup>.

O segundo ponto, referente ao “escrever diretamente na biblioteca”. O autor propõe que a Internet é como uma grande biblioteca e pode-se concordar aqui com a assertiva do autor quando diz que Internet, na sua parte escrita, é uma biblioteca, entendendo então biblioteca como um conjunto de textos. Ao comparar a produção de um livro (que demanda tempo e as várias partes envolvidas, do autor ao leitor) à escrita do texto eletrônico (em que a simultaneidade e o imediatismo imperam, sem intermediários) o autor está, portanto, cara a cara com o leitor. A única premissa é que o autor esteja on-line.

Já o terceiro ponto abordado pelo autor é a construção de uma biblioteca universal a partir da crescente transformação do texto escrito em papel ao texto eletrônico, quando o documento passa do suporte físico ao suporte virtual, permitindo, portanto, um não-lugar para o documento, podendo ser acessado de onde for possível, formando, por conseguinte, um patrimônio universal.

Essa nova abordagem do escrito revela uma nova postura: a de estar sentado frente à tela, ao contrário das práticas de leituras anteriores:

Sabemos que a leitura do rolo da Antiguidade era uma leitura contínua, que

---

<sup>24</sup> Exemplos sobre isso no Brasil são os textos recebidos/enviados por e-mail assinados por Luís Fernando Veríssimo, Arnaldo Jabor e Jorge Luiz Borges e que não são reconhecidos como de autoria própria.

mobilizava o corpo inteiro, que não permitia ao leitor escrever enquanto lia. Sabemos que o códex, manuscrito ou impresso, permitiu gestos inéditos (folhear o livro, citar trechos com precisão, estabelecer índices) e favoreceu uma leitura fragmentada mas que sempre percebia a totalidade da obra identificada por sua própria materialidade. (CHARTIER, 2002, p.30)

Já o texto eletrônico permite uma modificação do seu texto, conforme as atualizações em sites vão sendo executadas. Outra possibilidade de tais modificações são os caminhos que os internautas percorrem através dos sites, a partir dos links nele dispostos. Cabe aqui explicar o que é um site e mostrar os seus diferentes tipos para podermos entender o que Chartier chama de texto eletrônico. Sites são o conjunto de páginas ou textos eletrônicos e cada qual é identificado com um endereço eletrônico, que no presente inicia com “http://” e/ou “www”, e termina com: ponto “com”, ponto “gov”, ponto “br”. Através da criação da aplicação de informação “www” (*World Wide Web*) foi possível que a Internet saísse das universidades e centros militares para galgar passos a uma escala global. Essa aplicação foi criada por Tim Berners-Lee em 1990 no CERN, Laboratório Europeu de Física de Partículas em Genebra (CASTELLS, 2003, p.17). Peter Burke e Asa Briggs (2006, p. 302) colocam que:

Tim Berners-Lee imaginou o que chamou de “World Wide Web” em 1989. “Suponha que eu tenha a possibilidade de programar meu computador para criar um espaço em que tudo possa ser ligado a tudo”, especulava ele. “Suponha que toda informação arquivada nos computadores de todos os lugares estivesse interligada”.

A música de Gilberto Gil “Pela Internet”, lançada em 1997, que abre este trabalho, é uma leitura possível do presente acelerado e faz com que se perceba uma nova temporalidade que começa a se tornar constante no Brasil, na qual podemos “criar um espaço em que tudo possa ser ligado a tudo”. Na música, o indivíduo passa a estar em vários lugares ao mesmo tempo, como: Taípe, Calcutá, Helsinque, Connecticut, Milão, Japão, Nepal, Gabão, Praça Onze, mostrando que essa “globalização imaginada” (GARCÍA CANCLINI, 2007) está para além das transações na bolsa de valores e viagens/migrações internacionais. O indivíduo pode, agora, experimentar um outro tipo de viagem, através da tela do seu computador pessoal, sem sair de casa, podendo ler e escrever, além de interagir com outras pessoas do seu país e do mundo. Este indivíduo que ficou conhecido como internauta - ou o navegador desse “infomar”, como propõe a música - multiplicou-se tão rápido, paralelamente ao crescimento da teia (a web). É sobre esses desbravadores/as e os seus rastros, nos muitos mares cibernéticos, de que trata esse trabalho. Como todo desbravador/a de um novo mundo,



encontra-se percalços dos mais infundáveis.

No momento em que a música “Pela Internet” foi lançada, a Internet ainda era um lugar praticado, porém pouco divulgado e restrito a poucas pessoas. Algumas instituições públicas e privadas estavam implementando o seu acesso e, no âmbito do privado, ter um computador com acesso à rede era considerado artigo do luxo. Além dos altos custos dos microcomputadores, os provedores de Internet eram restritos e com um custo considerado alto para os poucos benefícios que proporcionavam (geralmente uma conta de e-mail e acesso ao conteúdo de jornais), mas já anunciava um devir. Podemos perceber isto a partir da coluna Hipertexto da Revista Veja de 8 de janeiro de 1997: “Hoje, pagam-se em média 40 reais por mês para se ligar à rede”<sup>25</sup>. Já uma propaganda da mesma revista em dezembro de 1996 dá indícios do preço de um computador doméstico, na “Promoção especial de Natal”<sup>26</sup> da Itautec: o preço à vista era de R\$ 3.180,00 ou 18 vezes de R\$ 231,03 sem entrada, totalizando R\$ 4.158,54. Tendo em vista que o salário mínimo do ano de 1997 era de R\$ 120,00<sup>27</sup>, podemos inferir que a compra de um computador naquele preço, mesmo parcelada, era restrita a uma parcela pequena da população brasileira.

A passos lentos, a Internet no Brasil da segunda metade da década de 1990 estava atrelada a sites de grandes empresas e portais de notícias, sites de compra e venda, e as novidades do momento eram o correio eletrônico – e-mail - e as salas de bate-papo, além dos sites voltados pra o público “adulto” com conteúdos pornográficos. Este formato estende-se até o ano de 2004, quando a Internet passa a se modificar devido à criação da Web 2.0. Desde então o internauta deixa de ser mero “leitor” e “espectador” passivo e passa a construir os seus próprios conteúdos, além de comentar e interagir muito mais rapidamente com outros internautas, colunistas, jornais, revistas, companhias de televisão. Paula Sibília explora as características desse novo momento em seu livro “O Show do Eu: a intimidade como espetáculo”, e explica o conceito Web 2.0:

Trata-se, em suma, de um verdadeiro caldeirão de novidades que ganhou o pomposo nome de “revolução Web 2.0” e acabou nos convertendo nas personalidades do momento. Essa expressão foi cunhada em 2004, em um debate do qual participavam

---

<sup>25</sup> IMPOSTO. Hipertexto, In: Revista Veja. 8 de janeiro de 1997 p.17.

<sup>26</sup> PAPAÍ Noel chegou na Itautec Shop, In: Revista Veja 25 de Dezembro 1996 p. 190.

<sup>27</sup> Dado retirado do site do Ministério do Trabalho e Emprego no link [http://www.mte.gov.br/sal\\_min/EVOLEISM.pdf](http://www.mte.gov.br/sal_min/EVOLEISM.pdf) acessado em 13/05/11.

vários representantes da cibercultura, executivos e empresários do Vale do Silício. A intenção era batizar uma nova etapa de desenvolvimento da Internet, após a decepção gerada pelo fracasso das companhias pontocom: enquanto a primeira geração de empresas on-line procurava “vender coisas”, a Web 2.0 “confia nos usuários como co-desenvolvedores”. Agora a meta é “ajudar as pessoas a criarem e compartilharem ideias e informação”, segundo reza uma das tantas definições oficiais, “equilibrando a grande demanda com o auto serviço” [sic]. Essa peculiar combinação do velho slogan faça você mesmo com o novo mandato mostre-se como for, porém, vem transbordando as fronteiras da Internet. A tendência tem contagiado outros meios de comunicação mais tradicionais, enchendo páginas e mais páginas de revistas, jornais e livros, além de invadir as telas do cinema e da televisão. (SIBÍLIA, 2008, p. 14)

Tim Berners-Lee não foi solitário ao buscar a interligação total através do computador, ele só conseguiu materializar um sonho idealizado há menos de meio século antes da sua invenção, o “www”. Castells sintetiza as ideias e projetos científicos anteriores aos de Berners-Lee que visavam a computação interativa:

Vanneva Bush propôs seu sistema Mimex em 1945. Douglas Englebart projetou o seu On-line System, a que não faltava interface gráfica e mouse, trabalhando a partir do seu Augmentation Research Center na área da Baía de São Francisco, e demonstrou-o pela primeira vez em 1968. Ted Nelson, pensador independente, radical, anteviu um hipertexto de informação interligada em seu manifesto de 1963, *Computer Lib*, e trabalhou muitos anos na criação de um sistema utópico, *Xanadu*: um hipertexto aberto, auto-evolutivo, destinado a vincular toda informação passada, presente e futura do planeta. Bill Atkinson, o autor da interface gráfica do Macintosh, desenvolveu um sistema *HyperCard* de interligação de informação quando trabalhava na Apple Computadores na década de 1980 [sic]. (CASTELLS, 2003, p. 17-18)

Assim, o criador do “www” fez com que a Internet passasse a se transformar no que conhecemos hoje, e através do programa (software) *Enquire* possibilitou que computadores pudessem trocar informações através dos protocolos de comunicação HTTP<sup>28</sup> e URL<sup>29</sup>. A partir destes as empresas passaram a construir seus navegadores<sup>30</sup> como o Netscape, em 1994, o *Internet Explorer* da *Microsoft* criado em 1995, *Mozilla Firefox* em 2002 e o mais recente, *Google Chrome* de 2008.

---

<sup>28</sup> Protocolo de Transferência do Hipertexto do inglês Hypertext Transfer Protocol.

<sup>29</sup> Localizador Padrão de Recursos do inglês *Uniform Resource Locator*, que é a uma extensão total do endereço de um recurso (site, impressora, etc).

<sup>30</sup> Navegadores aqui são os programas que possibilitam acesso à Internet.

A partir desse mundo virtual crescente, surgiu uma gama de sites, cada qual com as suas especificidades, tais como: sites institucionais, que são sites de empresas, de governos (Governo Federal e Estadual, por exemplo) e de bancos; sites de notícias, que são Home Page de agências de notícias, revistas e jornais e alguns sites no formato de blogues; sites de aplicações, que englobam os e-mails e aplicações que permitem fazer on-line o que pode ser feito no computador, como por exemplo, os sites que possibilitam a produção de planilhas, textos e apresentações. Além destes há também os sites de Armazenagem de Informação, que são os de sites de busca, podendo ser no formato wiki, de bancos de dados, de vídeos, de mercadoria; sites comunitários, que são as redes sociais, como chats, fóruns, sites de jogos; e os sites de Portal, que são sites que convergem vários tipos de sites em um só, geralmente de alguma empresa ou grupo ligado às comunicações (BRESCIANO, 2010).

Cada site permite uma leitura diferenciada e cada qual possui um protocolo próprio de linguagem, como afirma Chartier:

É agora um único aparelho, o computador, que faz surgir diante do leitor os diversos tipos de textos tradicionalmente distribuídos entre objetos diferentes. Todos os textos, sejam eles de qualquer gênero, são lidos em um mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são dedicadas pelo leitor). Surge disso uma primeira inquietação ou confusão dos leitores, que devem enfrentar o desaparecimento dos critérios imediatos, visíveis, materiais que lhes permitem distinguir, classificar e hierarquizar. (CHARTIER, 2002, p. 23)

Anteriormente ao surgimento da web 2.0, as páginas que permitiam interação escrita entre leitor e autor eram o [www.blogger.com](http://www.blogger.com), criado em 1999<sup>31</sup> (Figura 1), e o [www.fotolog.com](http://www.fotolog.com), de 2002<sup>32</sup> (Figura 2)<sup>33</sup>. Tal interação dava-se através dos comentários que os leitores deixavam registrados no próprio site, nos textos e imagens do primeiro e nas fotos próprias do segundo. O comentário é uma função destes sites que pode ser ativada ou não e permite discutir o assunto publicado. Estes sites são exemplos de sites de informação e comunitários, ambos derivados da palavra weblog (web mais log), que em uma tradução

---

<sup>31</sup> Informação retirada do site [www.blogger.com](http://www.blogger.com) (1999-2011) acessado em 20 de junho de 2011.

<sup>32</sup> O site do fotolog tem o primeiro domínio registrado em 2002 como [fotolog.net](http://fotolog.net) e a partir de 2005 como [www.fotolog.com](http://www.fotolog.com) (2002-2011) acessado em 20 de junho de 2011.

<sup>33</sup> A metodologia usada para acessar as versões antigas dos sites foi através do site <http://wayback.archive.org>, desenvolvido por <http://www.archive.org/>, conhecido com Arquivo da Internet. Uma instituição norte-americana sem fins lucrativos.

literal significa memória (log) da teia/rede (web). Outra forma de verificar os leitores é através dos contadores destes sites (outra função que depende de ativação), que mostram o número geral de acessos. Tanto a prática dos comentários, como a dos contadores, foi aderida por outros tipos de sites, como institucionais e de informação.



Figura 1: Imagem do Blogger em 12 de outubro de 1999.

# Welcome to FotoLog

## Most Recently Updated FotoLogs



by [mikeheif](#) 08:55am  
River Forest, IL, USA



by [sweetness](#) 04:19am  
san francisco, CA, USA

by [myledude](#) 02:27am  
Sausalito, CA, USA

by [vonschultz](#) 12:51am  
nyc, NY, USA

by [heif](#) 12:37am  
NYC, NY, USA

by [bandit](#) 12:26am  
New York, NY, USA

## Got a digital camera?

Make it easy for friends/family to see what's up with you.  
Put your latest, greatest digital photos on the web in a log format.

[Create your FotoLog](#) (takes a minute),  
upload a photo once a day, once a week, or whenever (takes a minute), and you've got something good.

### See what's up with friends & family.

If your friends/family also do a FotoLog,  
you can see each other's latest photos on one page.

FotoLog is Blogger for people that don't write well.  
Or LiveJournal for people that don't have a lot of time.  
Except Blogger & LiveJournal are real products. This is an experiment.  
And since it's hosted in [this guy's](#) NYC apartment (with limited bandwidth),  
only 200 accounts are available.

[Create your FotoLog](#)  
[FAQ](#)

Username:  Password:

### FotoLog Stats

36 FotoLoggers  
164 Accounts Available  
120 Fotos  
9 Fotos Today  
39 Friends/Family

### FotoLog News

05/24  
FotoLog was put "out there" on Friday  
5/24 at Noon EST.

[FotoLogger Directory](#)  
[Random FotoLog](#)  
[User Discussion Board](#)

## Most Viewed FotoLogs Today

by [heif](#) 12:37am  
NYC, NY, USA

by [vonschultz](#) 12:51am  
nyc, NY, USA

by [myledude](#) 02:27am  
Sausalito, CA, USA

by [bandit](#) 12:26am  
New York, NY, USA



by [mikeheif](#) 08:55am  
River Forest, IL, USA



by [sweetness](#) 04:19am  
san francisco, CA, USA

Figura 2: Site do Fotolog.net de 18 de junho de 2002.

Através dessas imagens, podem-se verificar as mudanças ocorridas nas formas de ler dos sites que eram frequentados por internautas no início do século XXI. É logo perceptível a escrita dos sites majoritariamente em inglês, como os exemplos das figuras dos sites acima citados. Chartier (2002) afirma que essa universalidade do inglês no mundo digital torna a língua mais artificial do que elevada, como foi o latim antes:

De uma forma mais encoberta do que no caso das línguas inventadas no século XIX, o inglês, transformando em “língua franca” eletrônica, é uma espécie de língua nova que reduz o léxico, simplifica a gramática, inventa palavras e multiplica abreviaturas do tipo (I ♥ you). Essa ambiguidade própria de uma língua universal que, por sua vez, tem como matriz uma língua já existente e impõe convenções originais possui três consequências. (CHARTIER, 2002, p. 17)

Chartier alerta para três consequências de tais convenções, sendo a primeira delas a hegemonia da língua inglesa que, para o autor, inutiliza a aprendizagem de outras línguas. A segunda consequência é a exclusão do conhecimento da língua inglesa a partir do conhecimento do inglês praticado na rede, pois, como coloca o autor, “o inglês que encontramos na rede é mais difícil, em certo sentido, do que aquele que é exigido para fazer

comunicações formais” (NUNBERG apud CHARTIER, 2002, p.18). O último dos resultados seria “o imperialismo ortográfico do inglês, que desconhece os acentos ou o til, impõe sua supressão às outras línguas quando são escritas ou lidas na tela do computador” (CHARTIER, 2002, p. 18).

Em questão de anos o inglês passa a dividir espaço com outras línguas, como o português- já que o público lusófono passa a participar com frequência destes sites- fazendo com que as empresas traduzissem suas páginas para o português. O Blogger é trazido ao Brasil em 2002 pela [www.globo.com](http://www.globo.com) no endereço [www.blogger.globo.com](http://www.blogger.globo.com), como podemos ver na descrição de 19 de agosto de 2002 publicada por Editor Blogger:

Se Deus é brasileiro, por que diabos o Blogger tinha que ser americano? Problema resolvido: a Globo.com trouxe para a brazucolândia a ferramenta mais porreta da Internet. Comece já a desfrutar das vantagens de blogar em português com o [Blogger.com.br](http://Blogger.com.br)!<sup>34</sup>

O público brasileiro passa a acessar cada vez mais espaços como blogs, portais de notícias, sites de bancos, sites de busca, sites oficiais, enfim, uma infinidade de escritas no português. Há um site chamado [www.registro.br](http://www.registro.br) que se dedica a fazer todos os registros de domínios de sites com “ponto com ponto br” ou “ponto br”<sup>35</sup>, ou seja, para que um site brasileiro esteja funcionando por meio desses domínios é obrigatório que esses estejam registrados e cadastrados naquele site. A partir dos dados do site [www.registro.br](http://www.registro.br) o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação ([www.cetic.br](http://www.cetic.br)) desenvolveu uma tabela como os números de registros feitos no Brasil de 1996 a 2011, entre os meses de Janeiro e Dezembro<sup>36</sup>. Com base nesses números pode ser verificado o crescimento dos registros entre os anos de 2001 e 2010 no mês de Dezembro de cada ano<sup>37</sup> como aponta o Gráfico da Figura 3. O que se pode ver no do gráfico é que, somente no Brasil, os sites registrados com o domínio “ponto br” chegam a quase dois milhões e meio de páginas,

---

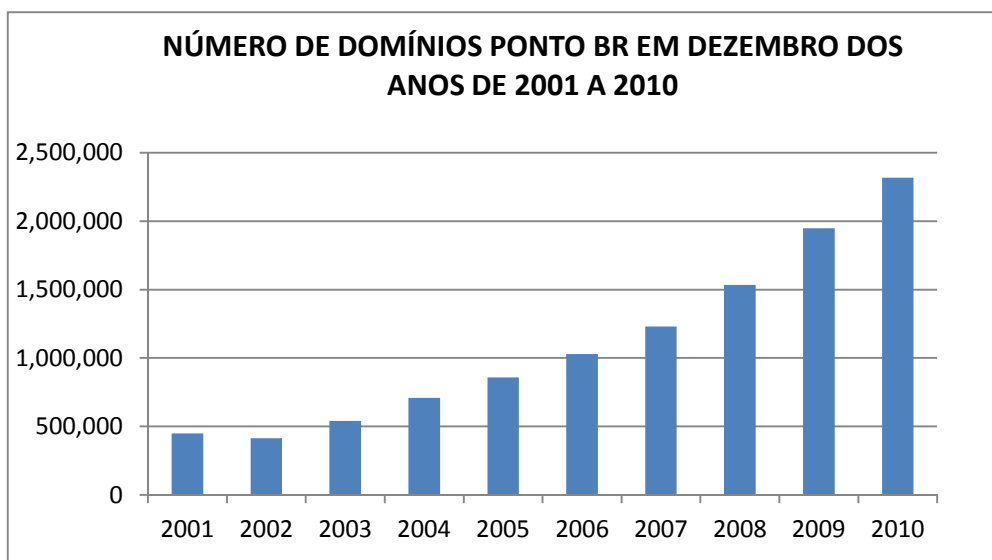
<sup>34</sup> Retirado de <http://web.archive.org/web/20020822194007/http://blogger.globo.com/index.jsp> acesso em 25 de junho de 2011.

<sup>35</sup> Conferir as listagens dos outros tipos de domínios em <https://registro.br/dominio/dpn.html> acesso em 21 de agosto de 2011.

<sup>36</sup> Conferir o gráfico com o número dos registro em <http://www.cetic.br/dominios/index.htm>, acesso em 21 de agosto de 2011.

<sup>37</sup> O mês de dezembro foi escolhido por ser o último mês, tendo em vista que o número mensal de registros é crescente, sendo o mês de dezembro sempre com o maior número de registros.

desconsiderando-se aí as redes sociais, blogues e outros domínios que não são registrados pelo site [www.registro.br](http://www.registro.br). Através disso, é possível perceber esse crescente investimento na Internet como meio de comunicação entre o público e seus leitores.



**Figura 3:** Número de domínios ponto BR em dezembro dos anos de 2001 a 2010<sup>38</sup>

O crescimento dos sites em domínio ponto br está atrelado ao crescimento do acesso de usuários na Internet, devido aos programas da banda larga implantados no país, bem como a facilitação de compra dos microcomputadores. Outro fator importante é o crescimento de serviços on-line que possibilitaram, para além do entretenimento, o consumo, pesquisas escolares, declaração do imposto de renda, entre outros.

Estas páginas muitas vezes não dispõem de arquivos, ou seja, a cada conteúdo novo que é colocado na página o antigo é apagado, mostrando a volatilidade da Internet. Para conseguir o acesso às páginas desse passado-presente, pode-se utilizar o site [www.archive.org](http://www.archive.org), que detém um acervo de sites que permaneceram na rede até hoje, incluindo aí sites que não existem mais. O site é norte-americano e tem como proposta arquivar vários objetos virtuais que já não têm mais uso ou versões antigas do que ainda vem sendo usado. O [archive.org](http://archive.org) apoia-se em cinco principais coleções (conferir Tabela 1): a web,

<sup>38</sup> Este gráfico foi construído por Pedro Eurico Rodrigues através dos dados referentes aos números de sites registrados pelo [www.registro.br](http://www.registro.br).

que será mais explorada nesse trabalho; a “Moving Images”<sup>39</sup> ou as imagens em movimento, onde encontramos quinze sub-coleções, que vão desde imagens de Vídeo Games até programas de Televisão; outra coleção é destinada a textos, encontrando-se, aí, oito sub-coleções; uma coleção de áudio com doze sub-coleções; e uma de software com três subcoleções.

---

<sup>39</sup> A partir daqui as palavras em inglês que dão nome às coleções e sub-coleções serão traduzidas automaticamente pelo autor para o português.

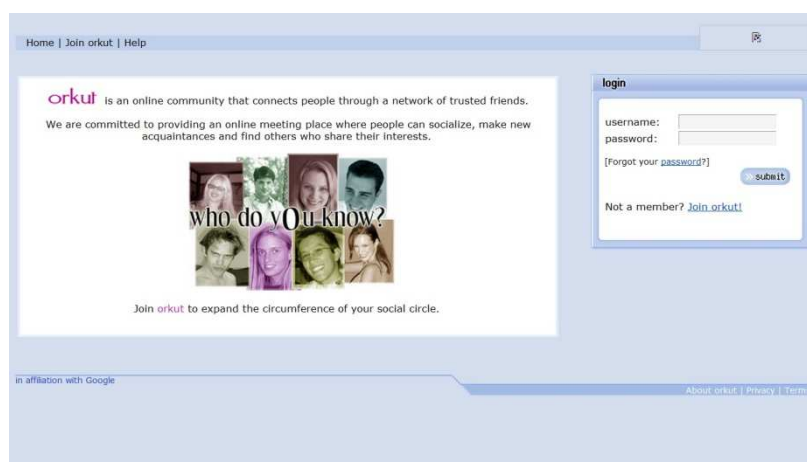


Coleções	Sub-coleções
Web	<ul style="list-style-type: none"> <li>A. <i>Wayback Machine</i>(Destaque do Autor)</li> <li>B. Archive-It</li> <li>C. Blog</li> <li>D. Heritrix</li> </ul>
Imagens em Movimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>A. Animação &amp; Cartoons</li> <li>B. Artes &amp; Música</li> <li>C. Vídeos comunitário</li> <li>D. Computadores e Tecnologia</li> <li>E. Filmes Culturais e Acadêmicos</li> <li>F. Filmes Efêmeros</li> <li>G. Filmes</li> <li>H. Notícias &amp; Assuntos Públicos  </li> <li>I. Arquivo Prelinger</li> <li>J. Espiritualidade e Religião</li> <li>K. Vídeos de Esporte</li> <li>L. Televisão</li> <li>M. Vídeos de Videogame</li> <li>N. Entretenimento</li> <li>O. Mídia Jovem</li> </ul>
Textos	<ul style="list-style-type: none"> <li>A. Biblioteca Estado Unidense (American Library)</li> <li>B. Bibliotecas do Canadá</li> <li>C. Biblioteca universal</li> <li>D. Textos comunitários</li> <li>E. Projeto Gutenberg</li> <li>F. Biblioteca para crianças</li> <li>G. Biblioteca do Patrimônio Natural</li> <li>H. Coleções adicionais</li> </ul>
Áudio	<ul style="list-style-type: none"> <li>A. Áudios-Livro &amp; Poesia</li> <li>B. Áudios Comunitários</li> <li>C. Computadores e Tecnologia</li> <li>D. O Grateful Dead</li> <li>E. Arquivo de Música ao vivo</li> <li>F. Musica &amp; Arte</li> <li>G. Netlabels</li> <li>H. Notícias e Assuntos Públicos</li> <li>I. Áudio não anglófonos</li> <li>J. Podcasts</li> <li>K. Programas de rádio</li> <li>L. Religião e Espiritualidade</li> </ul>
Software	<ul style="list-style-type: none"> <li>A. Museu do Computador DigiBarn</li> <li>B. Arquivo de Bulletin Board Software (BBS)</li> <li>C. Biblioteca de Software Tucows</li> </ul>

**Tabela 1:** Coleções e Sub-coleções do archive.org

Através da subcoleção [www.wayback.archive.org](http://www.wayback.archive.org) mostra-se a importância de estudar os protocolos de escrita e as possíveis leituras da Rede Social Orkut ([www.orkut.com](http://www.orkut.com)). Este pode ser problematizado a partir de suas primeiras páginas ao longo dos anos (partindo de 2004, ano de sua criação, até 2010) e suas formas de acesso.

O site [www.orkut.com](http://www.orkut.com) foi lançado em 2004 com a seguinte pergunta: “Quem você conhece?” e em seguida uma descrição da rede social (Figura 4):



**Figura 4:** Página Inicial do Orkut de 2004<sup>40</sup>

Para entrar no Orkut era necessário ter um convite através do e-mail de alguém que já estivesse na rede. Idealizado por Orkut Buyukkokten<sup>41</sup>, que dá o nome à rede, quando este cursava a Universidade de Stanford (EUA). A rede social tinha pretensões de se conectar aos seus amigos apenas, e acabou tomando proporções mundiais. Em 2005 o Brasil já participava com mais de 70 por cento dos usuários<sup>42</sup>.

No ano de 2007 a empresa Google compra os direitos da rede social e a incorpora em

<sup>40</sup> Orkut é uma comunidade on line que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis. Estamos empenhados em proporcionar um local de encontro online onde as pessoas podem se socializar, fazer novos amigos e conhecer outras pessoas que compartilham seus interesses. (tradução do autor)

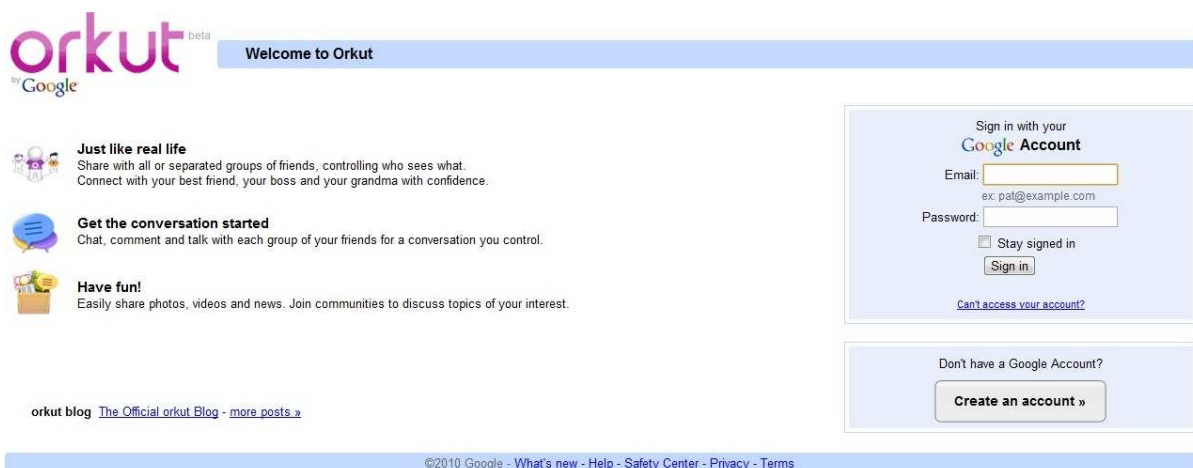
<sup>41</sup> Atualmente o criador do Orkut.com é funcionário da empresa Google, onde atua como desenhista de interface com o usuário.

<sup>42</sup> DAVILA, Sergio. Orkut não entende seu sucesso no Brasil. Folha.com, mercado. 3 de julho de 2005. Acesso em 30 de agosto de 2011. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u97858.shtml>

seus serviços. Uma das práticas da empresa é construir um canal de comunicação com o internauta através do blogue [www.blog.orkut.com](http://www.blog.orkut.com). Na publicação do dia 25 de junho de 2007 vemos o próprio criador do Orkut conversando com os internautas

O Orkut foi lançado há mais de três anos, mas só agora estamos publicando o nosso blog – antes tarde do que nunca, certo? Esperamos que ele se torne um ótimo meio para você descobrir as novidades do site e conhecer nosso time. Aqui você vai ler sobre novas ferramentas, receber dicas de como usar as que já existem e ouvir histórias sobre nosso trabalho, além de ficar sabendo quem somos nós<sup>43</sup>.

A rede social passou, desde então, a ter o acesso liberado a qualquer um que se cadastrasse no site, e o foco da página principal muda para atrair todos os públicos como podemos observar na página principal do site, no dia 24 de dezembro de 2010:



**Figura 5:** Página do Orkut de 24 de dezembro de 2010<sup>44</sup>

Ao simular o real, a rede social na Internet passa a ser um espaço praticado (CERTEAU, 2008), em que foi possível o início de namoros, amizades, embates políticos, discussões de livros e filmes. A partir do estudo destas páginas é possível verificar a relação

<sup>43</sup> Cf. no link [blog.orkut.com/2007\\_06\\_01\\_archive.html](http://blog.orkut.com/2007_06_01_archive.html) acessado em 20 de setembro de 2011.

<sup>44</sup> “Assim como na vida real. Compartilhar com todos os grupos ou separadas de amigos, controlar quem vê o quê. Conectar-se com seu melhor amigo, seu chefe e sua avó com confiança. Que a conversa comece. Bate-papo, comentar e falar com cada grupo de seus amigos para uma conversa que você controla. Divirta-se! Facilmente compartilhar fotos, vídeos e notícias. Participar de comunidades para discutir temas de seu interesse.” (tradução do autor)

do historiador com o vivido, como coloca Certeau: “como tarefa do historiador a possibilidade de fazer reviver ou de ‘ressuscitar’ um passado. Ela quer restaurar um esquecimento e encontrar os homens através dos traços que eles deixaram” (CERTEAU, 1982, p. 45).

A rede mundial de computadores está passando por um processo de democratização, que é vinculado às facilidades em adquirir computadores domésticos nos últimos anos, possibilitando a milhões de pessoas o contato com o mundo virtual. Aqui, as transitoriedades de informações tornam-se cada vez maiores. Todavia, só tem acesso quem tem senha (como pode-se observar no site abordado), e os que não têm vivem à margem. Paula Sibilía define então o conceito de “tecno-apartheid”, que seria “como um arquipélago de cidades e regiões muito ricas, com forte desenvolvimento tecnológico e financeiro, em meio ao oceano de uma população mundial cada vez mais pobre” (SIBILIA, 2008, p. 24). O Brasil enfrenta esse dilema: por mais que existam programas de incentivos à inclusão digital, este problema não será sanado enquanto a população não tiver senha de acesso à alimentação, às escolas e hospitais: a Internet no Brasil é tão desigual quanto a sua sociedade.

Mesmo assim, é um fato que a sociedade brasileira de hoje não vive mais sem conexões com a Internet, pois é um meio de comunicação que atingiu em média 64,8 milhões de brasileiros no ano de 2009, e na última década propiciou sociabilidades nunca antes experimentadas.<sup>45</sup> Entretanto, os que ficam de fora são influenciados indiretamente pela Internet. Se tomarmos como exemplo indivíduos que recebem ajuda do governo federal desde 2003 pelo Programa Bolsa Família, nota-se que estes podem não ter acesso doméstico, mas recebem seus benefícios em bancos que estão equipados com a Internet, e usam dela para fazer suas transições.

Com a inserção da Internet nestas transações bancárias, as senhas tornaram-se cada vez mais comuns entre as classes mais abastadas e as menos favorecidas: observa-se assim um cotidiano de lembrar (e esquecer) números e letras em nome da segurança das finanças. As senhas compõem também uma prática do cotidiano daqueles que estão digitalmente

---

<sup>45</sup> INTERNET chega a 64,8 milhões de brasileiros em julho. **Folha Online**, São Paulo. 20 de ago, 2009. Informática. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u612411.shtml> Acesso em: 27 set. de 2009.

inclusos. Além de senhas de bancos, deve haver preocupação com senhas de e-mail, de blogues e redes sociais. Para cada senha, um cadastro em um banco de dados da empresa que fornece os acessos. Para a construção desses cadastros, são fornecidos dados pessoais que ficam à disposição das empresas que fornecem tais serviços, podendo utilizá-los da maneira que julgarem necessário. Uma prática comum nesta primeira década do século XXI é receber telefonemas de empresas de que jamais ouvimos falar tentando divulgar ou vender um produto ou serviço. Quando isso acontece, geralmente há um questionamento sobre como conseguiram esses números de telefone. Tais empresas que fornecem os serviços on-line vendem os dados para outras empresas interessadas em consumidores. Estas transações da sociedade em rede agora visam o mercado e não mais a produção. Deleuze é categórico ao afirmar que:

As conquistas de mercado se fazem por tomada de controle e não mais do que por formação da disciplina, por fixação de cotações mais do que por redução de custos, por transformação do produto mais do que por especialização da produção. A corrupção ganha aí uma nova potência. O serviço de vendas tornou-se o centro ou a alma da empresa. Informamo-nos que as empresas têm alma, o que é efetivamente a notícia mais terrificante do mundo. O marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores. (DELEUZE, 1992 p. 224)

Essa primeira década do século XXI controlou as pessoas de variadas formas, e ao longo dela deixam-se mais rastros e sinais de nossa existência do que anteriormente. A frase “Eu vivo preso à sua senha, sou enganado”, da música o “Patrão nosso de cada dia” do grupo Secos e Molhados, no presente pode ter outra interpretação, na qual trocamos os padrões por grandes corporações. Corporações estas que têm o intuito de encontrar toda informação em segundos, com pretensões de digitalizar livros e apagar as marcas deixadas<sup>46</sup> neles, para que o leitor tenha uma leitura limpa do que foi digitalizado (CHARTIER, 2001), agregando assim cada vez mais informações. Segundo Pierre Levy:

A totalidade com pretensões universais afoga tudo aquilo que não pode reter. É desta forma que as civilizações são fundadas, que o universal imperial se instaura. [...] Talvez a primeira de todas essas tentativas de aniquilação tenha sido a do império mais antigo, na Mesopotâmia, de onde nos vêm tanto a versão oral como a escrita do dilúvio, muito antes da Bíblia. Pois foi Sargão de Agadé, rei dos quatro países,

---

<sup>46</sup> Como, por exemplo, excluindo as marginais e os grifos dos leitores de obras, impossibilitando assim o estudo das peregrinações do leitor (CERTEAU, 2008) a partir destes rastros deixados, agora apagados em prol da digitalização e disponibilização de tais textos.

primeiro imperador da história, que mandou jogar no Eufrates milhares de tábuas de argila, nas quais estavam gravadas lendas de tempos imemoriais, preceitos de sabedoria, manuais de magia, secretados por várias gerações de escribas. Os signos permanecem legíveis por alguns instantes sob a água corrente, depois se apagam. Levadas pelos turbilhões, polidas pela correnteza, as tábuas amolecem aos poucos, voltam a ser seixos de argila lisa que em pouco tempo se fundem com o lado do rio e vão se acrescentar ao lado das inundações. Muitas vezes foram caladas para sempre. Não suscitarão mais nenhum eco, nenhuma resposta. (LEVY, 2010, p. 16)

A citação de Pierre Levy demonstra a ideia de totalidade proposta por Chartier (2001), a qual vai questionar a universalização dos textos no sentido que ao digitalizar-se o texto/documento, produz-se outro sentido para ele, por mais que a parte escrita não se altere, pois ele estará em outro suporte. Assim, Chartier discute que não é contra a digitalização dos textos, mas sim contra o esquecimento que essa prática pode ocasionar, deixando o mundo do livro no ostracismo.

Chartier analisa como a sociedade está estabelecida no livro impresso, e, por isso, passa-se a impor essas mesmas normas ao texto eletrônico: “vemos uma domesticação por meio das categorias e critérios que ainda são os do livro impresso” (CHARTIER, 2001, p.149). Logo o texto na tela não faz a mediação entre o suporte de papel, mudando profundamente a postura deste leitor. Mudando também a própria escrita, pois esta não condiciona a mão ao pegar um objeto que escreva no papel com um traçado próprio, mas sim a junção das duas mãos ao teclado escrevendo na própria tela, algo de que só a máquina de escrever se aproximou. Aqui o autor aborda os medos que o mundo do livro tem com essa aceleração provocada pelo texto eletrônico e as possíveis mudanças que essa ferramenta traz para a escrita e para leitura. Outra entrada do autor nas maneiras de escrever e ler frente à tela se dá a partir de questionamentos quanto às formas de escrever um e-mail: devem ser seguidas as regras epistolares então vigentes, ou simplesmente uma nota sem correção ortográfica? O autor conclui que tais tensões se apresentam somente naqueles que possuem uma memória epistolar, ou seja, aqueles que tiveram como prática escrever uma carta. E os que já nasceram no mundo do texto eletrônico? O autor lembra que “no mundo contemporâneo, faz-se muito claro que tudo o que pensamos como estável, invariável, ou universal se fragmenta em uma descontinuidade ou em uma série de particularidades” (CHARTIER, 2001, p. 152).

A história, entre outras disciplinas, só tem a ganhar, pois abrimos um leque de novas

evidências e fontes, pois nesse mundo de transformações existem mudanças que não compreendemos ainda, mas que achamos importantes. O novo leitor do mundo está navegando entre os “arquipélagos textuais” ao navegar na Internet com uma velocidade, que somente o texto eletrônico pode proporcionar, de uma ilha para outra, onde um texto puxa o outro, através deste novo suporte.

## 1.2 AS NOVAS FORMAS DE SOCIABILIDADES NA INTERNET: ENTRE COMUNICADORES INSTANTÂNEOS E REDES SOCIAIS

*Eu vou te deletar/ Te excluir do meu Orkut/ Eu vou te bloquear no MSN/ Não me mande mais/ Scraps, nem e-mails/ Power Point/ Me exclua também/ E adicione ele...*<sup>47</sup>

O *Webhit* de 2006 revela algumas das práticas entre os internautas no Brasil pós-web 2.0 (2004), vinda do estilo da *nerdmusic* a canção se torna popular entre os usuários da Internet e seguiu para vários programas de rádio e televisão de todo país. Na letra do *hit* é possível perceber como as sociabilidades na Internet estão interligadas com a vivência ou prática do usuário, onde bloquear/excluir/deletar e adicionar são termos que se assemelham/simulam ao ato de não querer ver ou impossibilitar de ver esse amigo ou até mesmo agregá-lo às suas relações pessoais. A busca por amigos se revela no Orkut (rede social da Internet) e no MSN (comunicador instantâneo) por meio de um contador virtual, este, por sua vez, mostra a quantidade de amigos. Essa prática de adicionar amigos faz com que se perceba uma corrida (*dromos*) desenfreada em ser aceito, onde o mais importante não é ter uma relação duradoura com o amigo adicionado e sim o aumento dos números que eles representam, revelando uma possível popularidade.

A velocidade da comunicação ao vivo expandiu-se muito desde que Paul Virilio (1993) escreveu que a teleconferência era o que tínhamos de mais avançado nas comunicações, o acompanhar imagens ao vivo estava nos dando uma nova experimentação do tempo. Obviamente que no século XX as notícias já corriam o mundo em velocidades astronômicas, quando através do rádio podíamos ouvir as notícias de outros países,

---

<sup>47</sup> ASSUNÇÃO, Ewerton, Vou Te Excluir do Meu Orkut, 2006. Cf. Letra e vídeo <http://letras.terra.com.br/ewerton-assuncao/396008/> 10 de novembro de 2011.

transmissões ao vivo da Copa do Mundo, sem contar na facilidade que os rádios transistores trouxeram com a mobilidade do aparelho na década de 1960, individualizando a prática e o uso de ouvir notícias e entreter-se: “o rádio portátil se tornou um símbolo de modernização” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 226). O mundo passa a encurtar suas distâncias, a televisão, com a transmissão ao vivo, vai transmitir a “história” em tempo real, seja com a queda do muro de Berlim em 1989 ou a Guerra do Golfo em 1992, há uma vontade de tempo real sendo construída e consumida. E os anos de 1990 ficam marcados pelos grandes investimentos nas telecomunicações, dos satélites à fibra óptica, a vontade de presenciar o presente vira produto encabeçado pelo *slogan* “Eu Consumo, Logo Existo!” (SEVCENKO, 2001, p. 47).

O “Eu” transforma-se em fonte de renda no presente intensificado pela Internet. A primeira década do século XXI explora a intimidade como espetáculo (SIBILIA, 2008): *reality shows* super povoando a televisão; Biografias e Autobiografias das (não) personalidades invadem as livrarias; Os blogues e as redes sociais na Internet viraram notícia e deram a chance de anônimos se exporem. A Internet intensifica essas relações do tempo real no âmbito do privado, permitindo a comunicação aqui e agora, por meio da tela do computador. Esta tela se torna mais uma janela de exposição do privado ao público, janelas que a arquitetura já havia aberto outrora estreitando as superfícies-limite<sup>48</sup> do público e do privado:

De fato, desde o cercado original, a noção de limite sofreu mutações que dizem respeito tanto à fachada quanto ao aspecto de confrontação. Da paliçada à tela, passando pelas muralhas da fortaleza, a *superfície-limite* não parou de sofrer transformações, perceptíveis ou não, das quais a última é provavelmente a da *interface*. (VIRILIO, 1993, p. 9)

A interface do computador possibilitou uma nova revolução cultural, assim como os rádios transistores na década de 1960, que concederam mobilidade ao rádio permitindo que o usuário ouvisse sua programação onde bem entendesse. Nos fins da década de 1990 e início dos anos 2000 o computador com Internet possibilitou seus usuários uma infinidade de práticas e ações, entre elas se comunicarem com outros usuários em tempo real. O primeiro mecanismo a possibilitar essas trocas de mensagens em uma linguagem “real”, ou seja, uma

---

<sup>48</sup> “A ‘superfície-limite’ torna-se uma membrana osmótica, um mata-borrão... mas ainda que esta etimologia seja mais rigorosa do que as anteriores, nem por isso é menos sintomática no que diz respeito a uma mutação na noção de limitação”. (VIRILIO, 1994, p. 13)



linguagem sem sinais e códigos próprios da informática, foi o e-mail. Os usos do e-mail possibilitaram a aproximação entre familiares distantes, por exemplo, fazendo com que o hábito de escrever cartas caísse em desuso gradativamente. A facilidade de não precisar sair de casa para postar uma carta no correio fez do e-mail um aliado à aceleração desse presente.

Esse uso foi objeto de um número da *New Yorker*, “A idade digital”, em dezembro de 1999, que também continha um artigo intitulado “Carros inteligentes, tecnologia em movimento”. Havia imaginação, mas não fantasia, na abordagem adotada pelo artigo; não exatamente porque o escritor descrevia o correio eletrônico como “o retorno da palavra escrita” depois de uma longa idade visual, mas porque sugeria que o e-mail reacionário não voltava no tempo. Ele olhava “pra trás”, para Swift, Pope e lorde Chesterfield, cada um deles contemplado com uma página da Web. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 303)

Um dos meios mais populares no Brasil desta interação em tempo real foi o MIRC (*Microsoft Internet Relay Chat*), que em uma tradução literal seria: um transmissor de bate-papo da Internet. O MIRC foi desenvolvido pela Microsoft<sup>49</sup> em 1995 a partir do IRC (*Internet Relay Chat*), programa que já era usado desde 1993, com a popularidade dos computadores Windows no Brasil o programa passou a ser usados pelos jovens nos inícios da Internet.

O MIRC era basicamente um programa de conversa sem um leiaute muito desenvolvido, dando opções aos usuários de escolherem o tipo de fonte e a cor, por exemplo. Para ter acesso às conversas, dentro dos canais ou nos PVTs<sup>50</sup>, o usuário deveria cadastrar um *nickname* dentre vários servidores específicos. Era por meio dos *logs* de dados do MIRC, que são memórias das conversas gravadas nos computadores, em que se pode verificar de que forma se davam as sociabilidades. Obteve-se o acesso a três *logs* impressos datados de 10 de setembro de 2000, onde a conversa se inicia às 02:16:14 e termina às 03:11:50:

---

<sup>49</sup> Empresa de Bill Gates que desenvolveu o sistema operacional Windows e que no ano de 1995 já dominava o mercado mundial com o seu sistema operacional (Windows 95). (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 283-284)

<sup>50</sup> PVT é abreviação de *Private* do inglês ‘Privado’, onde possibilitava que o usuário conversasse com apenas um outro usuário, ao contrário dos canais que quando acessados possibilitavam que todos os usuários conversassem entre si.

```

<tuco'lovx'|MiMi-FofuxinhA|> [oh meu nick amore]
<fofuxinha'lovx> q linduuuuuuuuu
<tuco'lovx'|MiMi-FofuxinhA|> [ ; ]
<tuco'lovx'|MiMi-FofuxinhA|> [ a nany ta acordada ainda?]
<fofuxinha'lovx> a nany ta drumindu em peh!
<tuco'lovx'|MiMi-FofuxinhA|> [ hahahaah ]
<tuco'lovx'|MiMi-FofuxinhA|> [ dexa a coitada dormi ]
<tuco'lovx'|MiMi-FofuxinhA|> [ joga ela na cama ]
<tuco'lovx'|MiMi-FofuxinhA|> [ ; ]
<fofuxinha'lovx |tuco|> olha meu nick amore!
<tuco'lovx'|MiMi-FofuxinhA|> [ q fofzzzzzzzzzzzzzzzzzz ]
< tuco'lovx'|MiMi-FofuxinhA|> [;*****X ] (Sic)51

```

Este trecho da conversa faz com que se percebam algumas práticas dos fins do século XX e do início do século XXI envolvendo o MIRC. Primeiramente, o horário em que ela ocorre está relacionado aos usos da Internet discada (*dial-up*), por gastar pulsos telefônicos, havia restrições quanto ao uso da Internet, pois a conta de telefone viria muito cara caso os usuários conectassem em horário comercial. Geralmente, as conexões discadas se davam após a meia noite nos dias de semana, nos sábado após as 14 horas, domingos e feriados, pois nestes horários pagava-se apenas um pulso da ligação local. Além disso, os sites não abriam em “tempo real” com a Internet discada, chegando a demorar de 15 a 20 minutos para abrir uma página por completo, o MIRC, por ser um *software* simples, possibilitava uma fácil comunicação, apesar de demorar em estabelecer uma conexão com o servidor, e vez ou outra era muito comum por excesso de usuários terem a conversa cortada por queda de conexão. A Internet discada também podia gerar conflitos entre pais e filhos no início de seu uso, pois a rede telefônica ficava ocupada quando a conexão com a Internet era efetivada, esses conflitos se davam principalmente em casas onde havia apenas uma linha telefônica.

Outro ponto que se pode verificar com a conversa do MIRC acima citada são as formas da escrita, seja pelos excessos de letras nas palavras, ou ainda pelo uso dos *emoticons*, que são caracteres que expressam emoções, são exemplos: “:)” sorriso, “;)” piscar de olhos, “:\*” beijo, “:p” mostrando a língua. Entre outras infinitudes de *emoticons* que possam existir, eles servem pra encurtar as formas de escrever para expressar emoções e gestos. Dentro dessa nova linguagem que surge conhecida popularmente como “Internetês”, para além dos *emoticons* há também palavras que se transformam em signos como “vc” (você), “tc” (teclar),

<sup>51</sup> Trecho da conversa está no em um *log* impresso cedido por “fofuxinha”, que é de Florianópolis e pediu que não fosse identificada.

ou ainda as que são escritas foneticamente como “naum” (não), “peh” (pé), ou ainda “ksa”. Esta “língua franca” eletrônica que fala Chartier (2002, p. 17) simplifica a gramática, passa a multiplicar abreviaturas e inventar novas palavras, como o caso de “fofzzzz” (fofo) e “drumindo” (dormindo), que aparecem na conversa acima. Outro ponto que se pode observar é a facilidade em se trocar de identidade no MIRC, como ocorre entre os integrantes da conversa que rapidamente alteram seus apelidos (que é a primeira forma de se expor). A primeira frase da conversa “oh meu nick amoré”<sup>52</sup>, indica a mudança do apelido em forma de declaração “tucó’lovx’|MiMi-FofxinhA”<sup>53</sup> para todos os outros integrantes do canal, ou dos canais que “tucó” participa e em seguida “fofuxinha” se expõe dizendo que ama “tucó”.

Estes rastros deixados na memória do computador revelam práticas desses inícios da Internet que permaneceram e foram alterados e até mesmo aprimorados no decorrer do início do século XXI, seja em outros comunicadores instantâneos, nas redes sociais ou nos e-mails. Quantos *logs* do MIRC ficaram para trás salvos em Discos Rígidos e disquetes, e muitos outros ainda podem estar esquecidos em caixas depois de terem sido impressos. Acredita-se que os arqueólogos do futuro terão muito trabalho ao tentar reabrir essas memórias dos computadores que ficaram e ficam obsoletos rapidamente, e que guardam informações preciosas sobre os inícios da sociedade em rede.

Os contatos em tempo real foram se intensificando ao longo da primeira década do século XXI. Com a Web 2.0 surge um novo internauta orgânico, capaz de construir conteúdos na Internet e convergir-se em um usuário que passa a se expor cada vez mais, seja pela intensificação dos blogs ou o advento das redes sociais na Internet. No Brasil, é possível identificar essa transição do *nickname* para o perfil, com a utilização da rede social Orkut, na qual se encontram ali disponíveis um nome real ou até mesmo apelido, com preferências, opiniões próprias do usuário, além de fotografias e um ciclo de amigos fechado. A rede social da Internet foi a que inaugurou as grandes exposições de si na rede, sejam através dos perfis, das fotos e comentários nas comunidades.

Na Tabela 2 podem-se verificar algumas diferenças entre o comunicador instantâneo MIRC e a rede social Orkut, seus pontos de aproximação e afastamento; ambos inauguram para seus usuários formas de se expor e de se construir, o primeiro mais incipiente, até mesmo

---

<sup>52</sup> Olha meu *nickname* amor.

<sup>53</sup> tucó *loves* (ama) Mimi-Fofxinha.

por ser uma novidade quanto ao uso, e o segundo por trazer inovações e modificações nos mecanismos de estar no on-line, pois mesmo que o usuário não estivesse presente – conectado – suas ações e informações estariam disponíveis para quem quisesse acessar. Paul Virilio (1993, p. 110) mostra a mudança do tempo ao se relacionar com a tela, do tempo cronológico (semanas, meses e anos) para o tempo cronoscópico, “tempo real” fragmentado em horas, minutos e segundos:

Atualmente, a tela das transmissões televisivas em tempo real é um filtro, não mais monocromáticos, como aquele que os fotógrafos conhecem tão bem, que só deixa entrever o *presente*. Um presente intensivo, fruto da velocidade limite das ondas eletromagnéticas, que não mais se inscreve no tempo cronológico passado/presente/futuro, mas antes no tempo cronoscópico: subexposto/exposto/superexposto. (VIRILIO, 1993, p. 110)

A Internet está sob o signo da exposição exacerbada, seja o dia-a-dia desses indivíduos, sejam as maneiras de se posicionar contra ou favor de determinadas situações, o Internauta põe para fora seus medos, seus anseios, seus preconceitos, suas pretensões com a mesma facilidade que abre e fecha janelas de seu navegador. Por mais exposto que ele possa estar, esse usuário se esconde atrás de uma tela em uma espécie de anonimato, uma Ágora caótica que lhe dá segurança para opinar sobre qualquer assunto, sem regras e punições mais severas por meio das empresas que fornecem o serviço. O Orkut, por exemplo, tem certo controle quanto a manifestações preconceituosas em comunidades ou perfis, ele até mesmo desativa a conta do usuário, porém no tempo em que desativa uma conta com esses teores, muitas outras são criadas. A relação que Michel de Certeau (2008) traça entre as táticas e as estratégias, podem ser aplicadas também no âmbito da Internet: o usuário tem maneiras de fazer dos seus usos táticos que impossibilitam as relações entre o que tenta controlar e o que de certa forma se deixa controlar. É preciso, portanto, dar voz a essas práticas que fogem às regras, que inventam o cotidiano, que usam das suas táticas, jogando com as estratégias, formando as práticas desses internautas. Pensemos nas estratégias na internet, os sites de redes social, tal como Orkut, que tem o intuito de “encontrar” amigos distantes, porém, ao praticar o internauta, por meio das táticas, faz outras conexões, reinventa o espaço, e passa para além dos conhecidos, travar contato com desconhecidos, ou usar a rede social para promover debates, através das comunidades, podendo gerar uma gama de possibilidades tais como manifestações de preconceito. Não somente as formas de preconceito e outras atrocidades que permeiam a rede, mas outros usos destas táticas que inventam e reinventam novos

mecanismos para se comunicar se (re)conhecer. Exemplo disso é de um grupo de mulheres completamente desconhecidas que decide por meio de uma comunidade no Orkut trocar confidências, estreitar seus laços ao ponto de trazerem essa amizade para seu cotidiano desconectado.

	<b>MIRC (comunicador Instantâneo) antes da Web 2.0</b>	<b>Orkut (rede social na Internet) depois da Web 2.0</b>
<b>Identificações</b>	Através dos Apelidos, sem dúvida é a primeira forma de se expor. É através deles que podemos ver o gênero, ou determinado grupo, ou local de onde vem o usuário. Nos apelidos podiam ter, por exemplo, o nome do Estado, cidade ou bairro.	Através do perfil e comunidades que o usuário frequenta. No perfil, além da foto, existia uma série de quesitos que indicavam e formavam os usuários, tais como livros, música, opção sexual e preferência política. Já as comunidades podiam indicar gostos ou preferências com “Eu amo Chocolate” ou “Eu odeio segundas-feiras” bem como pertencimento com um grupo ou cidade, por exemplo.
<b>Locais</b>	Canais e PVTs. Os canais tinham o “#” na frente de seus nomes, dentro deles os usuários interagiam entre si e seguiam uma hierarquia através dos OPs (operadores) simbolizados pela “@” em frente do apelido, que cuidavam do canal tendo o poder de excluir ou banir pessoas do canal, e seus nomes apareciam em primeiro lugar, em seguida os demais usuários em ordem alfabética. Já o PVT (Abreviação de <i>Private</i> ) era a possibilidade de abrir uma janela com um ou mais usuários.	Página de Recados e Comunidades. Nas páginas de recados ( <i>scraps</i> ) era onde encontrávamos os recados de cada usuário, o mesmo tinha a opção de apagá-los ou não. Já nas comunidades criadas por um usuário, podiam ser administradas pelo seu criador e mais pessoas que ele elegeisse. Nas comunidades era geralmente onde encontrávamos os novos e velhos amigos, seja por partilharem um interesse comum, gostar de um mesmo filme, autor ou pelo simples fato de reencontrarmos amigos da escola ou trabalho.
<b>Tempo</b>	Instantâneo (Pergunta/Resposta) e Simultâneo, pois permite que um usuário interaja com vários outros. O tempo é marcado por data e hora do início e do fim da conversa. Exposto.	Fixo, pois requer que o usuário visite sua página de recados ou tópico das comunidades. O tempo é marcado por minutos, horas e datas após a postagem dos recados ou comentários. Superexposto.
<b>Acesso</b>	Através de variados <i>softwares</i> que eram instalados no computador que permitiam a conexão com o servidor do IRC.	Acessando a página <a href="http://www.orkut.com">www.orkut.com</a> mediante um cadastro prévio onde era fornecido um <i>login</i> e uma senha.

**Tabela 2:** Quadro comparativo entre o MIRC e o Orkut<sup>54</sup>

<sup>54</sup> Tabela elaborada por Pedro Eurico Rodrigues a partir de informações retiradas dos sites [www.mirc.com](http://www.mirc.com) e [www.orkut.com](http://www.orkut.com) acessados em 2 de novembro de 2011.

## CAPÍTULO II - SOCIABILIDADES NO ORKUT: “JOVENS ACIMA DE 50 ANOS”

### 2.1 ENTRE AMIGAS: EXEMPLO DE SITUAÇÃO DE MULHERES ACIMA DE 50 ANOS NO ON-LINE

*O correr da vida embrulha tudo/ A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa sossega e depois desinquieta/ O que ela quer da gente é coragem.*

*João Guimarães Rosa*<sup>55</sup>

Em uma manhã ensolarada de janeiro de 2006, na cidade de Florianópolis (SC), mais precisamente no Centro, encontram-se em um de seus muitos hotéis seis simpáticas mulheres com pouco mais de seus cinquenta anos conversando e, às gargalhadas, trocando presentes entre um café e um pedaço de bolo. Aparentemente é só mais um grupo de amigas de longa data que decidiu tomar um café da manhã para matar as saudades, não havendo nada de extraordinário na cena<sup>56</sup>. Entretanto, cada mulher que ali se encontra mora em uma parte diferente do Brasil. Ora, podemos pensar Florianópolis, apesar de seu porte médio, como uma cidade cosmopolita, por onde pessoas do país inteiro e do mundo transitam. O fato curioso, o qual transforma isso em um breve exemplo de situação, é que estas mulheres simplesmente acabaram de se (re)conhecer pessoalmente. Isso mesmo. Esse encontro só foi possível por causa de duas coisas, a primeira uma ferramenta que é associada, muitas vezes, à juventude: a Internet. A segunda é coragem de se aventurar no “desconhecido”.

A amizade foi tema estudado pela historiadora Anne Vincent-Buffault, que através de cartas e diários pôde perceber as sociabilidades entre mulheres no século XVIII e XIX, a qual define a relação como “a alegria suplementar, marca de uma eleição, não uma instituição. Ela estabelece redes de influência, inventa lugares de convivência e laços de resistência enquanto se multiplicam para a maioria as oportunidades de encontros e de interações” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 9). Assim tentarei perceber as relações destas mulheres citadas acima,

---

<sup>55</sup> Frase do “Quem eu sou”, do Perfil de Sil Ramos no Orkut. <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=686191914634609719> acessado em Março de 2010.

<sup>56</sup> Informação retirada das fotos e vídeos do Primeiro encontro, o “Florifolia”, em Florianópolis, acervo de Silvana Ramos.

que se elegeram entre si através do Orkut, como amigas e, a partir desses encontros no on-line, romperam barreiras em busca do encontro físico, do contato no off-line.

No século XXI, a troca de e-mails, ou ainda mensagens nas redes sociais, pode ser crucial para que se percebam traços de amizades no meio digital, estas formas de interagir do grupo no on-line serão postas neste subcapítulo. Neste caso, serão analisados um e-mail, depoimentos, e os perfis da rede social Orkut tentando construir a trajetória da “turma da folia”, como é conhecida entre as amigas, abordando suas trajetórias no on-line. O e-mail que será abordado é uma mensagem de Natal de 15 de dezembro de 2006 em formato PPS<sup>57</sup> criada por Valéria Bastos, narrando como surgiu a ligação entre as amigas. Já os depoimentos foram colhidos por e-mail através de um questionário com nove perguntas (Anexo I), em que, das quatorze participantes, dez responderam durante o mês de maio de 2010. Com as respostas, podem-se verificar as suas trajetórias no on-line até os encontros reais no off-line. Na rede social, apenas dez das quatorze dispõem de um perfil ativado, esses quatro desligamentos do site não são um caso isolado, pois muitos internautas migraram pra outras redes sociais, perdendo interesse pelo o que o Orkut tem a oferecer.

É possível entender estas fontes, as trocas de mensagens no Orkut e a troca dos e-mails como correspondências pessoais da contemporaneidade. Pensar a palavra corresponder no sentido de retribuir, sejam os gestos de amizade manifestados no Orkut, seja nos e-mails trocados para desejar “Feliz Natal”, cada qual cumpre seu papel em uma nova forma de estreitar os laços amistosos. É importante salientar que estes arquivos de cunho pessoal não são “testemunhas inconscientes. São pistas de formas de ver o mundo” (MIGNOT, 2002, p. 51), e será com eles construída uma de muitas narrativas possíveis sobre sociabilidades na Internet. Nas cartas trocadas entre mulheres no século XVIII e XIX estudadas por Anne Vincent-Buffault e as do século XX de Oliveira Viana, estudadas por Gisele Venancio (2001, p. 28) podem-se perceber padrões de sociabilidade nestas fontes, pois:

A correspondência pessoal de um indivíduo é portanto um espaço definidor e definido pela sua sociabilidade. E através dela que as pessoas, mesmo distantes fisicamente, podem trocar ideias e afetos, construir projetos mútuos ou discutir planos opostos, estabelecer pactos ou polêmicas e organizar ações. Esses

---

<sup>57</sup> PPS é uma extensão de um software de slides como o Power Point da Microsoft, por exemplo, e é utilizado geralmente para enviar apresentações animadas através de e-mails, em que contêm textos, animações e músicas.



documentos permitem, em síntese, esboçar a rede de relações sociais de seus titulares.

Já os questionários são suportes que a História do Tempo Presente tem a oferecer, pois traz a possibilidade de buscar no objeto a sua interpretação do ocorrido. Ou seja, cada indivíduo que se dispôs a responder o questionário, via e-mail, pôde colocar ali o seu olhar, suas vivências no on-line, coisa que não é possível perceber se não perguntando. Retirando uma experiência do privado, como “não saber ligar um computador”, por exemplo, não poderíamos imaginar tais práticas frente à tela se o questionado não a respondesse. As fontes do on-line, muitas vezes não nos dão esse tipo de imagem, pois as dificuldades e as frustrações dificilmente são expostas ao público. Falar de si na Internet é pisar em ovos, pois geralmente não se colocam fraquezas e medos no Avatar no on-line, ou o perfil, geralmente não é construído à imagem e semelhança de seu criador.

O Orkut tem, aparentemente, o “simples” intuito de “juntar” pessoas que já não se viam há muito tempo, ou seja, amigos da infância que se mudaram, amigos do trabalho, da escola, com a finalidade de (re)encontrar conhecidos. Todavia a rede social na Internet toma proporções que “fogem” do controle, ou não, de seus criadores. Nas comunidades, indivíduos diferentes e estranhos se “juntam” para debater assuntos variados, conversar, ou simplesmente desabafar, e a partir daí surgem sociabilidades dentro dessa rede social na Internet. Estas sociabilidades virtuais são relações que os indivíduos mantêm entre si e que, espontaneamente ou não, geram regras e atitudes esperadas, formam comportamentos e condutas. Portanto, é fundamental dialogar com Norbert Elias no que tange às relações humanas, bem como seus conceitos de indivíduos e sociedades, em que um não está e nem nunca estará distanciado do outro: “Toda sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humano só se humaniza ao aprender a agir, falar, e sentir no convívio com outros. A sociedade sem os indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo” (ELIAS, 1994, p. 67).

Silvia relata suas primeiras experiências no Orkut e como acabou entrando no grupo através da comunidade “Jovens Acima de 50 Anos”:

Fiz e reencontrei amigos no Orkut. No início não me entusiasmei muito pelo Orkut, pois achava que era coisa pra jovens, mas com o passar do tempo e de tanto as pessoas falarem fiz mais tentativas até que um dia navegando por lá descobri a

comunidade JOVENS ACIMA DE 50 ANOS. Entrei e um dos tópicos “Acampamento” me chamou atenção, pois na minha juventude fui muito campista. Li, gostei e resolvi encarar encontrando ali pessoas que como eu queriam se divertir. O lugar era mágico, lindo, e as pessoas de uma simpatia sem igual e de muito alto astral. Fazíamos festas, jantares, cafés da manhã incríveis. Bom se tornou para mim uma verdadeira “cachaça”, pois muitas vezes no meio das minhas tarefas domésticas largava tudo e corria para o pc a fim de espiar o que estava acontecendo por lá sempre deixando a minha participação, seja oferecendo algum quitute, um beijinho ou saindo para “caminhar virtualmente” com alguma amiga, muitas vezes a Elinia que conhecia até um barqueiro “imaginário” para nos atravessar um rio. Neste acampamento surgiram alguns elementos que carregamos até hoje, o famoso “escondidinho” (champagne) recebeu esse nome pois de tanto que umas e outras gostavam de bebericar este líquido, se tornou necessário escondê-lo embaixo da mesa ou algum outro esconderijo. O termo “revistador” também surgiu numa determinada festa, comentei que haveria na entrada pessoas para controlar se entrariam com “escondidinho”, pois o consumo estava sendo além da conta, então a amiga Graça imediatamente batizou de “revistadores” os encarregados da tal revista e até hoje a brincadeira com revistadores está presente. O Orkut apenas serviu como ponto de encontro de mulheres de várias partes do Brasil, dispostas a levar o virtual para o real mostrando que isso pode dar certo, como deu (sic)<sup>58</sup>.

As construções de mundos virtuais e o envolvimento de todos nas construções destes, só se dão através da escrita e da leitura, não se pintam imagens ou se constroem mundos de computação gráfica, o que nos revela Silvia é que as formas de ler de cada uma das integrantes fazem e possibilitam essa interação. As várias imaginações trazidas pela escrita e pela leitura fizeram com que essas mulheres pudessem estar juntas, ao menos naquela representação de um mundo perfeito, onde se pode caminhar com as amigas, tomar uma bebida e sorrir, naqueles cenários formamos regras, brincadeiras e códigos, o que se espera de um comportamento fraternal no off-line. E tudo isso graças à leitura, que segundo Chartier (2009<sup>a</sup>, p. 77):

é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor.

Obviamente que o autor se refere à leitura de um livro, mas a leitura frente à tela geralmente é solitária, e é possível ver nesta prática a vontade do leitor de se impor no texto

---

<sup>58</sup> MALLMANN, Silvia Helena Beckel. Questionário [mensagem pessoal] recebido por <pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 13 de maio de 2010.

produzido a muitas mãos, pois ele é um personagem também, ele tem a capacidade de colocar suas vontades, respeitando essas regras impostas pela amizade. Mirian conta como era leitora passiva, por medo da reação das outras, medo de ferir alguma das regras da boa convivência desconhecida por ela, que era nova no grupo:

Quando entrei no Orkut me interessei pelas comunidades. Foi aí que me deparei na "Jovens com mais de 50" e o tópico do acampamento me chamou atenção. Primeiro eu só lia a farra da turma, tinha receio de postar alguma coisa e não ser bem recebida. Já estavam por lá a Lia, Silvia, Aninha, Silzinha, Valéria e uma tal de bruxa que sempre passava fazendo vrmmmmmm, eu ficava encantada com aquele vruuuuu, era a Maat. Aí comecei a postar algumas coisinhas, e fui bem recebida pela Silvia. Depois notei que tinha outra baiana no grupo a Graça. As brincadeiras eram muito divertidas, nossa criatividade rolava solta. Tinha festas, viagens, tudo imaginário. Acordar fazer uma bela caminhada e depois tomar um delicioso café da manhã virtual tornou-se hábito para mim. Era divertido, saudável e eu amava aquilo tudo (sic) <sup>59</sup>.

As escritas dentro da comunidade do Orkut podem ser vistas como fontes para História da Cultura Escrita e da Leitura que tem como proposta analisar os modos de ler e escrever. Com a escrita e a leitura frente à tela podemos perceber alguns aspectos peculiares destas práticas quando aplicados à comunidade estudada. A postura das integrantes, bem como seus modos de ler, revelam uma mudança, pelo menos geracional, já que são mulheres acima de 50 anos, pode-se perceber que estas já dominam de certa forma a linguagem proposta pelo hipertexto, bem como sentem a leitura de outra forma, já que o Orkut está em outro suporte menos convencional para elas, tais como livros, cadernos, textos.

A minha geração não conviveu com esta tecnologia moderna, tive sim um pouco de dificuldade para assimilar o computador como um todo, sou a "anta-mor" do grupo na informática, até hoje só domino o básico dos básicos, fico só no Windows e olha lá... Comecei a ter contato com o pc em 1996, adorava jogar paciência, depois meus filhos foram me ensinando a usar o correio eletrônico, tinha pouquíssimos contatos, meus amigos e amigas ainda não estavam familiarizados com a rede. No início de 2001 fui morar na Alemanha e comecei a sentir necessidade de comunicação através da net, foi tudo aos pouquinhos, aprendi consultar sites de busca, fazer pesquisas, até que em abril de 2005 entrei no Orkut e caí lá na Comunidade "Jovens Acima de 50 anos". Aí foi o grande encontro. Foi num tópico "Acampamento" que tudo começou, entrei lá e fui muito bem recebida pela Sílvia, me senti em casa. A farra rolava solta, festas em datas comemorativas (São João, Independência, Dia das bruxas, Natal, Páscoa, etc.) tudo caracterizado e muito bem organizado. Os aniversários, ah, em grande estilo, com "comes e bebes", decoração temática, música, dança, figurino, osómi (homens), revistadores particulares de lamber os beijos, todos hollywoodianos ou globais, galãs de marca maior. Cada uma "ficava" com o seu escolhido tomando escondidinho e curtindo a noitada. Muitas viagens,

---

<sup>59</sup> SANTOS, Mirian Gomes dos. Questionário [mensagem pessoal] recebido por <pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 25 de maio de 2010.

de Van, de supersônico, de navio, a pé, Silvia preparava o frango com farofa para o lanche e lá íamos nós voar nas asas da imaginação, desbravamos terras e mares. Que saudade deste tempo! Quanta risada, ou melhor, quanta gargalhada. Em um dia a postagem no tópico alcançava o número 300, não dava para piscar senão perdia o fio da meada. Sabíamos que éramos as bobinhas da corte, as palhaças que proporcionavam aos 4 mil membros da comunidade se divertir, o povo adorava nosso tópico e nós mais ainda. Sinto muita falta disso, desta interação diária com a meninada, dessa convivência, mesmo que virtual, de rir à toa e sonhar (sic)<sup>60</sup>.

O que o relato de Ana deixa entrever são as formas como a escrita e a leitura possibilitaram sair da tela e encontrar um mundo imaginativo onde a distância não importava, pois lá o encontro, mesmo que virtual, era garantido, e várias emoções ali surgiam. Roger Chartier lembra a questão da representação para a escrita da história, que de certa forma faz emergir uma historiografia dedicada aos estudos de representações possíveis de uma dada realidade, ou seja, entendendo representação como uma das tantas realidades possíveis. O cientificismo historiográfico tão caro aos historiadores do século XIX propunha *o resgate* do passado, acreditando ser possível traduzir na forma de texto a realidade de sociedades passadas: descrevê-las e apresentá-las tal como ocorridas. O que Chartier traz com a concepção de representação é justamente a ideia de não ser possível escrever, através da escrita da história, uma única realidade, mas sim trazer à tona nas narrativas historiográficas representações deste passado. Assim podemos notar com o relato de Ana como o grupo se representava, dentro da realidade virtual, seja através de seus acampamentos, seja através das viagens naquele espaço. Elas se permitiam construir seu próprio mundo, com propósitos muito simples: rir e interagir. Contudo o sentimento de estar junto, de ser correspondido, vai construindo as amizades e estreitando os laços. Assim, Maria das Graças, a Graça como é chamada pelas amigas, mostra que imaginação e diversão estavam lado a lado na comunidade:

Por insistência dos filhos resolvi entrar no Orkut confesso que sem nenhuma simpatia rrsrs. Então passeando pelo Orkut me interessei pela comunidade “Jovens acima de 50 anos”. Lá chegando comecei a participar de um tópico “Acampamento” depois “Recanto da Alegria” onde conheci pessoas interessantíssimas, de alto astral e imaginação fervilhante. Todos os dias nos divertíamos a valer (sic)<sup>61</sup>.

“É preciso considerar também que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos,

---

<sup>60</sup> RUTSATZ, Ana Lucia. Questionário [mensagem pessoal] recebido por <pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 27 de maio de 2010.

<sup>61</sup> MACIEL, Maria das Graças Pires. Questionário [mensagem pessoal] recebido por <pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 27 de maio de 2010.

espaços, hábitos” (CHARTIER, 1991, p. 178). E cada leitor tem uma interpretação, uma forma de olhar para o texto, seja lendo-o frente à tela, ou na leitura em voz alta, cada caminho de leitura indica uma subjetividade no tempo e sobre o tempo. Estes contrastes entre leitores podem ser percebidos

igualmente entre normas de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, usos do livro, modos de ler, procedimentos de interpretação. Contrastes, enfim, entre as expectativas e os interesses extremamente diversos que os diferentes grupos de leitores investem na prática de ler. De tais determinações, que regulam as práticas, dependem as maneiras pelas quais os textos podem ser lidos, e lidos diferentemente pelos leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e que não entretêm uma mesma relação como escrito. (CHARTIER, 1991, p. 179)

Michel de Certeau em “Invenção do Cotidiano” aborda as formas de ler, que considera como uma operação de caça, ou seja, cada leitor passa pelo texto e tem a capacidade de se transportar no tempo e no espaço, de traçar paralelos com seu cotidiano, de estabelecer conexões ímpares. Os leitores e o texto têm entre si uma cumplicidade, uma relação. O autor fala dos três tipos de leituras propostos por Barthes: as que marcam o texto para prender algumas palavras; as que correm até o fim; e os que escrevem junto ao texto. Há uma pluralidade nas formas de ler e as jovens “acima de 50 anos” talvez estejam no último grupo. Claramente, os autores (Chartier e Certeau) estão tratando do suporte do livro, mas acredita-se que a leitura frente à tela passe por processos semelhantes. Ao comentar sobre a leitura Michel de Certeau (2008, p. 272) traz este indicativo: “Seja como for, sua maior autonomia não preserva o leitor, pois é sobre seu imaginário que se estende o poder dos meios, ou seja, sobre tudo aquilo que deixa vir de si mesmo nas redes do texto – seus medos, seus sonhos, suas autoridades fantasmadas e ausentes”.

As mais variadas formas de ler fazem com que o leitor estabeleça as suas verdades, estabeleça o que é fato ou ficção, pois o leitor não tem obrigações com o método de qualquer narrativa. Um diferencial é que as participantes da comunidade criam suas próprias histórias, em que as mesmas são personagens que têm seus “namorados” virtuais, bebem, comem e se divertem com suas histórias, pois se permitem transportar através da imaginação. O Orkut, como toda sociedade, também não funciona sem indivíduos e são esses usuários que movimentam e constroem esses espaços. Dentro da rede social da Internet existem comunidades que são fóruns para debater variados assuntos e a partir deles saem namoros,

cineclubes e encontros. Há também o outro lado, a exclusão, como o *bullyng* digital, manifestações de racismo, de homofobia, de machismo, que fogem à ordem vigente, como preconceitos, violência, etc. No entanto, na comunidade “Jovens Acima de 50 Anos”<sup>62</sup> não continham apenas os acampamentos que possibilitavam viajar com a leitura e a escrita que cada tópico proporcionava, mas sim outros assuntos, outros grupos que dali partiram para outros encontros, e também outras opiniões sobre determinados assuntos. Infelizmente, o Orkut é uma fonte volátil e esses tópicos não poderão ser revisitados, pois já foram apagados, e podem ser vistos apenas através da memória de quem participou. Entre os muitos “acampamentos” havia também outros tópicos que proporcionavam discussões acaloradas e algumas divergências entre o grande grupo da comunidade. É sempre bom salientar que esta comunidade possuía muitos outros integrantes entre homens e mulheres, e até então no Orkut ela conta com 11.901 membros. Mirian mostra como as amigas contornaram essa situação:

Era tão bom está ali conectada com gente de tudo que é canto! Mas tinha uma galera que adorava um bate-boca virtual. Nessa brigalhada toda fechou-se o “Acampamento” e abriu-se o “Recanto da Alegria”, não lembro mais quem abriu, mas a turma que eram muitas ficou dividida. E nesse corri pra lá e corri pra cá, hoje somos 14, e nos comunicamos por emails aberto onde todas participam. Viramos praticamente uma família<sup>63</sup>.

O nome da turma citado como “Recanto da Alegria” tornou-se a nova comunidade do grupo, criada em oito de junho de 2007 com regras bem explícitas:

Comunidade exclusiva de um grupo que não quer mais ninguém xeretando. Para participar desta comunidade todas as respostas às perguntas abaixo têm que ser sim: Vc já viajou com esta turma? Vc já troca e-mail com toda esta turma? Vc ri e chora junto com esta turma? Vc faz orações junto com esta turma? Vc torce e vibra junto com esta turma? Vc já participou de todos os eventos promovidos por esta turma? Se foi Sim a toda as perguntas... vc faz parte da Comunidade. Se foi Não, a pelo menos uma das perguntas... Vc não faz e não fará parte da Comunidade, nem por decreto (sic)<sup>64</sup>.

Devido aos “xeretas” mencionados na descrição da comunidade é possível acreditar que os ânimos das amigas tivessem sido alterados, podendo-se imaginar que isso se deu também pelas “brigalhadas” que a comunidade “Jovens Acima de 50 Anos” estava

---

<sup>62</sup> Disponível em

<sup>63</sup> SANTOS, Mirian Gomes dos. Questionário [mensagem pessoal] recebido por <pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 25 de maio de 2010.

<sup>64</sup> DESCRIÇÃO da comunidade “Turma da Folia” no Orkut. Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=33841781> Acessado em 5 de janeiro de 2012.

proporcionando. Como visto acima, uma das regras para estar na comunidade<sup>65</sup> é ter participado de todos os encontros. Os encontros serão vistos no próximo subcapítulo, entretanto nunca houve um encontro capaz de reunir todas as integrantes do grupo. É possível supor que as regras impostas na comunidade não sejam dirigidas às amigas e sim a outras pessoas, fazendo com que o acesso ao seu círculo ficasse mais fechado, evitando o “bate boca virtual”. As amigas fazem uso do Orkut para rir no final de um dia de trabalho, como é possível observar em uma mensagem de Natal em 2006 em formato PPS que circulou entre seus e-mails, com a proposta de contar a história do grupo na da rede social:

Era uma vez uma grande floresta chamada Orkut. Orkut tinha uma peculiaridade: as árvores não eram nativas e sim plantadas por jardineiros interessados em torná-las muito viçosas! Para tanto cuidavam regando-as todos os dias, colocando o adubo necessário, cuidando de suas raízes. Então, as árvores nasciam, cresciam, tornavam-se frondosas e produziam deliciosos frutos. Algumas não tiveram a sorte de ter jardineiros tão zelosos e, por isso, não deram bons frutos. Em sua grande maioria, porém, as árvores viçosas faziam o encanto da floresta Orkut. [...] Quem a plantou deu-lhe o nome de “Recanto da Alegria”. Sabem por quê? Porque lá era um refúgio seguro, sempre que o caminhante procurava um lugar fresquinho e gostoso para descansar depois de um dia de muito trabalho (sic)<sup>66</sup>.

Com a pergunta frequente a ser preenchida na rede social “Quem sou eu”, que possibilita a construção de uma identificação do usuário, pode-se, muitas vezes, encontrar ali uma pequena biografia, em forma de uma letra de música, um poema, algo que o identifique ao menos. Estas formas de se identificar, segundo Zygmunt Bauman, são aquelas que tentam “recriar a realidade à semelhança da ideia” (BAUMAN, 2005, p. 26), ou seja, nesses perfis são colocadas projeções que os indivíduos buscam aparentar, seja no âmbito da erudição, com um poema, por exemplo, seja no religioso, como uma oração ou frase, ou ainda há os que se definem por letras de músicas e/ou vídeos. No virtual, tais identificações tornam-se moldáveis de acordo com o humor e a disposição de construção de si de cada um. No perfil, além de fotos e vídeos, é possível obter várias outras informações, como a data de aniversário, se o usuário tem filhos ou não, a religião, o humor (a seu ver), preferências de músicas e filmes, entre outras coisas. Entendendo estes espaços de sociabilidades virtuais como possibilidades para a construção de si, pode-se perceber que estas são dadas a partir de ferramentas

---

<sup>65</sup> Atualmente a comunidade conta com apenas 5 membros e apenas 2 integrantes do grupo permanecem nela, que são Teresa - que segundo a comunidade é a criadora - e Malu. Isto se dá pelo fato de muitas das integrantes não participarem mais ativamente nos seus perfis ou preferindo outras redes sociais.

<sup>66</sup> Mensagem de fim de ano produzida por Valéria Linhares Bastos, integrante do grupo, 2006.

oferecidas pelo provedor ao usuário da rede, que através dos chamados perfis, possibilitam o traçar de personalidades através destas “escritas de fora” (CUNHA, 2009, p. 258).

Outras ferramentas disponíveis nestas redes sociais também auxiliam na construção de perfis: as comunidades. Como explicado anteriormente, comunidades são fóruns abertos ao debate de usuários que ali decidiram estar. Entretanto, elas tomam outras proporções: mesmo não sendo utilizados com a finalidade do debate – na ordem do cotidiano –, estes pequenos (ou grandes) grupos encontrados na rede funcionam como meio para se difundir gostos e opiniões, muitas vezes até numa proporção maior que o próprio debate – proposta inicial das comunidades. Por meio delas, o usuário mostra aos outros seus gostos, suas preferências, suas opiniões, e, somadas aos perfis e às fotografias disponibilizadas pelos usuários, formam um “caráter on-line” da pessoa.

As mulheres, muitas delas mães de uma geração que tem as mídias “introjetadas” em seu cotidiano, passaram por todo um processo de adaptação, seja em cursinhos de informática, muito populares na segunda metade da década de 1990, no trabalho, ou ainda auxiliados pelos filhos em casa. A geração destas mulheres assistiu ao *boom* da computação com certa resistência, pois elas tiveram de ser “reeducadas”, por exemplo, ao deixar a máquina de escrever de lado e se adaptar à linguagem do computador. É uma série de novos signos que está a postos: agora escrever um simples ofício para o escritório não requer somente habilidade na máquina de escrever e uma folha de papel, mas sim aventurar-se em editores de texto e impressoras. Ligar o computador e interpretar seus sons e imagens requer paciência e coragem para não ficarmos refém dos outros, principalmente dos mais novos. No comentário de Lia podemos ver como ela driblou as dificuldades da nova ferramenta:

Comecei a usar o computador em 2004 quando minha filha viajou para os Estados Unidos pra fazer uma parte do mestrado. Seria só a Internet que poderia diminuir essa distância, a ligação telefônica fica caríssima. Eu já tinha computador desde o ano de 1999 por causa de meus filhos, porém só eles acessavam. Eu na verdade só tirava a poeira e arrumava a mesinha que meus filhos deixavam sempre desarrumada. Eu tinha medo da máquina, tinha medo de estragá-la e meus filhos precisarem dela pra fazer os trabalhos do Colégio e Faculdade. Consegui vencer essa barreira por necessidade de me comunicar com a filha longe. E fui vencendo as etapas, perguntava aos filhos, amigos, fiz um cursinho básico de duas semanas, o resto que aprendi foi mesmo na curiosidade (sic)<sup>67</sup>.

---

<sup>67</sup> LIMA, Lia Nogueira. Questionário [mensagem pessoal] recebido por [pedro.eurico.rodrigues@gmail.com](mailto:pedro.eurico.rodrigues@gmail.com) em 08 de maio de 2010.



Mesmo assim, dentro do grupo encontram-se contrastes: algumas delas só limpavam a mesinha do computador e depois passaram a usar a máquina com maestria. Para outras a adaptação foi mais fácil como é o caso de Graça:

Nenhuma dificuldade com a nova linguagem. Inicialmente só usava o word, aposentando a máquina de escrever, mas logo descobri a internet e comecei a comunicação com familiares que moram longe, penso que a partir de 1996, então fui despertando para as mil possibilidades que encontrei na net assim como viajar na literatura e nas artes<sup>68</sup>.

Desta forma é notável como cada uma das mulheres reagiu às novas tecnologias: estar inserida no mercado de trabalho que exige tais aptidões fez com que Graça, por exemplo, tivesse que aposentar a máquina de escrever e trabalhar com o computador desde 1996. No caso de Lia, que já tinha computador em casa desde 1999, a necessidade de se comunicar com a filha é que a fez enfrentar as barreiras impostas pela máquina, somente em 2004.

Muitas vezes as novas práticas on-line sofreram reprovações por parte da família e dos amigos, possivelmente pelo desconhecimento dos caminhos traçados no virtual. Nos questionários, muitas das mulheres responderam como a família e amigos veem essa amizade virtual, que já era real. A maior parte disse não ter problema nenhum com a família ou amigos. Dos dez questionários apenas dois responderam que enfrentaram certa resistência da família, que é o caso de Sandra e Mirian. Na família da primeira a preocupação se dava pelo tratamento negativo dado pelas mídias sobre as redes sociais:

De início acredito que ficaram receosos, até porque aqui em casa fui a primeira a utilizar os sites de relacionamentos e o que escutavam não era muito animador. Aos poucos foram conhecendo as “meninas” e entendendo o porquê fiquei fã da TURMA DA FOLIA (sic)<sup>69</sup>.

Já Mirian teve apoio dos filhos, porém o marido era contra:

---

<sup>68</sup> MACIEL, Maria das Graças Pires. Questionário [mensagem pessoal] recebido por pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 27 de maio de 2010.

<sup>69</sup> AZEREDO, Sandra Guimarães de. Questionário [mensagem pessoal] recebido por pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 26 de maio de 2010.

No início eu não tive resistência nenhuma, pelo contrário, meus filhos adoravam quando eu contava das brigas, das conversas... etc., só o meu marido que olhava meio torto, mas ficava na dele. Só quando eu resolvi viajar e conhecer a turma pessoalmente foi que ele quase bota um ovo. Foi terminantemente contra, mas os meus filhos me apoiaram totalmente<sup>70</sup>.

As trajetórias destas mulheres na Internet passaram do on-line para o off-line, tendo no Orkut apenas um ponto de partida: “O Orkut deixou de ser a única forma para reunir esse grupo e acabamos por optar pela comunicação através de emails, MSN, telefonemas, torpedos e os próprios encontros reais (sic)”<sup>71</sup>. A partir dos seus encontros quase que diários no on-line, a vontade de estar junto falou mais alto. Assim novas redes de sociabilidade foram criadas, para além dos encontros anuais passaram a se encontrar em viagens menores, hospedaram filhos umas das outras em suas cidades, e até mesmo amigos dos filhos. Isso tudo não seria nada extraordinário, pois é isso que se espera de amigos, porém o mais extraordinário é que toda essa afetividade se deu através de algumas conexões, desconexões, cliques no mouse, muito teclado, e coração aberto para elegerem umas às outras para estarem entre amigas.

## 2.2 ENTRE AMIGAS: EXEMPLO DE SITUAÇÃO DE MULHERES ACIMA DE 50 ANOS NO OFF-LINE

*No encontro real, imediatamente nos identificamos, pois eram todas exatamente como se apresentavam na net. Então já eram queridas, foi só sacramentar nossa amizade<sup>72</sup>.*

*Quando organizaram o encontro no Rio, em 2007, pude participar e conhecer quase todas. Como todo namoro à distância o estar junto foi cheio de expectativas e muito bom<sup>73</sup>.*

Após uma experiência on-line, as integrantes do grupo buscam “sacramentar a amizade”. Nestas vivências, foram trocando e-mails e, a partir disso, os laços tornaram-se mais fortes a ponto de se telefonarem, e não aguentando somente ouvir a voz do outro lado,

---

<sup>70</sup> SANTOS, Mirian Gomes dos. Questionário [mensagem pessoal] recebido por <pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 25 de maio de 2010.

<sup>71</sup> AZEREDO, Sandra Guimarães de. Questionário [mensagem pessoal] recebido por pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 26 de maio de 2010.

<sup>72</sup> MACIEL, Maria das Graças Pires. Questionário [mensagem pessoal] recebido por pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 27 de maio de 2010.

<sup>73</sup> AZEREDO, Sandra Guimarães de. Questionário [mensagem pessoal] recebido por pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 26 de maio de 2010.

houve um desejo de ultrapassar as barreiras virtuais e promover um encontro real, físico, como é posto na mensagem de Natal em 2006:

Um dia, porém, Recanto sentiu muita necessidade de tomar outros ares. Ela, muito aventureira por sinal, tinha muita dificuldade em ficar sempre num único lugar. [...] Seu grande desejo era conhecer outras paisagens, ora com praias, ora com rios, ora com montanhas... [...] Como suas raízes e suas flores eram muito fortes não se ressentiam com as mudanças, pelo contrário, ficavam cada vez mais integradas e felizes. [...] Um dia, tomou coragem e foi conhecer Florianópolis. Suas flores ficaram tão felizes e fizeram tantas estripulias, que resolveram trocar o nome da árvore para “Turma da Folia”. Como nem tudo é perfeito mesmo, algumas ficaram tristes porque não puderam participar do passeio (sic)<sup>74</sup>.

Dentre as quatorze integrantes da “Turma da Folia”, apenas seis participaram do encontro de janeiro de 2006, como já foi descrito anteriormente. Esse foi o primeiro passo para o rompimento com o virtual, em que na tela do computador só viam um perfil traçado entre palavras e fotografias, e agora, no encontro, o corpo físico se fez presente. Seis mulheres estranhas umas às outras fisicamente, pois na rede já eram amigas a pelo menos um ano. Um ano pode parecer pouco, mas a aceleração e a intensidade que o presente proporciona uma percepção do tempo de outra forma, como as velocidades impostas nestes espaços virtuais. Andréas Huyssen dá indícios destes aceleramentos na seguinte assertiva: “Quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para a memória em busca do conforto” (HUYSSSEN, 2000, p. 32). Assim, seguem as mulheres “Jovens Acima de 50 Anos” vendo que é possível o convívio. Sobre ultrapassar as barreiras do virtual, Sônia comenta:

[...] umas me chamam de louca, outras de corajosa. Quando, depois de um certo tempo teclando, se há sinceridade, a gente fica apreensiva, mas não temerosa. A apreensão e o fato que martela na cabeça: SEREI ACEITA? Sou muito franca e, algumas vezes, mal compreendida. Porém, a partir do momento que a gente olha no olho. Tem certeza de que não há nenhum problema. É muita emoção. Parece que a gente já se conhece há muito, muito tempo. A alegria é intensa e, na despedida, a gente sente que deixou um pedaço. Conheci várias pessoas que contatei na telinha, mas devo esclarecer que, como esta nossa Turma da Folia, ninguém (sic)<sup>75</sup>.

Na tabela 3, é possível verificar os perfis de cada integrante, além dos encontros que cada uma participou: estão ali dispostos o estado civil, o Estado em que mora, se tem filhos e

<sup>74</sup> Mensagem de fim de ano produzida por Valéria Linhares Bastos, integrante do grupo, 2006.

<sup>75</sup> SOGAWA, Sonia Maria Jannuzzi. Questionário [mensagem pessoal] recebido por pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 10 de maio de 2010.

a sua profissão. Esta tabela foi construída a partir dos perfis do Orkut e dos questionários enviados por e-mail.

<b>Turma da Folia</b>	<b>Profissão</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Filhos</b>	<b>UF</b>	<b>Cidades e Anos dos Encontros em que Participou</b>
Ana	Bancária Aposentada	Casada	Sim	PR	Florianópolis, 2006; Porto Alegre, 2006; Rio de Janeiro, 2007; São Paulo, 2009; Curitiba, 2010
Graça	Bancária Aposentada	Casada	Sim	BA	Rio de Janeiro, 2007; Curitiba, 2010
Isa	Psicóloga	Separada	Sim	SP	Rio de Janeiro, 2007; Belo Horizonte, 2008; São Paulo, 2009
Iva	Funcionária Pública	Separada	Sim	RS	Florianópolis, 2006; Porto Alegre, 2006; Rio de Janeiro, 2007; São Paulo, 2009; Curitiba, 2010
Lia	Professora Aposentada	Viúva	Sim	RJ	Florianópolis, 2006; Porto Alegre, 2006; Rio de Janeiro, 2007; São Paulo, 2009; Curitiba, 2010
Malú	Psicóloga	Solteira	Não	SP	São Paulo, 2009; Curitiba, 2010
Mirian	Técnica em Química Industrial	Casada	Sim	BA	Rio de Janeiro, 2007; São Paulo, 2009; Curitiba, 2010
Regina	Historiadora e Psicóloga	Viúva	Sim	RJ	Rio de Janeiro, 2007
Sandra	Fonoaudióloga	Casada	Não	RJ	Rio de Janeiro, 2007; São Paulo, 2009; Curitiba, 2010
Silvana	Funcionária Pública Aposentada	Separada	Sim	SC	Florianópolis, 2006; Porto Alegre, 2006; Rio de Janeiro, 2007; São Paulo, 2009
Silvia	Professora do Estado Aposentada	Casada	Sim	RS	Florianópolis, 2006; Porto Alegre, 2006; Rio de Janeiro, 2007; Curitiba, 2010
Sônia	Professora	Casada	Sim	MG	Porto Alegre, 2006; Rio de Janeiro, 2007; Belo Horizonte, 2008; São Paulo, 2009
Teresa	Psicóloga	Casada	Sim	RJ	Rio de Janeiro, 2007; Belo Horizonte, 2008; São Paulo, 2009
Valéria	Psicóloga	Casada	Sim	SP	Porto Alegre, 2006; Rio de Janeiro, 2007; Belo Horizonte, 2008; São Paulo, 2009; Curitiba, 2010

**Tabela 3:** Perfil do Grupo<sup>76</sup>

A “Turma da Folia”, em seus quatro anos de história (2006 a 2010) já promoveu cinco encontros. Observa-se na vontade do encontro, uma maneira de romper as barreiras do on-line, e de estarem juntas nesta configuração de amizade, quando novas integrantes passam a ser anexadas e outras divergem do caminho traçado pelo grupo. Cada encontro traz uma ou mais integrantes como organizadoras, estas geralmente são naturais da cidade sede do evento. São elas que têm o encargo de apresentar o lugar onde vivem, apresentando familiares e

<sup>76</sup> Tabela construída a partir dos questionários por e-mail e perfis do Orkut.

amigos. Uma forma de estreitar cada vez mais os laços entre elas. Com o intuito de se fazer conhecer seus trajetos, mostrando um pouco do seu cotidiano.

O primeiro encontro sediado, em janeiro de 2006, em Florianópolis (SC), teve a participação de seis mulheres. Este foi uma espécie de surpresa para Silvana, a organizadora deste encontro, que esperava apenas Ana e Silvia, por estarem veraneando no Estado de Santa Catarina. Segundo Lia, “foi um encontro mágico, pois as pessoas saíram do virtual para o real, e o melhor de tudo é que não nos decepcionamos, todas eram ‘AQUILO’ que foi idealizado (sic)”<sup>77</sup>. Este contato se deu em um hotel da cidade, como relata Silvia:

O primeiro encontro foi em Florianópolis e partiu de uma ideia de aproveitarmos a temporada de verão para eu e Aninha conhecermos nossa amiga Silzinha a quem denominamos carinhosamente como "A dona da Ilha". A ideia foi tomando proporção e criando nas demais amigas um desejo de juntarem-se a nós para o encontro que foi intitulado Florifolia, marco histórico dos encontros da turma. Como estávamos acostumadas a nos encontrar virtualmente no café da manhã no acampamento, o nosso encontro real foi com direito a café da manhã real. Ali conheci Alda e logo após Lia, Silzinha e Delma que apareceu na maior surpresa, provocando uma grande algazarra, pois Iva fizera segredo total da participação de Delma<sup>78</sup>.

Este encontro teve a participação de duas mulheres que eram conhecidas do grupo, Delma e Alda, que partilharam amizade com as integrantes da comunidade na internet, porém o tempo fez com que elas se afastassem. Sobre o reconhecer o outro, Silvana conta um episódio protagonizado por ela e Delma:

Só conhecia Delma por uma foto meio distante e o encontro foi no café da manhã de um hotel. Quando chegamos, Lia e eu, "uma moça" estava no bufê a se servir. Chegou ao meu lado e perguntou: "senhora posso sentar-me aqui com vocês"? Achei estranhíssimo, pois havia uma porção de mesas desocupadas. Era um trote. Não reconheci Delma ao vivo, pois não estava preparada para sua presença. Ela havia dito que não vinha. Por conta disso, rolou muita risada (sic)<sup>79</sup>.

As amigas seguem conhecendo a cidade durante os dias do encontro, com direito a ligação das que estão longe, como revela Silvia:

---

<sup>77</sup> LIMA, Lia Nogueira. Questionário [mensagem pessoal] recebido por pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 08 de maio de 2010.

<sup>78</sup> MALLMANN, Silvia Helena Beckel. Questionário [mensagem pessoal] recebido por <pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 13 de maio de 2010.

<sup>79</sup> ANDRADE, Silvana Ramos Mello Santiago de. Questionário [mensagem pessoal] recebido por pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 08 de maio de 2010.

O dia foi de muito papo, passadinha no Box 32 para brindarmos com chopp aquele momento tão especial. Lembro que Graça, nossa amiga da Bahia, enviou através de Sedex, lembrancinhas da Bahia para a turma e quando estávamos no ônibus que nos levou a Jurerê ligou e conversamos com ela, foi uma alegria só<sup>80</sup>.

Depois do “Florifolia”, as amigas não perderam tempo e decidiram logo se encontram em Porto Alegre (RS): seis meses depois ocorre o “Pampafolia”. Até 2010, as amigas viveram mais três encontros, o “Riofolia” em 2007, no Rio de Janeiro e Niterói (RJ), o “Uaifolia” em 2008, em Contagem e Belo Horizonte (MG), o “Sampafolia” em São Paulo (SP) em 2009 e o “Curifolia” em Curitiba (PR) 2010, com quóruns variados. Vou ater-me aqui ao encontro de 2007, pois foi o que teve o maior número de participantes, contando com treze ao total.

A partir do encontro ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, em 2007, foi produzido um do *Diário de Bordo*, por Silvana<sup>81</sup>, que constitui em um diário com trinta e três páginas, descrevendo o encontro entre os dias 18 e 31 de janeiro, além de uma compilação das impressões de cada uma das treze participantes. Por esta escrita ordinária<sup>82</sup>, analisaremos o encontro entrelaçando tais informações com as respostas dos questionários. No dia 18 de janeiro de 2007 Silvana escreve:

Onze horas – Já estou no aeroporto. Parece que vai haver um pequeno atraso. Vou tomar uma coca-cola e comer um pão de queijo que meu café da manhã não foi lá grandes coisas. Agora é esperar que este voo decole. Decolou. Meia hora de atraso, mas a viagem foi maravilhosa. Às 13:40h estava finalmente pousando no Aeroporto Tom Jobim. O dia está nublado, mas não impede que em meus ouvidos soe o Samba do Avião. [...] Lia e Regina me esperam e o encontro é lindo e maravilhoso. O comitê de recepção brindou-me com uma peruca de rafia cor-de-rosa, colares e pulseiras mangueirenses e boas também verde e rosa que teimavam em entrar pela boca e pelo nariz. Cheguei primeiro, paguei o mico sozinha. Fotos, muitas fotos, brindei com cafezinho e rumo a Niterói, nossa sede na Cidade Maravilhosa. (ANDRADE, 2007, p. 2)

Neste diário “off-line”, pode-se notar que a extraordinariedade do encontro é causada pelo distanciamento das integrantes, porém a intimidade gerada pelo contato travado pela

---

<sup>80</sup> MALLMANN, Silvia Helena Beckel. Questionário [mensagem pessoal] recebido por <pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 13 de maio de 2010.

<sup>81</sup> ANDRADE, Silvana Ramos Mello Santiago de. *Diário de Bordo: Riofolia*. Arquivo Digital. 33 páginas. Janeiro de 2007.

<sup>82</sup> O termo “escrita ordinária” refere-se a todo material escrito que é feito/escrito por pessoas comuns, no seu cotidiano, sem o objetivo de atingir fama. As escritas ordinárias são alvo de estudos na perspectiva da História da Cultura Escrita (GOMÉZ, 2002; HEBRARD, 2000; FABRE, 1993).

Internet e pelos encontros anteriores, o despojamento entre amigas faz-se possível. Elas não são mais estranhas, a amizade é cultivada através de e-mails e mensagens na rede social. O relato acima citado, mostra uma nova maneira de se relacionar: à distância, em que o afastamento físico já não importa.

No dia 23, a autora do diário de bordo descreve a recepção feita a outras duas integrantes que vinham de Salvador (BA). O grupo que as recepcionava já estava maior mostrando aos transeuntes do saguão do aeroporto a alegria do encontro:

Colocamos todos os penduricalhos coloridos, brilhantes e piscantes, óculos de todas as formas e Iva lá de freira, arrasando. O povo parou para ver aquela farra. O aeroporto estava cheio de policiais federais e cheguei a pensar na hipótese de uma prisão por arruaça em local público. Imagina! Recepcionamos as meninas naquela farra, uma zoeira com o mico de praxe e Iva lá, zanzando ao longe. De repente Graça percebeu a gaiatice e foi uma explosão. Ninguém conseguia parar de rir. Sei que saímos daquele aeroporto tendo feito a alegria do povo que veio até nos cumprimentar pela alegria e bom humor. (ANDRADE, 2007, p. 7)

Por este excerto torna-se visível a vontade do encontro que perpassou as barreiras da Internet. Reunidas em um grupo característico pela relação de mulheres oriundas de diversas partes do país. Estas, mostram-se alegres na presença das “amigas da Internet”. O que se pode inferir é que a comunicação propiciada pela Internet fez com que houvesse uma valorização do encontro pessoal, pois ele é efêmero e rápido.

O “diário de bordo”, fonte produzida por uma das integrantes do grupo, mostra o que é narrado e para quem é narrado, trazendo elementos capazes de construir as trajetórias do grupo. O diário off-line, além de contar com uma descrição dos dias passados em conjunto, conta também com o olhar de cada uma das participantes sobre o encontro. Neste diário, a autora compilou escritas das demais componentes do grupo em forma de e-mail, que descrevem suas percepções pessoais acerca do encontro e da cidade. Após completo, cada participante recebeu uma cópia deste diário através de grupo de e-mails, como um *souvenir*, uma lembrança do seu passado em conjunto. Sobre a prática diarística é possível pensar os diários como “registros de vida produzidos individualmente, mas que guardam traços culturais de um capital de vivências da época de quem o escreve” (CUNHA, 2009, p. 259). Ou seja, através dos escritos de Silvana é possível notar a prática de um grupo e seus caminhos percorridos, seja em aeroportos ou em pontos turísticos. Com o seu diário de bordo

foi possível expressar experiências coletivas do grupo, através de suas memórias, de acordo com a mesma autora:

Na escrita do diário confluem o individual e o familiar e a memória que se cria pode ser analisada como uma memória que também comporta o pertencimento a um grupo e, como tal, pode ser tratada como uma forma de memória coletiva. Além disso, a escrita pessoal se nutre do relato de acontecimentos coletivos que impactam o diarista e fizeram parte da experiência vital de sua realidade. (CUNHA, 2009, p. 259)



Figura 6: Foto da “Turma da Folia”, com 12 integrantes<sup>83</sup>

A Internet tem possibilidades de fazer viajar para além do encontro tela a tela, ou a visualização via satélite de determinada cidade. A partir dos encontros no Orkut, Mirian teve coragem para se encontrar com as amigas e viajar pela primeira vez de avião: “Eu, com 48 anos na época, nunca tinha viajado. O mais longe que tinha ido foi a Aracajú na minha lua de mel, fomos de carro. Nunca tinha andado de avião e nem imaginava que um dia pudesse”<sup>84</sup>. Contrariando a vontade do marido, e sendo apoiada pelos filhos, Miran conta como arquitetou

<sup>83</sup> Da esquerda para direita: Sônia, Mirian, Ana, Silvia, Silvana, Valéria, Iza, Iva, Lia, Sandra, Amiga de Regina, Regina (de óculos) e Graça (Sentada). Na foto faltaram apenas Teresa, que compareceu ao evento, e Malu que não pôde ir ao mesmo. Foto retirada de ANDRADE, Silvana Ramos Mello Santiago de. **Diário de Bordo: Riofolia**. Arquivo Digital. 33 páginas. 2007. p. 15.

<sup>84</sup> SANTOS, Mirian Gomes dos. Questionário [mensagem pessoal] recebido por <pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 25 de maio de 2010.



a sua viagem:

Quando elas marcaram o encontro de 2007, o Riofolia, eu via nos emails a animação, e nem pensava em ir. Só vi uma possibilidade, quando uma certa noite encontrei com a Lia no MSN. Ela me contava que algumas meninas iriam ficar na casa dela hospedada. Aí teve uma hora que ela disse: porque você não vem? Compre passagem em prestações, arrume o dinheiro pros passeios, a hospedagem eu dou, você fica aqui em meu apartamento junto com as meninas. Nessa hora eu tomei um susto, aí perguntei: Isso é sério? ela disse: claro que sim, arrumo um lugar pra você. Bom, depois dessa conversa eu criei coragem e falei com meus filhos que imediatamente concordaram. Depois eu falei com meu marido que não deixou de jeito nenhum. Ele dizia você é louca? Vai atrás desse povo de Internet? Fale com seus filhos, veja se eles vão concordar? Mal sabia ele que os meninos já haviam concordado. Outro fato que ajudou muito foi quando falei com a Graça da minha vontade de ir, e que a Lia havia me chamado, mas não tinha ainda o dinheiro de passagem, ela sem me conhecer ainda pessoalmente, comprou minha passagem junto com a dela para eu ir pagando como pudesse. Então, fomos juntas, porque sozinha não teria coragem de ir. Meus filhos fizeram uma vaquinha e cada um contribuiu com uma parte, o dinheiro arrecadado dava para eu ir tranquila. Na época meu pai era vivo e eu contei a ideia de conhecer pessoas da Internet. Ele perguntou: tem alguém pra ir com você? Eu falei que sim, tinha uma amiga que ia comigo. Ele disse: Então vá. Aí foi que ninguém mais me segurou, fui e passei dias inesquecíveis, foi tudo perfeito<sup>85</sup>.

A integrante mais jovem do grupo “Jovens Acima de 50 Anos” precisou da aprovação dos filhos e de seu pai, que certamente mal sabia o que era essa tal de Internet. Com esse excerto, pode-se perceber a diferença entre essas mulheres, e que a amizade delas transcende no sentido dos acessos que cada uma teve. Desde a integrante que nunca viajou de avião até a que já morou fora do Brasil, da que teve acesso à Internet desde seu início até a que acabou de se conectar. A disparidade econômica entre elas não é gritante, mesmo porque, viajar de avião no presente, por exemplo, não é tão inatingível assim para as camadas populares, bem como o acesso ao computador vem se democratizando. O que quero salientar é que, para algumas das mulheres é “mais fácil” viajar, fazer os passeios, do que para outras, mostrando que mesmo nestas diferenças há uma amizade, como coloca Sandra:

Porém não foi só nesses eventos que estivemos juntas, quando uma aniversaria ou passa pela nossa cidade, procuramos nos ver, trocar duas palavrinhas, jogar conversa fora e comemorar a sorte de ter encontrado, depois de alguns anos, pessoas com quem podemos começar uma amizade, dividir momentos de alegria e dificuldade que a vida nos apresenta, independente da crença, da raça, nível cultural ou financeiro. Durante esse percurso, lógico que tivemos alguns desentendimentos, mas o que pesa é que temos carinho umas pelas outras e sentimos prazer quando

---

<sup>85</sup> SANTOS, Mirian Gomes dos. Questionário [mensagem pessoal] recebido por <pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 25 de maio de 2010.

nos encontramos<sup>86</sup>.

Nas palavras de Silvia, encontradas na compilação do “Diário de Bordo” de Silvana em 2007, tem-se a impressão do que para ela foi se encontrar com as amigas virtuais, descrevendo as sensações dos encontros com algumas das amigas presentes:

para mim foi a constatação de que é possível sim transformar uma amizade virtual em real, pois nós da TURMA DA FOLIA somos um exemplo vivo dessa transformação. Foi muito bom poder olhar nos olhos de Graça, cujo sorriso transmite a beleza de sua alma, o carinho dos abraços diários de Mirian, Regina tão alegre e sempre pronta para a bagunça, [...] Teresa alegre, chega já fazendo graça, Isa transmitindo bom senso, conhecimento. Rever Maat, Valéria, Lia, Silzinha, Iva, Aninha, foi um colírio para os olhos. Vivi momentos que jamais serão esquecidos, desde a minha chegada onde fui tão bem recepcionada, onde senti o carinho presente em cada rosto que beijei, em cada abraço que dei, as farras na Van, os lindos dias vividos no poleiro da Lia que tão carinhosamente nos recebeu, a ida à Mangueira, a emoção de estar aos pés do Cristo Redentor, Pão de Açúcar, o tour fantástico pelas lindas praias de Niterói, enfim, tudo foi perfeito, maravilhoso e onde foi possível tornar nossa amizade mais fortalecida. (ANDRADE, 2007, p. 28)

As trajetórias das 14 mulheres espalhadas por todo o Brasil, que se conectaram em busca apenas de entretenimento, foram traçadas nos rastros deixados no on-line e no off-line, mostrando que é possível estabelecer vínculos de amizade através da Internet. Ao olhar para esse tempo passado, porém presente, onde se comunicar com “estranhos” torna-se comum, pelo menos nas esferas da Internet, as possibilidades são imensas, as práticas são cada vez mais rápidas e constantemente (re)inventadas. O presente é posto cada vez mais no centro, a ânsia de passado faz com que o presente se alargue cada vez mais, fugindo sempre de um futuro não muito desejado, haja vista que neste futuro geralmente vê-se o pior: em um fim temos a morte. Quem sabe lidar com ela? E, nesse meio, entre o presente e a morte, tem de se lidar como o derretimento das calotas polares, a falta de água global e o fim de tantos outros recursos naturais; enfim esse futuro não é algo positivo de se ser pensado. Esse medo do que há no horizonte leva a crer que o presente é algo mais confiável e confortável, e que olhar nostalgicamente para o passado reconforta mais do que o futuro pessimista de que falam as mídias. Nas palavras de Hartog (1996):

Assim fomos do futurismo para o presentismo e ficamos habitando um presente hipertrofiado que tem a pretensão de ser seu próprio horizonte: sem passado, sem futuro, ou a gerar seu próprio passado e seu próprio futuro. Múltiplos sinais disto: nossas atitudes para com a morte, assim justamente estudadas por Phillippe Ariès, a

---

<sup>86</sup> AZEREDO, Sandra Guimarães de. Questionário [mensagem pessoal] recebido por pedro.eurico.rodrigues@gmail.com> em 26 de maio de 2010.

extrema valorização da juventude, todas as técnicas que têm suprimir o tempo (o tempo do computador e o tempo real).

## CAPÍTULO III - CONSTRUÇÕES DE SI NA WEB: BLOGUE E O ORKUT

### 3.1 “CADA MERGULHO É UM FLASH”: O PRESENTISMO NOS ÁLBUNS DO ORKUT

*“Hoje vendi a foto para o jornal The Sun, o mais famoso daqui. Sem noçãooooo. Moh grana!” Ana Ferreira, pernambucana de 18 anos, falando no Orkut sobre seu faturamento com a foto em que o príncipe William tasca a mão sobre o seu seio<sup>87</sup>.*

No ano de 2001, a Rede Globo transmitia a novela “O Clone”, de Glória Perez, e uma de suas personagens interpretadas pela atriz Mara Marzan tinha um bordão que se tornou muito usual durante toda a primeira década do século XXI: “Cada Mergulho é um Flash”, dizia. Tanto a primeira frase da brasileira que ganhou dinheiro com uma foto indecente do Príncipe William, como o bordão da personagem, revelam uma nova prática se intensificando na década que se inicia: fotografar.

Walter Benjamin (1987, p. 91-107) dedicou-se em “A pequena História da Fotografia” a narrar a trajetória da possibilidade de congelar uma imagem no tempo, desde o daguerreótipo aos usos da fotografia nas obras de arte. Ele escreve um decênio depois que as máquinas fotográficas começavam a ser industrializadas, em 1931. Há, na primeira década do século XXI, uma aproximação com a década de 1920, período em que a máquina fotográfica possibilitou retratos, postais e diálogos com as obras de arte: um mundo novo se abriu. Nos anos de 2001 a 2010, tem-se, sem dúvida, mais fotografias do que todo o século XX pôde experimentar<sup>88</sup>, pelo menos no acesso a elas, com o advento da máquina digital, as fotografias além de banais, mudaram a relação com o tempo, pois nesta década o que se nota é que com o auxílio da informática, a produção de memórias revela uma das faces do presentismo. Noventa anos depois de Walter Benjamin ter escrito “A Pequena História da Fotografia” (1931), com todos os dispositivos fotográficos de que a nossa sociedade dispõe, o autor faz um exercício de futurologia na conclusão do seu artigo: “Já se disse que ‘o analfabeto do

---

<sup>87</sup> VEJA Essa, In: **Revista Veja**. 04 de abril de 2007. P. 52

<sup>88</sup> FLICKR comemora 4 bilhões de fotos publicadas no site. **Folha Online**. São Paulo. 15 de out de 2009. Informática. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u638129.shtml> Acessado em 15 de out de 2009.

futuro não será quem não sabe escrever, e sim quem não sabe fotografar'. Mas um fotógrafo que não sabe ler suas próprias imagens não é pior que um analfabeto?" (BENJAMIN, 1987, p. 107). A atual década experimenta o fotografar demasiado, notar uma imensidão de alfabetizados funcionais em fotografia, mais poucos leem ou procuram ler suas fotos, há apenas uma vontade de armazenar estas imagens, na tentativa de impedir um dos processos da memória: o esquecimento.

Entre o lembrar e o esquecer são traçados os processos dialéticos da memória (NORA, 1993). Na Internet, temos inúmeras memórias disponíveis, entre fotos, vídeos e documentos, um meio que permitiu agruparmos tudo isso em apenas um espaço. Essa vontade de guardar só pode ser manifestada na Internet por ser também uma vontade manifesta de nossa época, como salienta Pierra Nora (1993, p. 15):

Nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa, não somente pelo volume que a sociedade moderna espontaneamente produz, não somente pelos meios técnicos de reprodução e de conservação de que dispõe, mas pela superstição e pelo respeito ao vestígio. À medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história.

Qualquer vestígio de passado que possa ser guardado assim será. No caso da câmera fotográfica digital, o casamento, o primeiro banho, os primeiros passos, festa de aniversário, o professor em sala de aula, os alunos trabalhando, e uma infinidade de outros momentos também passaram a ser documentados. Como aponta Andreas Huyssen (2000), há um processo de "musealização do passado", conceito que, para o autor, se dá pela vontade de preservar estes passados presentes, tomando um distanciamento de uma amnésia, há uma vontade de lembrar para não esquecer, opondo assim os processos da memória, que são indissociáveis e insolúveis, não funcionam separadamente. Como coloca o autor: "Não há dúvida que o mundo está sendo musealizado e que todos nós representamos os nossos papéis neste processo. É como se o objetivo fosse conseguir a recordação total" (HUYSSSEN, 2000, p. 15). Vive-se um momento crescente de produções de memória em vários setores, desde as grandes corporações que começam a se situar no tempo, comemorando em propagandas seus decênios, quinquênios e centenários, em contra partida o lançamento de biografias, entre autorizadas e não autorizadas, enchem as prateleiras das livrarias. Há um boom de memórias,

onde o consumo do passado torna-se cada vez mais presente. Andreas Hyussen (2000, p. 14) ajuda a pensar nestes processos de lembrar e esquecer da contemporaneidade:

Desde a década de 1970, pode-se observar, na Europa e nos Estados Unidos, a restauração historicizante de velhos centros urbanos, cidades-museus e paisagens inteiras, empreendimentos patrimoniais e heranças nacionais, a onda da nova arquitetura de museus (que não mostra sinais de esgotamento), o *boom* das modas retrô e dos utensílios retrô, a comercialização através da câmera de vídeo, a literatura memorialística e confessional, o crescimento dos romances autobiográficos e históricos pós-modernos (com as suas difíceis negociações entre fato e ficção), a difusão das práticas memorialísticas nas artes visuais, geralmente usando a fotografia como suporte, e o aumento do número de documentários na televisão, incluindo, nos Estados Unidos, um canal totalmente voltado para história: o *History Channel*.

Na Internet, estas práticas memorialísticas também são postas a todo instante, seja no montante de fotografias disponíveis, nos vídeos, ou nos e-books, há um armazenamento incessante de memórias.

A fotografia, desde sua existência, tem como uma de suas funções o fazer lembrar, seja nos álbuns de família ou nos cartões postais, que figuravam como “imagens-lembrança” que são “refiguradas nos postais, as imagens da cidade proporcionam uma percepção afetiva e estética dos monumentos e paisagens, denotando o processo de interiorização e familiaridade com o local” (SCHAPOCHNIK, 1999 p. 426). Os álbuns de fotografia, bem como os cartões postais, configuram-se no âmbito da vida privada, e são revisitados para lembrar momentos importantes da vida, como os álbuns. Sendo do âmbito privado, tais elementos não são expostos a outras pessoas, ao menos que o dono destes abra a sua intimidade. Na Internet, as fotografias passaram de subexposto para exposto e até mesmo superexposto<sup>89</sup>. O grau de exposição que o indivíduo coloca seus álbuns varia, pois no Orkut, por exemplo, ele pode escolher compartilhar suas fotos aos seus amigos, ou para todos que possuem um perfil na rede social.

No início, em 2004, cada usuário do Orkut poderia ter 12 fotos em seu álbum e assim permaneceu por três anos. Com a compra do site pela empresa Google em 2007, o crescimento da capacidade do site em relação à publicação de fotos teve um crescimento

---

<sup>89</sup> Os termos subexposto/expostos/superexposto estão de acordo com Virilio (1993, p. 110).

exorbitante. No dia 19 de setembro, foi anunciado o dobro de fotos no seu blogue<sup>90</sup> e em menos de um mês o site já concedia cem fotos por perfil<sup>91</sup>. Em menos de um ano, o mesmo blogue anunciava mil fotos por perfil em 12 de fevereiro de 2008<sup>92</sup>, e dois meses depois as fotos chegavam ao número de dez mil por álbum<sup>93</sup>. Todos estes investimentos se dão por alguns motivos, e um deles é a facilidade de compra das câmeras digitais. Outro fator foi a popularização dos celulares com câmeras acopladas. Neste período, outra possibilidade de construção de álbuns on-line foi também a popularidade dos scanners que permitiram tirar as “velhas” fotografias “reveladas” do fundo do baú e transformá-las em arquivos digitais.

Em 2005, a Revista Veja nos dá indícios desta nova prática de fotografar, bem como uma ideia de preço do novo apetrecho, a câmera fotográfica digital:

Em plena era eletrônica, é impressionante a sucessão de aparatos que, de tão úteis, disseminados e acessíveis, mudam o comportamento e a vida das pessoas. Foi assim com o computador; foi assim com o celular; agora, está sendo assim com a câmera fotográfica digital. Quem tem já nem se lembra mais dos complicados velhos tempos (uns cinco anos atrás, se tanto) em que fotografar era sinônimo de registrar situações especiais, como viagens, aniversários e reuniões de família – quando todo mundo ajeitava a camisa, caprichava na pose e falava “xis”. Não se via a foto na hora, imaginem só. E ainda era preciso pagar pela revelação e pelas cópias. Desde que ganhou sua versão digital (um investimento inicial alto, a partir de 500 reais) e, principalmente, desde que essa versão digital pôde ser acoplada ao onipresente celular (a partir de 300), a máquina fotográfica passou a ser saca a torto e a direito, muitas vezes sem aviso prévio, em casa, na rua, no restaurante, na balada, no aeroporto, na sala de aula – o professor não gosta, mas fazer o quê? As vantagens são fenomenais: todo mundo pode fotografar tudo, toda hora, sem custos adicionais. Não gostou da foto? É só apagar. Se a capacidade da câmera lota, descarrega-se no computador e fica como zero. Mas existem também aspectos menos entusiasmantes, incluindo-se aí os flagrantes constrangedores, a intrusão 24 horas e, acima de tudo, o interminável fluxo de imagens digitais que assolam os computadores<sup>94</sup>.

O texto da Revista Veja mostra esse tempo acelerado e, conseqüentemente, o esquecimento da máquina fotográfica analógica, pois esta permitia poucas fotos(os rolos de

---

<sup>90</sup> Disponível em <http://blog.orkut.com/2007/09/coloque-mais-fotos-no-orkut.html> acessado em 2 junho de 2011.

<sup>91</sup> Disponível em <http://blog.orkut.com/2007/10/100-fotos-em-seu-lbum-do-orkut.html> acessado em 2 junho de 2011.

<sup>92</sup> Disponível em <http://blog.orkut.com/2008/02/carregue-mais-fotos-mais-rpido.html> acessado em 2 junho de 2011.

<sup>93</sup> Disponível em <http://blog.orkut.com/2008/04/reordenar-e-reorganizar-suas-fotos-nos.html> acessado em 2 junho de 2011.

<sup>94</sup> MOHERDAUI, Bel. Click: Viu, Apontou, Fotografou. In: **Revista Veja** 21 de setembro de 2005 p.78-82. p. 78.

filmes podiam ter doze, dezoito, vinte quatro e até trinta e seis poses). Tais mudanças de comportamento estão ligadas às possibilidades de consumo das “novas” câmeras fotográficas digitais, que minimizaram a prática de revelar fotos em comparação aos 1980 e 1990. Essa obsolescência programada de certos objetos mostra tal aceleração do tempo, em que a compra do novo e do moderno são positivados, e foram experimentadas pelas câmeras digitais, que também sofrem com esta obsolescência. A cada ano surgem centenas, senão milhares de novos aparelhos, com uma capacidade maior de armazenamento de fotos, qualidade maior da imagem, possibilidade de novos recursos e mais recentemente com o acesso à rede sem fio possibilitando postar as fotos em redes sociais e e-mails diretamente da câmera. Com a entrada no século XXI fotografar vira uma prática usual, que não exige mais o ritual de se ajeitar para posar para fotos, nem mesmo ter a preocupação de cortar a cabeça de um ou outro fotografado. A câmera fotográfica digital autorizou a prática do deletar o que é considerado ruim e dar lugar ao que é considerado bom, abrindo assim um vasto arquivo pessoal para cada proprietário do instrumento dando uma falsa impressão que tudo deve ser registrado, e cada momento eternizado. Isso se dá pelo fato de que o alargamento do presente está cada vez mais posto em nossa sociedade, onde se constrói aparatos para segurar a todo custo o passado e a todo custo o presente:

Daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que afeta, ao mesmo tempo, a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado. O sentimento de um desaparecimento rápido e definitivo combina-se à preocupação com o exato significado do presente e com a incerteza do futuro para dar aos mais modestos dos vestígios, ao mais humilde testemunho a dignidade virtual do memorável. Já não lamentamos o bastante, em nossos predecessores, a destruição ou o desaparecimento daquilo que nos permitia saber, para não cair na mesma recriminação por parte de nossos sucessores? A lembrança do passado completo em sua reconstituição a mais minuciosa. É memória registradora, que delega ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela e desacelera os sinais onde ela se deposita, como a serpente sua pele morta. (NORA, 1993, p. 14-15)

Essa vontade de guardar está muito atrelada à dialética ‘lembrar e esquecer’, pois onde temos muitas lembranças, temos também muitos esquecimentos. O fato de guardar pode denotar uma fuga para a amnésia geral, devido aos vários dispositivos que possibilitam visitar cada vez mais memórias, como afirma Andreas Huyssen (2000 p. 18): “A acusação de amnésia é feita invariavelmente através de uma crítica à mídia, a despeito do fato de que é precisamente esta – desde a imprensa e a televisão até os CD-Roms e a Internet – que a memória ficar cada vez mais disponível para nós a cada dia”.



Os álbuns do Orkut foram para muitos a primeira experiência on-line em guardar fotografias, em expor/dispor memórias. Muito antes da rede social existia o Fotolog.com que permitia uma foto por dia, e assim experiência de armazenamentos de fotografias no on-line foi se ampliando com o tempo. Ao verificar os perfis das mulheres da comunidade “Jovens Acima de 50 Anos”, que posteriormente passaram para “Turma da Folia”, chama a atenção aos usos que algumas das mulheres dão aos seus perfis na rede social Orkut. Na Tabela 4, podem-se notar as mulheres do grupo que ainda fazem uso da rede social, bem como o número de fotos que cada perfil possui. Dentre os dez perfis serão analisados apenas dois deles, pelo fato de guardarem um número excessivo de fotos perante as outras integrantes do grupo. O perfil de Graça com 2.922 fotos em quarenta e um álbuns diferentes e o de Isa com 4.123 fotos com cinquenta e um álbuns.

<b>Turma da Folia</b>	<b>Orkut</b>	<b>Álbuns</b>
1. Ana	Sim	8 fotos
2. Graça	Sim	2.922 fotos
3. Isa	Dois perfis	4.123 fotos / sem fotos
4. Iva	Sim	23 fotos
5. Lia	Sim	515 fotos
6. Malú	Sim	Sem fotos
7. Mirian	Sim	26 fotos
8. Regina	Não possui mais	Não
9. Sandra	Dois perfis	713 fotos/23 fotos
10. Silvana	Sim	127 fotos
11. Silvia	Não possui mais	Não
12. Sônia	Não possui mais	Não
13. Teresa	Sim	5 fotos
14. Valéria	Não possui mais	Não

**Tabela 4** - Álbuns do Orkut da Turma da Folia<sup>95</sup>

Entre fotografias com o grupo da Internet e o grupo da Igreja, Graça expõe suas fotos em variadas situações: viagens, festas de aniversário, Copa do Mundo, datas comemorativas e fotografias antigas. Um dos álbuns mais inusitados se chama “Urca – O importante é que emoções eu vivi”<sup>96</sup>, datado de 13 de novembro de 2010, no qual Graça percorre os caminhos do cantor Roberto Carlos pelo bairro da Urca no Rio de Janeiro como ela mesma coloca na descrição do álbum: “É claro que tinha que ir caminhar pelos caminhos do rei RC, aqui fotos do seu AP, do seu Estúdio, casa e Igreja que ele frequenta. Atentem para a simplicidade do rei.

<sup>95</sup> Construída a partir dos perfis do Orkut das mulheres.

<sup>96</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=16539850839507291256&aid=1289576364> acessado em 15 de novembro de 2011.

Ele pessoalmente é uma pessoa maravilhosa, exala uma paz inerente às pessoas iluminadas”. Esses conjuntos de fotos de Graça mostram uma paixão dela, ao ponto que essa tenha que ser documentada e exposta aos outros, uma forma de musealizar este passado afetivo por poder estar nos mesmos lugares que seu ídolo. Em outro álbum de Graça, “Passou o tempo, mas permanece”<sup>97</sup>, estão arquivadas as fotos da juventude (algumas fotos datadas de maio de 1973), de momentos como a primeira comunhão e a formatura, fotos dela quando criança. Há uma preocupação com a idade das fotos revelada pelos risos (rsrsrs): “aqui fotos muito antigas rsrsrs, antigas, pouco antigas... rsrsrs bem... é melhor apreciar rsrsrsr”.

Nos álbuns de Isa, há fotos que variam desde os encontros que ela participou com as amigas on-line, “Turma da Folia” e da comunidade “Jovens Acima de 50 Anos”, como fotos de paisagens e de animais e fotos de sua neta. Um dos álbuns que mais chama atenção é o “Amigos para Sempre”<sup>98</sup>, publicado em 3 de março de 2009, que tem uma coleção de 97 fotos de amigos da Internet, entre homens e mulheres. O álbum mostra essa vontade em presentificar o ausente, de manter estes amigos como integrantes da sua memória. É possível entender a intenção deste álbum como uma forma de representar o estreitamento dos laços no on-line. Estes arquivamentos de memória no Orkut são indícios de uma busca por recordar caminhos percorridos e mostrar aos outros (amigos, parentes, conhecidos) o que anda fazendo, uma prática muito semelhante a dos cartões-postais de outrora. Ambas as práticas compartilham o elo de pertença: “Eu existo, eu estou aqui, eu penso em você, gostaria que você se lembrasse de mim” (SCHAPOCHNIK, 1999 p. 424), de forma que o indivíduo se construa perante os outros, compartilhando o que quer que seja lembrado.

Pierre Nora aborda as formas de conservar a memória por meio da criação dos “lugares de memórias”, por não existirem mais memórias a serem perpetuadas por determinados grupos, seria preciso estabelecer locais onde seja possível lembrar, fato que resultou em uma onda de aprisionar a memória a todo custo, a todo tempo e a todo instante: “Não somente tudo guardar, tudo conservar dos sinais indicativos de memória, mesmo sem se saber exatamente de que memória são indicadores. Mas produzir arquivo é o imperativo da época” (NORA, 1993, p. 16). As novas tecnologias potencializaram a produção de arquivos

---

<sup>97</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=16539850839507291256&aid=1275633550> acessado em 15 de novembro de 2011.

<sup>98</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=16862352831502121174&aid=1210421045> acessado em 25 de novembro de 2011

pessoais ao longo da primeira década do século XXI, permitindo guardar uma série de informações em formato digital. Antes de tratar do disco rígido, parte física dos computadores que armazena informação, deve-se salientar as unidades de medida dos computadores. Segundo o Sistema Internacional de Medidas, 1 bit (b) é a menor unidade de medida dos computadores, correspondendo apenas um código binário de 0 e 1. Já o byte (B) tem 8 bits e daí surgem as derivações que conhecemos: quilobytes (Kb), mil e vinte quatro bytes; megabytes (MB), mil e vinte quatro quilobytes; gigabytes (GB), mil e vinte quatro megabytes<sup>99</sup>. O disco rígido, por exemplo, expandiu-se significativamente de tamanho nos últimos anos como podemos verificar na Tabela 5.

	<b>Disco Rígido em GB</b>	<b>Preço</b>
<b>2001</b>	10GB	R\$ 1999,00
<b>2002</b>	20GB	R\$ 1949,00
<b>2003</b>	30GB	R\$ 3099,00
<b>2004</b>	40GB	R\$ 2699,00
<b>2005</b>	40GB	R\$ 1599,00
<b>2006</b>	80GB	R\$ 1099,00
<b>2007</b>	80GB	R\$ 999,00
<b>2008</b>	160GB	R\$ 1999,00
<b>2009</b>	320GB	R\$ 1399,00
<b>2010</b>	320GB	R\$ 1599,00

**Tabela 5** - Capacidade de Armazenamento dos Computadores e o Preço ao longo da década<sup>100</sup>

É possível notar o crescimento da capacidade de armazenamento dos computadores pelo acúmulo de arquivos que passamos a guardar, tais como fotos, vídeos, músicas, arquivos de texto. Uma foto de boa qualidade, por exemplo, tem em média 5 MB (Megabytes), já uma música de três minutos em formato MP3 tem em torno de 4MB e um vídeo de uma hora em boa qualidade pode chegar até 300 MB. Se se pegar a quantidade de fotos nos álbuns de Isa (4.123 fotos) e considerar que as fotos em média estão no tamanho de 5 MB, temos quase 20 GB. Esta era a capacidade de um disco rígido de um computador no ano de 2002, isso

<sup>99</sup> Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bytes>

<sup>100</sup> Tabela construída por meio de propagandas da empresa computadores Dell. Nas propagandas havia pelo menos três preços diferentes, optei pelos menores preços à vista do mês de janeiro de cada ano. A referência das propagandas: Propaganda da Dell, In: **Revista Veja**. 10 de Janeiro de 2001, p.31; Propaganda da Dell, In: **Revista Veja**. 9 de Janeiro de 2002, p. 20; Propaganda da Dell, In: **Revista Veja**. 8 de Janeiro de 2003, p. 17; Propaganda da Dell, In: **Revista Veja**. 7 de Janeiro de 2004, p. 17; Propaganda da Dell, In: **Revista Veja**. 5 de Janeiro de 2005, p. 10; Propaganda da Dell, In: **Revista Veja**. 11 de Janeiro de 2006, p. 20; Propaganda da Dell, In: **Revista Veja**. 10 de Janeiro de 2007, p.17; Propaganda da Dell, In: **Revista Veja**. 9 de Janeiro de 2008, p.13; Propaganda da Dell, In: **Revista Veja**. 14 de Janeiro de 2009, p. 23; Propaganda da Dell, In: **Revista Veja**. 6 de Janeiro de 2010, p. 23.

pensando apenas nas fotos que ela expõe no Orkut.

Porém Isa e Graça não são as únicas a terem milhares de fotos na rede social, existem pelo menos dez comunidades relacionadas a expor aos outros que tem mais de mil fotos, tais como: “Aê Orkut! Mais de 1000 fotos!”<sup>101</sup> com 4.080 membros que têm na descrição a seguinte frase: “Destinada ao público que adora postar fotos no Orkut, 12 fotos era um absurdo, agora podemos postar mais de 1000 fotos”. Na mesma comunidade, há uma enquete para saber quantas fotos cada integrante possui; das 178 respostas de usuários mais de 40% dizem ter mais de mil fotos e outros 8% dizem ter dez mil fotos<sup>102</sup>. É possível pensar que esse é um percentual pequeno de usuários que tem essa quantidade exorbitante de fotos, porém isso se dá entre um pouco mais de quatro mil membros de uma comunidade, tendo em vista que Isa e Graça, por exemplo, não fazem parte desta comunidade, e como seus perfis devem ter milhares, senão milhões, de outras pessoas, tendo em vista que o Orkut em agosto de 2010 teve a contagem de 36 milhões de usuários de 15 anos ou mais somente no Brasil<sup>103</sup>.

O ato de fotografar, juntamente com o Orkut, revela uma prática de acúmulo de fotos que muitas vezes extrapola o limite de bom senso e até mesmo de civilidade, principalmente ao tirar fotografias. Na matéria da Revista Veja de 21 de setembro de 2005 citada acima, foram entrevistadas várias pessoas que tiram foto de tudo. No quadro intitulado “Manual de Etiqueta” do fotógrafo constam cinco regras básicas:

1 – Sempre pedir autorização ou avisar antes de disparar sua máquina na cara das pessoas;/ 2 – Tirando seu próprio e fofo bebezinho, nunca fotografar uma pessoa comendo ou dormindo;/ 3 – Antes de mandar fotos para os amigos, conferir se estão mesmo interessados;/ 4 – Não enviar mais que três fotos por mensagem, mais que vinte por álbum on-line e mais que quatro álbuns por ano;/ 5 – Jamais submeter as visitas à exibição do(s) CD(s) das férias da família em Bariloche. Nem que elas resignadamente, concordem em vê-lo(s)<sup>104</sup>.

---

<sup>101</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=2894812> acessado em 20 de dezembro de 2011

<sup>102</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommPoll?cmm=2894812&pid=1291370693&pct=1232713874> acessado em 20 de dezembro de 2011. (não está mais disponível após a revisão do trabalho)

<sup>103</sup> ORKUT Continua Liderando o Mercado de Redes Sociais no Brasil, e a Audiência do Facebook Quintuplica. **ComScore** (site). 7 de outubro de 2010. Disponível em [http://www.comscore.com/por/Press\\_Events/Press\\_Releases/2010/10/Orkut\\_Continues\\_to\\_Lead\\_Brazil\\_s\\_Social\\_Networking\\_Market\\_Facebook\\_Audience\\_Grows\\_Fivefold](http://www.comscore.com/por/Press_Events/Press_Releases/2010/10/Orkut_Continues_to_Lead_Brazil_s_Social_Networking_Market_Facebook_Audience_Grows_Fivefold) acessado em 15 de dezembro de 2011.

<sup>104</sup> MOHERDAUI, Bel. Click: Viu, Apontou, Fotografou. In: **Revista Veja**. 21 de setembro de 2005, p.78-82. p. 81

A boa convivência do fotografar já extrapolou várias destas regras, principalmente a regra de número 4 que foi potencializada com a ajuda da Internet e das redes sociais. Os perfis do Orkut com os seus álbuns se transformam em museus pessoais (para aqueles que se superexpõem), lugar de memória da vida privada, através deles podemos saber sobre a família, os amigos, as viagens, as crenças, as ideologias, os gostos, e uma infinidade de práticas, sensibilidades e subjetividades. Estas denotam o íntimo. Entre o público e o privado a Internet somente abriu mais uma janela, que trafega informações daqui e dali. Basta ter olhos de ver e dedos de teclar, além de memória para lembrar e esquecer. Estas são memórias voláteis que já estão passando pelo processo de obsolescência, e que com o tempo desaparecerão no “oceano” de informações de novos usuários, de novas redes sociais, que a Internet irá possibilitar, ou simplesmente se misturarão a toda informação que já existe: quem saberá dizer?

Caminha-se cada vez mais para um tempo presentificado, no qual o sentido da palavra passado, teleologicamente, transforma-se de séculos para anos, de anos para meses e de meses para dias. Os 15 minutos de fama de Andy Warhol nunca fizeram tanto sentido e nunca foram tão bem aproveitados. Na Internet, os valores e os modismos tornam-se obsoletos com um piscar de olhos, bem como acontece com as tecnologias. Com a aceleração da história (NORA, 1993) estamos vivendo a hipertrofia da memória do “eu” e musealizar o presente virou o cerne da vida milhões de pessoas no Brasil do século XXI. Deste modo “Não há dúvida que o mundo está sendo musealizado” (HUYSSSEN, 2000, p. 15). Porém, como bem lembra o autor, devem-se separar os passados e haver preocupação com o futuro da memória:

Se estamos, de fato, sofrendo de um excesso de memória, devemos fazer o esforço para distinguir os passados usáveis dos passados dispensáveis. Precisamos de discriminação e rememoração produtiva e, ademais, a cultura de massa e a mídia virtual não são necessariamente incompatíveis com este objetivo. Mesmo que a amnésia seja um subproduto do ciberespaço, precisamos não permitir que o medo e o esquecimento nos dominem. Aí então, talvez, seja hora de lembrar o futuro, em vez de apenas nos preocuparmos com o futuro da memória. (HUYSSSEN, 2000, p. 37)

### 3.2 UM BAÚ DE MEMÓRIAS ON-LINE: O BLOGUE BAÚ DA SIL

*Hoje **topei** com alguns conhecidos **meus**/ **Me** dão bom-dia, cheios de carinho/ Dizem para **eu** ter muita luz, ficar com Deus/ Eles têm pena de **eu** viver sozinho/ Hoje a cidade acordou toda em contramão/ Homens com raiva, buzinas, sirenes, estardalhaço/ De volta à casa, na rua **recolhi** um cão/ Que de hora em hora **me** arranca um pedaço/ Hoje **pensei** em ter religião/ De alguma ovelha, talvez, fazer sacrifício/ Por uma estátua ter adoração/ Amar uma mulher sem orifício/ Hoje afinal **conheci** o amor/ E era o amor uma obscura trama/ Não **bato** nela nem com uma flor/ Mas se ela chora, desejo **me** inflama/ Hoje o inimigo veio **me** espreitar/ Armou tocaia lá na curva do rio/ Trouxe um porrete a mó de **me** quebrar/ Mas **eu** não quebro porque sou macio, viu.<sup>105</sup>*

A música de Chico Buarque “Meu Querido Diário” traz a primeira pessoa do singular, como a da escrita dos diários, nela o compositor dá indícios da sua visão, cenas de um cotidiano experimentado no tempo. O diário é uma forma de se colocar como primeira pessoa, pois é nele que o indivíduo pode se expressar sem pedir licença. Nas suas “escritas de dentro” (CUNHA, 2009, p. 258) o “eu” é aquele que narra o seu olhar atento, algumas ações e, por meio delas, pode-se construir narrativas. É possível ainda, vislumbrar/imaginar um passado para este indivíduo através das formas que este emprega suas palavras no texto. Geralmente os diários são peças do íntimo e só são manuseados pelo seu dono, que os guarda sob sigilo. Muitas vezes, estes são visitados anos mais tarde por historiadores, que pelos vários reveses da vida cruzam com a fonte. Na Internet, os blogues têm uma função muito parecida com os diários de outrora, pois revelam um olhar do “eu”, com a diferença que esta escrita está exposta ao olhar de todos.

Um livro sobre a escrita de si não poderia deixar de entrar na vasta discussão entre blogues e diários pessoais, para isso usarei uma bibliografia datada, porém atual: O livro “Refúgios do Eu: educação, história e escrita autobiográfica”. Para além do seu conteúdo, o livro traz indícios desta nova escrita on-line que está sendo abordada aqui. Em sua orelha é possível a leitura de uma conversa por e-mail das três organizadoras, que estavam em três cidades diferentes: Rio, Paris e Florianópolis, e foi imortalizada no papel no ano 2000, revelando três escritas de si, sobre suas angústias, dificuldades, desejos, e trazendo a sociabilidade via e-mail, fonte tão rara de se conseguir:

Date: Sat, 24 de jun 2000 07:07:31 -03:00

---

<sup>105</sup> BUARQUE, Chico. **Meu Querido Diário**. In: Chico. Biscoito Fino. 2011. (Grifos do autor)

Subject: Conclusões!!!???

Teresa e Maria Helena

Ao folhear o livro que estamos concluindo fico pensando se gravura da “Rapariga escrevendo”, com o corpo curvado sobre o papel na mesa ainda sintetiza a imagem da mulher que escreve em busca do sentido da própria existência. Certamente, convive com outra, ereta, olhando pra frente, enquanto seu eu se esconde e se revela também nos novos “lugares do íntimo”: a tela onde estabelece laços, conquista cumplicidade e rompe o anonimato. A escrita autobiográfica, em antigos e novos suportes, continua a cumprir a aventura de permitir ao autor/ a defrontar com a experiência vivida e entrecruzá-la com a dos outros: ora é solidão, ora estratégia de sedução. Quem sabe se a leitura deste livro desperta em professores e professoras o desejo de narrar a própria vida pessoal ou profissional? Ou, a disponibilizar para pesquisadores os seus “refúgios do eu” revelando o que repudiam ou acolhem nesse mundo em mudança, que seduz e espanta, e para qual educamos? Assim, poderemos continuar tecendo esta rede de ideias e afetos sobre educação, história e escrita autobiográfica.

Ana Chrystina

Date: Tue, 27 jun 2000 20:37:31 +0200

Subject: Conclusões ???!!!

Gurias,

Só agora quando finalizamos a organização do livro que me dei conta de que eu própria estou imbuída na tarefa de arquivar a vida. Desde que recebi a confirmação desta viagem de estudos, comecei um “caderno de viagem”. Escolhi um lindo caderno que ganhara de presente, cuja capa é uma pintura de Paris, e desde então tenho registrado os principais eventos: aqueles que antecederam a viagem (as festas de despedidas, todos os amigos colocaram alguma mensagem); a chegada em Paris; os passeios; as visitas; as festas; cartas; cartões recebido; etc. Em síntese, estou preocupada em registrar uma etapa de minha vida. Para recordar futuramente? Não sei. A única certeza que tenho, neste momento, é que este pequeno caderno é o meu “refúgio” de/e em Paris. Me pergunto, por que isso agora? Nunca tive diário, quase não uso agenda. Reflexo dos nossos tempos de comunicação cada vez mais rápidas e impessoais? Uma necessidade de registrar momentos de reflexão? Continuarei refletindo sobre as razões, mas, por enquanto, tenho um imenso prazer na escrita deste “caderno de viagem”. A organização deste livro também tem sido uma agradável viagem de mensagens, ideias, entrecruzadas de outras questões. Deveríamos escrever outro artigo sobre este processo de vários meses. Beijijos.

Maria Helena

Date: Tue, 27 de jun 2000 23:41:11 -0300

Subject: Conclusões ???!!!

Ana Chrystina e Maria Helena

Nem sei o que escrever para celebrar esta aventura: o livro pronto? Abrir o computador todos os dias e encontrá-las sempre foi gratificante. Pensar que organizamos um livro desse jeito “novo” é demais! Logo eu, não raro, tão inapta para os usos da informática. Este foi um trabalho movido pela disponibilidade, um estar em companhias queridas, uma fruição de intimidades “*sui generis*” que nos fez atravessar o oceano (Rio-Paris-Florianópolis), devassar a espessura de silenciosos mistérios guardados em documentos escondidos e, por fim, descobertos/reencontrados. Agora com o livro materializado (embora em seu caráter de folhas ainda soltas) e fecundando por tantas e tão singulares ideias, só me resta o desejo muito humano de que sua leitura estimule muitas outras “vontades de contar-se”.

Florianópolis, céu de junho.

Maria Teresa

As escritas de si das professoras tornam visíveis os passos da produção do livro, que possivelmente foi discutido e rediscutido via e-mail, e talvez se não fosse por tal mecanismo a dificuldade de concretizar o projeto seria mais lenta e demorada. Voltemos às outras escritas de si: o diário e o blogue.

O historiador Jean Hébrard (2000, p. 30) aborda a delimitação do campo das escritas pessoais que perpassam duas abordagens que podem se entrecruzar:

(1) a que tenta reconstruir a genealogia da preocupação consigo mesmo e busca nas primeiras formas escritas pessoais menções de uma atenção, específica daquele que escreve, a tudo o que diz respeito a ele próprio (os diários de família que aparecem no século XV poderiam ser seus ancestrais, e o Diário espiritual de Inácio de Loyola, uma de suas primeiras manifestações no século XVI; (2) o que está centrada na sensibilidade em relação ao tempo que passa e nos esforços do escritor para dele construir uma representação e uma memória, seja durante uma fase excepcional de sua existência (diários de viagens), seja por motivos ligados à sua vida profissional (diários diplomáticos, diários militares, diários médicos), seja de uma maneira mais regular (diário-crônicas, dos quais *diarii* italianos do século XIV são certamente as manifestações mais precoces). No âmbito deste estudo, a segunda perspectiva revela-se mais fecunda. Com efeito, ela permite considerar a relação da prática da escritura pessoal com seus suportes como uma maneira de resolver as contradições nascidas da descontinuidade de um texto que avança ao ritmo de uma escritura ocasional (ou mesmo cotidiana) e da preocupação do escritor em se proporcionar, com a continuidade desse mesmo texto, os meios para alcançar não só um domínio do tempo que passa, mas também uma representação estável de si.

Ao se pensar nos suportes, o do diário geralmente é um caderno, dependendo muito da escolha e dos acessos do escritor. Faz-se necessário expormos o suporte do blogue, que é alocado geralmente em um site que presta estes serviços. No Brasil, os mais comuns são [www.blogspot.com](http://www.blogspot.com) e [www.wordpress.com](http://www.wordpress.com). Os blogues geralmente têm formatos de um site, com uma apresentação visual que é disponibilizada pelos sites, ou é construída pelos próprios blogueiros quando os mesmo se aventuram em softwares de edição de imagens. A estrutura dos blogues geralmente segue de um título, comumente o nome, e abaixo uma descrição que serve para apresentar o diário on-line. O conteúdo é feito através das postagens de textos que acompanham no seu final a data e a hora. No lado esquerdo ou direito podem ter diversas informações, a critério da escolha do seu criador, geralmente com os arquivos das postagens mais antigas.

Uma das pesquisadoras percurssoras nos estudos de diários on-line é Zahidé Muzart, uma das autoras convidadas a escrever no livro “Refúgios do Eu”, já informado no início



desse capítulo, com um artigo chamado “Do navegar e de navegantes”. A autora revela que “A pesquisa se fez de link e outro. Assim sendo, não pude evidentemente ter esgotado todos os sites e páginas de diários. Fico apenas com três, apenas, e me prenderei mais em um” (MUZART, 2000, p. 184). Os três diários estudados por Zahidé Muzart são: [www.colba.net/~micheles](http://www.colba.net/~micheles), [www.er.uqam.ca/nobel/r24136/index.html](http://www.er.uqam.ca/nobel/r24136/index.html) e [www.mygale.org/10/jic/html/hist/hmtl](http://www.mygale.org/10/jic/html/hist/hmtl) que a própria autora revela que tal página não está mais disponível (MUZART, 2000, p. 186). De fato, as páginas já não existem mais, porém através do site [www.web.archive.org](http://www.web.archive.org) pude observar a duração dos sites, além de revistar mesmo que parcialmente as suas escritas: o primeiro foi de 1998 a 2007; o segundo de 1999 a 2007; e último de 1997 a 2009. Cada diário apresentado por Muzart revela práticas diferentes, o primeiro é de Michele, uma mulher que gosta de escrever, o que podemos notar com a descrição do seu diário na postagem do dia 19 de novembro de 1998:

Você sabia que o diário não tem nada a ver com aqueles que temos conhecido quando crianças? Você se lembra dos livros floridos, com uma chave e um cadeado, e uma página para cada dia, literalmente, obrigando-nos a nota de nosso humor em uma base diária? Havia apenas meninas para entrar neste passatempo puramente infantil. Os meninos, eles, leem com um sorriso de escárnio. Boa notícia: o diário também tem ido ao longo dos anos, passando por metamorfoses várias de passagem. Algumas palavras sobre o que aconteceu com ele<sup>106</sup>.

Já o segundo, da professora universitária, revela uma escrita mais acadêmica como é bem tratado pela autora. E o último diário on-line pertence a vários escritores que, conforme o site, vai ganhando adeptos que promovem encontros para fazerem leituras públicas (MUZART, 2000, p. 86). Pode-se perceber na prática uma das primeiras manifestações de encontros do on-line para o off-line que temos notícia. Embora a autora não datasse as citações, talvez não fosse uma preocupação do momento, ela já define muito bem o papel dos blogues, antes mesmos destes terem este nome:

O diário perdeu o segredo, a intimidade, mas continua a ser o registro do efêmero e do descontínuo tal como no século XIX, e, antes de mais nada, continua a ser uma maneira de viver! No passado, as viajantes estrangeiras se aventuravam mar afora e escreviam seus diários de viagem; no presente, as modernas navegantes se aventuram na escritura em liberdade e sem medo. Diferentes maneiras de viajar, mas na duas, a conquista da liberdade e da fantasia. (MUZART, 2000, p. 189)

---

<sup>106</sup> Disponível em <http://web.archive.org/web/19981207011315/http://www.colba.net/~micheles/> acessado em 3 janeiro de 2012. (tradução do autor)

Outra autora que se debruça sobre a temática dos blogues é Luiza Lobo (2007), que em “Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil” traz um estudo sobre quatorze blogues e quatro fotologs de mulheres brasileiras. De todos os sites, apenas três foram desativados, outros estão abandonados e outros ainda foram transferidos para grandes portais, como caso do blogue da jornalista Rosana Hermann que foi para o portal r7.com. A autora define o novo lugar que é praticado a escrita de si feminina, e a legitima pelo fato de a vida urbana na contemporaneidade estar desprovida de aventuras ou de imprevisibilidade:

O hábitat humano não é mais composto pelas quatro paredes da casa, como no início da literatura de autoria feminina, mas se transforma no vasto mundo, reinventa como mundo paralelo. É a utopia de um planeta sem fronteiras, de uma aldeia global construída por redes e sistemas de informação, um lugar poroso e rizomático, supostamente livre e inspirador da arte e do pensamento. Como toda utopia, também esta é exposta a dúvidas – e muitos já falam na separação da Internet em duas esferas – a do lazer livre e a do comércio, tal é a proliferação de mensagens dirigidas à venda e de páginas pagas, destruindo o prazer da navegação. (LOBO, 2007, p. 11)

O blogue [www.baudasil.blogspot.com](http://www.baudasil.blogspot.com)<sup>107</sup> aborda as cenas do cotidiano da autora, ou como ela mesma coloca na descrição: “Este é um espaço que imaginei para colocar minhas ideias, minhas histórias, meus ‘causos’. Meu espírito observador poderá contar aqui coisas corriqueiras e prosaicas que acontecem o tempo todo. Basta ter olhos para ver e humor para descrever.” Entre os anos pesquisados, de 2007 (ano de criação do blogue) a 2010 (data do recorte da pesquisa) há sessenta e três publicações, trinta e quatro leitores identificados em duzentos e vinte quatro comentários. É importante salientar que, ao contrário dos diários em seus suportes tradicionais, tais como os cadernos, que geralmente são “concluídos”, e assim o diarista comumente não escreve mais naquele suporte enquanto este está sendo analisado. Já o blogue tem uma escrita contínua, onde o autor(a) continua escrevendo, e cabe ao historiador e/ou ao pesquisador tomar certo distanciamento. O recorte temporal adequado é, sem dúvida, a melhor opção. Na escrita de Silvana, é notado o respeito pela norma culta nos “causos” escritos, porém há também umas pitadas da linguagem popular que parecem estar ali intencionalmente, no sentido de fazer humor, como o exemplo da palavra “Oropa” para “Europa”.

No dia 5 junho de 2007, é possível ler a primeira postagem do blogue, e através da

---

<sup>107</sup> O blogue pertence à Silvana, uma das integrantes do grupo da “Turma da Folia”.

mesma intitulada “Epopéia do Joelho”<sup>108</sup> a autora não mostra sinais de ser sua primeira escrita, ou uma justificativa por estar escrevendo. O texto em si conta sobre uma cirurgia de joelho à qual a autora foi submetida. O comentário de Sérgio Gouveia, no mesmo dia, diz o seguinte:

Muito bem, garota! Bem-vinda de volta. Estava mesmo sentindo falta de seus "causos". Tanto que, desde nossa última conversa, estou "maturando" uma historinha das velhinhas azuis. Está quase pronta na cabeça, mas a preguiça de passá-la para o teclado tem prevalecido. Agora já começo a ver motivo para tanto. É a competição que nos impele, não? Rarará. Beijo. Cuide desse joelho demarcado (sic).

Podemos entender que a autora possivelmente possuiu um blogue anterior e que ela sociabilizava com o seu leitor, seja no on-line ou no off-line<sup>109</sup>. Ao observar a lateral esquerda do blogue tem-se a seguinte informação:

#### RECOMEÇANDO

Já tive um blog. Desisti dele depois de uma meia-trava que me travou inteira. Não escrevi mais. Agora me atrevo a fazê-lo novamente. Vamos ver se consigo. Não tenho intenção de fazer literatura nem tampouco me arvorar em escritora. Quando muito, uma "escrevinhadora de causos" sempre frutos de meu espírito crítico e observador do cotidiano. Uma enfeitada aqui, uma purpurina ali, um colorido acolá e sai uma história corriqueira, banal e prosaica como a vida real. Esta é a proposta. Esta é a vontade. Que seja<sup>110</sup>.

Ao tratar das sociabilidades virtuais, a autora conta um “causo” no dia 11 de junho de 2007, ocorrido com uma amiga, na postagem intitulada “Navegando na Rede”:

Esta historinha nem é tão nova, mas como dei muita gargalhada com a narração, faço questão de contar. Pois tenho uma amiga muito animada que adora estar conectada e faz do seu computador uma verdadeira ONU de contatos. De quando em vez conhece alguém especial, de perto ou de longe e não se furta em tentar um contato mais imediato de terceiro grau. Claro que muitas vezes toma uns tombos. O último foi fenomenal. Encontrou uma pessoa legal, nível universitário, idade compatível, morando em cidade próxima. Belo dia, nossa princesa "internáutica" estava posta em sossego quando bate o telefone com a tal criatura do outro lado da linha. - "Olha, estou passando pela ponte, quero te ver. Como fazemos? Posso ir te buscar?" Princesinha descolada: - "Não há necessidade disso. Te encontro no bar tal. É muito charmoso e bem frequentado. Ok?" Ok. Toca em frente. Já na chegada ao local viu uma figura muito mais velha do que podia supor, vestindo calça de

<sup>108</sup> Disponível em <http://baudasil.blogspot.com/2007/06/epopia-de-um-joelho.html> o comentário foi postado no dia 05 de junho de 2007 às 12:28. Acessado em 10 de junho de 2011.

<sup>109</sup> Ao conferir os arquivos do blogue foi possível perceber que “Epopéia do Joelho” foi a sua primeira postagem. Mesmo assim é impossível saber se foi realmente a primeira, pois o autor, com o seu poder de edição, pode deletar uma postagem por motivos variados.

<sup>110</sup> Disponível em [www.baudasil.blogspot.com](http://www.baudasil.blogspot.com) acessado em 10 de junho de 2011.

tergal "saint-tropeito", camisa riscadinha abotoada até o pescoço, cinto e sapatinho combinando (ai Jesus) e arrematando o pacote um par de óculos escuros, plenas nove da noite. A boca meio murcha denunciava uma provável dentadura. Não foi possível confirmar. Ela não deu chance nem tempo. Diga-se que nossa simpática amiga é figurinha carimbada no barzinho escolhido. Ela ali louca para se mandar pois a figura não emanava nenhum resquício do "élan" necessário para um bom começo de conversa. A princesinha comeu, bebeu uma água tônica básica, e nem se aventurou em nenhum líquido com qualquer teor alcoólico. Vai que se anima... Cumpridas as formalidades da boa educação, despediu-se pois precisava acordar cedo. O "moço", muito decepcionado, havia trazido um lindo presente para nossa heroína cabeça-de-vento que teve que aceitar morrendo de vergonha. E, daquele mato não saiu coelho de jeito nenhum. Ah! Os óculos escuros escondiam duas vistosas cicatrizes, provavelmente resultado de uma plástica recentíssima. E o tão bem intencionado cidadão voltou para sua cidade sem lograr êxito na empreitada. Essa Internet proporciona grandes chances de uma pessoa se esborrachar, né não? (sic).

O texto aborda alguns pontos dos encontros do on-line para off-line, negativamente a prática alertando os leitores para não serem impetuosos ao se encontrarem sem ao menos se comunicarem por um tempo. Asa Briggs e Peter Burke fazem uma analogia sobre esses encontros e desencontros causados pela Internet: “Assim como nas ferrovias, ela reuniria estranhos: você nunca sabia quem iria encontrar” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 303).

O blogue, ao contrário dos outros sites, possui um arquivo<sup>111</sup>. Até que o “dono” do blogue se desligue dele as informações que lá foram mantidas podem ser verificadas. Com as postagens no blogue, nota-se a aproximação entre os leitores e a autora, através dos comentários feitos a cada postagem. A possibilidade de comentar estreita esse diálogo entre leitor e autor, pois este pode responder seus leitores através do comentário de forma rápida, como podemos observar na postagem “Epopéia do Joelho”, em que Silvana responde os comentários anteriores: “Lia, obrigada pelo comentário e pelo carinho de sempre. Beijo. ‘Professor’ competição? Quem dera! Mas estou esperando ansiosa o que vai sair dessas ‘velhinhas azuis’. Obrigada pelo comentário e apoio”.<sup>112</sup>

Assim sendo, percebem-se as trocas entre autor e leitor, tendo em vista que o blogue analisado tem pretensões de compartilhar seus “causos” entre conhecidos que se aventuram na

---

<sup>111</sup> As várias empresas que oferecem o serviço de blogues têm a opção já ativada de arquivo, ou seja, ao ativar um blogue o indivíduo passa a ter suas postagens arquivadas, geralmente mensalmente. Isso somente não acontece caso o blogueiro habilite a opção de não arquivamento.

<sup>112</sup> Retirado de <http://baudasil.blogspot.com/2007/06/epopia-de-um-joelho.html> o comentário foi postado no dia 05 de junho de 2007 às 13:07. Acessado em 10 de junho de 2011.

Internet, ou seja, um blogue de porte pequeno. Pensando as “blogosferas”<sup>113</sup> existentes – responsáveis por tratar variados assuntos e temas – encontramos blogues com milhares de acessos todos os dias, com uma infinidade de comentários mensalmente, construídos por anônimos que compartilham suas opiniões e passam a ser referências no on-line.

Na escrita de si, no caso do blogue, o que impera é a autoridade de quem escreve, passando para leitor apenas a sua verdade, rompendo como a possibilidade de verificar “o que realmente aconteceu”. Assim, perceber a legitimidade da fonte está ligado à singularidade e sinceridade de quem escreve, e não abusa pela “verdade dos fatos”, mesmo porque na escrita de si esta não é a perspectiva do registro. Como coloca Angela de Castro Gomes (2004, p. 15):

O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento. Um tipo de discurso que produz uma espécie de “excesso de sentido real pelo vivido”, pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar e pela linguagem intimista que mobiliza. Algo que pode enfeitiçar o leitor/pesquisador pelo sentimento de veracidade que lhe dê crítica exigida por essa documentação não é maior ou menor do que o necessário com qualquer outra, mas precisa levar em conta suas propriedades, para que o exercício de análise seja efetivamente produtivo.

Em perspectiva semelhante, Maria Teresa Santos Cunha mostra que essa abordagem - a da sinceridade- deve ter alguns cuidados, pois não se pode encarar esse tipo de narrativa como uma trajetória coerente, devemos pensar que esse indivíduo, o diarista, passa por vários reveses que a vida traz, como qualquer outro ser humano. Porém, como bem lembra a autora, “Isso tudo não impede, entretanto, o historiador de usar os diários pessoais para configurar um passado, bordejar contornos do vivido e apontar para rupturas e permanências” (CUNHA, 2009, p. 260).

O estudo dos diários pessoais, nos quais os blogues também estão inclusos, comporta traçar estes contornos do vivido e mostrar através destes registros de vida um olhar do cotidiano através da escrita. Estes diários

---

<sup>113</sup> Blogosfera é o termo coletivo que compreende todos os weblogs (ou blogs) como uma comunidade ou rede social. Muitos blogs estão densamente interconectados; blogueiros leem os blogs uns dos outros, criam enlaces para os mesmos, referem-se a eles na sua própria escrita, e postam comentários nos blogs uns dos outros. Por causa disso, os blogs interconectados criaram sua própria cultura. Outros termos em uso incluem "Blogtopia", "Bloguespaço", "Bloguiverso", "Blogsilvânia" e "Bloguistão". O termo "blogosfera" pode ser qualificado. Pode-se falar da "blogosfera lusófona", da "blogosfera de esquerda", etc. Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogosfera>

permitem estudar as formas de linguagem utilizadas, as maneiras de narrar em uma determinada época, os usos e as apropriações da língua, a conversão de formas orais de comunicação em formas escriturais, os diferentes níveis de alfabetização expressos pelas caligrafias e tantos outros aspectos que transcendem o exato momento de sua produção e revelam as transformações históricas nas tecnologias da escrita que tanto interessam aos estudiosos ligados à História da Cultura Escrita. (CUNHA, 2009, p. 259)

No blogue estudado há alguns empecilhos a serem verificados, ao contrário do diário; exemplo disso é a caligrafia, pois por se tratar de uma escrita por meio do teclado, não permite verificar esta diferenciação marcada pelo tracejar no papel. Entretanto o serviço de blogue, como o [www.blogspot.com](http://www.blogspot.com), permite ao seu usuário escolher a fonte e até mesmo a cor que irá usar em suas publicações. No blogue estudado é visto este aspecto na Figura 7, recorte da primeira publicação “Epopéia do Joelho”, onde a cor marrom e o tipo de fonte “verdana”, escolhidos pela autora, permanecem em todas as suas publicações.



Figura 7: Exemplo da Escrita do Blogue [www.baudasl.blogspot.com](http://www.baudasl.blogspot.com)

Já o tipo de linguagem utilizado no blogue é bem variado, apesar de Silvana fazer uso da norma culta em suas publicações, ela também usa recursos em sua narrativa e reproduz também a linguagem popular em seus textos. No excerto abaixo, da postagem “O aeroporto”, publicado em 7 de Janeiro de 2007, a autora narra a chegada da “Turma da Folia” ao aeroporto do Rio de Janeiro:

Tenho uma turma **totalmente 10! 10trambelhadas, 10governadas, 10orientadas**, todas. Pagar mico é com essa mulherada. Chegamos num patamar da vida que

agora vale (quase) tudo. Então, não tem essa de: “que vergonha”, “que mico”, coisa que minhas amadas filhotas vivem repetindo no auge da juventude onde viver é muito complicado. Já estamos naquela que agora tudo que vier é lucro. Pois fizemos uma viagem ao Rio de Janeiro. Só não sei como sobrevivemos. Quero contar as chegadas à Cidade Maravilhosa. Sim, no plural porque foram várias. **Oropa**, França e Bahia em reunião de uma ONU da farra e da palhaçada (sic)<sup>114</sup>.

O uso destes recursos de linguagem como “10trambelhadas, 10governadas, 10orientadas” revela o tom do humor de sua narrativa, pois deixa implícito que a autora sabe que está escrevendo de outra forma, com o objetivo de provocar riso no leitor, associando o número 10, uma gíria que faz alusão a um conceito vindo proveniente das avaliações escolares, como nota dez. Ao brincar com a sonoridade da palavra “dez”, a autora dá outro sentido para as palavras seguintes: “destrambelhadas, desgovernadas e desorientadas”. Já a palavra “Oropa” sugere uma linguagem popular para Europa, brincando com a situação. É perceptível na escrita de Silvana o uso de palavras provenientes da oralidade, em vários outros textos podemos ver expressões como: “causos”; “euzinha”; “né não”; “A-do-ro”; “pode rolar”. Sem contar as palavras em caixa alta, que evidenciam ênfase em determinadas situações.

Verifica-se nas publicações de Silvana a vontade de escrever sobre cenas do cotidiano, o que parece banal através de sua forma de escrever torna-se extraordinário. Há muitos anos os Correios têm uma prática na época do Natal de recolher cartas de crianças menos favorecidas, e as deixa lá para quem quiser fazer a boa ação. Parece uma tarefa simples, porém no texto do dia 2 de dezembro de 2007, intitulado “Papai Noel ou quase”, ela aborda esse assunto e mostra uma crítica da autora sobre o consumismo desenfreado:

Estava euzinha aqui imbuída do maior espírito cristão do mundo, na maior das boas intenções quando resolvi ajudar o Papai Noel dos Correios a fazer a alegria de algumas criancinhas necessitadas. Cheguei ao prédio alegremente com Bea a tiracolo para a boa ação do dia. Na pequena sala uma mesa com pilhas enormes de cartinhas ao bom velhinho das crianças com seus pedidos para a noite de Natal. Estava achando tudo muito singelo e até emocionante. Pegamos cada uma de nós uma pilha daquelas e começamos a ler os pedidos. Ficamos, a certa altura, boquiabertas. Os “pequenos mimos” variavam do lap top (campeão imbatível) ao celular último tipo, passando por micro system, computador, "lap top da Xuxa" até micro-ondas e máquina de lavar roupas. Muito pedido de bicicletas também. Conseguimos separar quatro cartinhas. A primeira de uma menina que pedia uma boneca. Fui ler com calma a cartinha (em casa) e vieram os detalhes. A petiz tem um ano e nove meses e pede uma boneca QUE FALA e um “micossiste”. Vai

---

<sup>114</sup> Disponível em <http://baudasil.blogspot.com/2007/06/o-aeroporto.html> acessado em 10 de junho de 2011. (Grifos do autor)

ganhar uma boneca muda, com certeza! A música fica por conta da afinação da mãezinha cantando o atirei-o-pau-no-gato e dê-se por satisfeita. Um menino pediu um carrinho de nome inglês que não tenho a mais pálida idéia do que se trate, mas, Bea me garantiu que pode rolar. Depois foi a vez de uma boneca-bebê e, finalmente uma gracinha chamada Beatriz de dois anos que pede uma boneca (sem exigências). Claro que todos nós temos direito aos sonhos. Mas, daí a mãe de uma criança de jardim de infância pedir estes eletroeletrônicos de última geração é um pouco demais né não? Lap top? Celular? Oba... também quero! Foi-se o tempo que uma bola, uma boneca (muda), um carrinho, uma corda de pular, um joguinho da memória eram considerados presentes de Natal. Saí de lá com a certeza que no próximo Natal a primeira cartinha dos Correios será a minha (sic) <sup>115</sup>.

As cenas do cotidiano são constantes na escrita do blogue. Para além das datas como o Natal, Ano Novo, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia Internacional da Mulher, que tem três publicações entre 2007 e 2010, há também as que relembram o passado da autora na cidade de Florianópolis. Entre estas, há memórias escolares, “causos” da época do trabalho, e das amigas da época do colégio, que desde então se encontram. Um desses encontros, relembrando a década de 1970 em Florianópolis, é relatado por Silvana em 15 de março de 2008 com o título “Deu pra ti Anos 70”, onde autora percorre a cidade de hoje e de ontem:

Aproveitando a presença de amiguinha que mora nas Minas Gerais, resolvemos comemorar. De início uma reunião de organização do "evento" em plena procissão do Senhor dos Passos. E isto acabou em canjica com côco na casa de Le Lago e a convocação para uma reunião ordinária em Santo Antônio, à beira-mar numa noite linda, a bordo de camarões regados a cervejinhas estupidamente geladas. O início dos trabalhos foi tumultuado. Todas falando ao mesmo tempo com todas as sugestões possíveis. Conclusão: nada decidido porém as fofocas ficaram mais ou menos em dia. A tomada de decisão mesmo só aconteceu no carro na volta pra casa e um e-mail comunicando o decidido. E "tamus" conversadas. O bom estava por vir. Chamamos amigas de várias troupes da nossa diversificada juventude para uma festa temática. O tema era festejar e resgatar o que vivemos e o quanto fomos felizes onde a vida era risonha e franca. Algumas pessoas não suportam lembrar o passado, não são saudosistas. Provavelmente o que têm a lembrar não seja muito animador. Então abafe... Pois nós somos. Temos muito para lembrar, para contar, para re-viver, mesmo que por alguns momentos, aquelas sensações que hoje sabemos deliciosas. Mas, vamos em frente que já perdi o fio da meada. A proposta era trazer de volta os sabores, cheiros e o "clima" dos delirantes anos 70. Auge da nossa despreocupação, do nosso compromisso com a alegria e da obrigação única de aproveitar. Tempos de paz e amor, praia, carnaval, festas, encontros e desencontros. Muito coração disparado na presença "daquele" paquerinha do momento. Muita fossa por "este" mesmo que acabou a noite com outra, dando um pé-na-bunda inesperado. Mas, tudo tinha cura. Os pepinos e abacaxis vieram bem depois. O cardápio foi caprichado com tudo que era servido naqueles tempos. Pois não faltou nem o melão com presunto. Era chic no último. O strogonoff era de lei e o de Le Lago estava divino. Nas bebidas, uma pequena intervenção do paladar de hoje. Um espumantezinho foi a concessão. E dá-lhe cuba-libre, hi-fi, coca-cola, guaraná e correndo por fora uma boa e velha "laranjinha" Max Wilhellm (refrigerante de cor amarelo-canário que pretensamente seja de laranja, coisa cá

---

<sup>115</sup> Disponível em <http://baudasil.blogspot.com/2007/12/papai-noel-ou-quase.html> acessado em 10 junho de 2011.



desta Ilha). A decoração acompanhava o clima com discos de vinil, solitários com rosas vermelhas e toalhas de "pois" em preto e branco. Um show de Le Malta na decoração e nos canapés e sobremesas. Por exigência da visita não faltou nem o sagu com vinho e, novamente Le Lago acertou a mão. Ah! Tinha até um discotecário. Sim pois, em priscas eras não se imaginava que essa função viria a chamar-se de DJ. A seleção musical, claro, toda de época acompanhada de efeitos luminosos. E os trajes? Muita criatividade para resgatar coisas que não existem mais. Valeu o improviso e a criatividade. Saíram dos baús batinhas indianas, óculos coloridos, boinas, saias-midi (quem lembra?) bolsas de pano, correntes e medalhões e o que mais fosse possível para dar o tom certo. Muito colorido e divertido. Sei que dançamos, pulamos, rimos, lembramos, nos esgoelamos a cada música, lembrança de cada acontecimento, brindamos e fomos muito felizes. E ainda tinha mais. Restava uma forcinha para marcar o almoço do dia seguinte. Então, rumo aos Ingleses acabar as comidas e bebidas na casa de Le Laus, e o melhor de tudo, comentar a festa. Deste tour de amor fraternal ficou a promessa de não deixar a distância e o tempo nos passarem a perna (sic) <sup>116</sup>.

Todas essas escritas encontradas no blogue de Silvana revelam matizes de um presente, com pitadas de humor que relembram um passado que já não existe, que acompanha as mudanças, ao relatar situações que ela própria elegeu como importantes, cenas do cotidiano que poderiam ser banais. Como coloca Angela de Castro Gomes (GOMES, 2004, p. 11) ao tratar das escritas de si:

Em todos esses exemplos do que se pode considerar atos biográficos, os indivíduos e grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas.

Há muitos autores da comunicação social que dizem que os blogues estão passando por um processo de adaptação (AMARAL, 2009), uma interação maior com as redes sociais, permitindo, por exemplo, que suas publicações possam ser realocadas em outros espaços, como em redes sociais como o Orkut, Facebook e o Twitter. Este último concorre diretamente com os blogues, pois sua comunicação rápida e dinâmica, de apenas 140 caracteres por postagem, faz mais sentido para as novas gerações, que têm uma leitura mais fragmentada, devido aos vários caminhos que podem percorrer pela Internet. Até mesmo Silvana entrou para o Twitter e registrou isso em seu blogue no dia 25 de agosto de 2010 na publicação “Twittando”<sup>117</sup> e faz uma menção ao passarinho, símbolo do microblogue: “Ultimamente, tenho ficado muito em casa – contrariando totalmente a minha natureza livre, leve e solta.

<sup>116</sup> Disponível em <http://baudasil.blogspot.com/2008/03/deu-pra-ti-anos-70.html> acessado em 10 de junho de 2011.

<sup>117</sup> Disponível em <http://baudasil.blogspot.com/2010/08/twittando.html> acessado em 10 de junho de 2011.

Estou aqui como um passarinho preso na gaiola, doidinha para voar.” O grande atrativo é a comunicação rápida, que não se restringe às novas gerações, pois Silvana após dominar a nova tecnologia comenta a sua satisfação:

Ando me divertindo a valer com o fuzuê. Sei todas as fofocas, babados e notícias em tempo real. Esse povo não faz outra coisa na vida que não seja "twittar". É uma comunicação instantânea que "conta pra todo mundo" o que está rolando nesta nave louca. Em 140 caracteres dá para resumir a Bíblia!

Se o Twitter irá superar o blogue ou apenas auxiliar na comunicação não se sabe, porém com o blogue de Silvana as publicações diminuíram significativamente após sua entrada no microblogue, isso pode revelar uma mudança de comportamento, de outro modo pode ser apenas a correria da vida que impede a autora de escrever em seu blogue, ou ainda pode revelar o fim do momento de escrita pessoal, tais quais os diários. Por que alguém deixa de escrever sobre si?

## (DES)CONECTANDO

Pode-se pensar que as duas fases da Internet no Brasil, antes e depois de 2004, apresentam níveis de exposição dos internautas variados, nos Comunicadores Instantâneos como o MIRC, e posteriormente o ICQ, o MSN e o Skype, os níveis de exposição se dão por escolha prévia do usuário, pois ele decide se troca informações ou não no primeiro, e nos seguintes ele elege com quem falar adicionando pessoas que conhece previamente. Já na rede social Orkut, que antecedeu outras formas de interação como MySpace, o Facebook e o Twitter, há uma superexposição dos usuários, com informações diversas. No início do Orkut, por exemplo, havia usuários que concediam telefone e endereço residencial para quem quisesse ver. Já no Facebook e no Twitter, vê-se uma super exposição das ações cotidianas, profissionais, construções de si, entre o curtir do primeiro e o retuite do segundo. Este último cumpre o papel de algoz dos blogues, fazendo sombra nas grandes postagens com apenas 140 caracteres.

O tempo das redes sociais e dos comunicadores instantâneos é o tempo cronoscópico, que conta os segundos, os minutos e as horas, essa velocidade que não conta mais com o passado e nem o futuro. O presente na Internet tornou-se uma constante, onde o passado é esquecido rapidamente pela novidade seguinte, como foi o caso do MIRC que atualmente é pouco usado devido à gama de redes sociais e comunicadores instantâneos que existem, que possibilitam novos recursos, como teleconferência, ou enviar documentos rapidamente. O futuro se torna cada vez mais distante, na espera do novo, do que irá superar. O futuro no tempo do computador é aquele que tornará obsoletos e descartáveis sejam as relações, a moda, as mídias, a leitura, o entretenimento. São todos superados por novos, por mais velozes, mais bonitos, mais tridimensionais, mais reluzentes, mais engraçados, mais atraentes.

O início do século XXI é um acúmulo de vários “mais” que a Internet ajudou a construir deixando um presente super povoado, cheio de angústias e assolado por uma superexposição para aqueles que têm acesso às redes informatizadas. Por outro lado, no Brasil, há ainda uma parcela muito significativa que nem ao menos tem redes de esgoto, um serviço muito mais básico, esta parcela tem outra relação com o tempo, parcela essa que passa

por um processo de inclusão digital sem ao menos ter outros recursos básicos para sobreviver nesse presentismo desenfreado.

Os livros estão se tornando bits sobre bits nas mãos das grandes corporações, em nome de um acesso global, como é o caso do Google Book Search, site da empresa Google que, conveniado a bibliotecas do mundo do todo, digitaliza seus acervos com a mentalidade de engenheiros, que pensam objetivamente, que não têm a sensibilidade de sentir os cheiros dos livros. Sem contar que a divulgação de acervo global de livros é restrita aos domínios da empresa. Darnton (2010, p. 57) fornece um exemplo dos problemas da digitalização para a História da Cultura e Escrita e da Leitura:

A experiência de ler um pequeno *duodécimo*, projetado para que o leitor o segure com facilidade com uma única mão, difere consideravelmente da experiência de ler um fôlio pesado apoiado num leitoril. É importante poder sentir um livro – a textura do papel, a qualidade da impressão, a natureza da encadernação. Seus aspectos físicos fornecem pistas a respeito de sua existência como elemento num sistema social e econômico; e, se contiver anotações nas margens das páginas, pode revelar muito sobre seu lugar na vida intelectual dos leitores.

Que não haja saudosismo ao ponto de tentar impedir que uma grande corporação mude seus objetivos ao ponto de conservar cada exemplar de um livro específico de uma biblioteca, ao invés de apenas um deles. Mesmo assim, aquilo que se deve ter em mente é que ambas as vias serão beneficiadas, com certeza a maior parte dos benefícios será concedida ao Google, que irá cobrar o acesso das obras tabelando um preço por raridade do livro, entretanto os benefícios para as bibliotecas serão apenas da exposição do seu acervo na Internet. Digitalizar e democratizar não são tarefas fáceis, o que a Empresa Google vem fazendo é se beneficiar de bens públicos em nome de lucros privados, sob a falsa égide do democratizar. Robert Darnton aponta que a solução para este problema não é simples, porém como ele sugere a digitalização de monografias, dissertações e teses, bem como e-books de livros didáticos e paradidáticos, deveriam ser disponíveis gratuitamente on-line e a sua compra, para aqueles que gostam de sentir o papel e o cheiro do livro, seria através da impressão por demanda (DARNTON, 2010, p. 72).

Talvez seja esse o futuro do livro, porém a leitura e sua história tomarão outros rumos, da tela dos (quase) obsoletos computadores e notebooks aos tablets, o tocar na tela será o novo folhear, e quem sabe até o digitar. Será a morte anunciada do teclado? Pois o seu companheiro, o mouse, já está quase em desuso. Nossa interação com a máquina é um jogo de adaptações, um entra e sai de novidades, onde mal dá tempo de se despedir, de se desprender, uma agonia constante.

A História do Tempo Presente auxilia a tentar ao menos pensar historicamente estes processos, estas novas formas de conviver e se relacionar. Sevcenko (2001, p. 17), nesse sentido, reflete sobre a aceleração guiada pela montanha russa, nos seguintes termos:

Sendo assim, sentindo-nos incapazes de prever, resistir ou entender o rumo que as coisas tomam, tendemos a adotar a tradicional estratégia de relaxar e gozar. Deixamos para pensar nos prejuízos depois, quando pudermos. Mas o problema é exatamente esse: no ritmo em que as mudanças ocorrem, provavelmente nunca teremos tempo para parar e refletir, nem mesmo para reconhecer o momento em que já for tarde demais. (SEVCENKO, 2001, p. 17)

O estudo até aqui empreendido remete a um cenário virtual marcado pelo dinamismo, pela simultaneidade, pelo acesso variado a informações e, muito especialmente, pela exposição de si com inúmeras possibilidades de (re)inventar-se, seja utilizando recortes de experiências, fotografias e/ou depoimentos personalizados, que conferiram a cada sujeito, uma dada autoria. Inseridas na sociedade do espetáculo, as mulheres aqui mostradas utilizaram ferramentas de comunicação disponíveis na internet para compartilhar experiências, sentimentos e saberes, em um movimento que levou a borrar fronteiras entre o público e o privado. As relações interpessoais se deram em momentos tanto de virtualidade como de presencialidade construindo uma *realidade* que foi além das tradicionais limitações de tempo e espaço. Estar conectado passou a ser um imperativo que produziu outras (novas) sensibilidades nas relações de afeto da contemporaneidade.

Nesta correria, tentei refletir sobre práticas que com tempo acelerado podem deixar de existir em anos. A Internet possibilitou outras tantas conexões não abordadas nesta dissertação. Porém gostaria de salientar aqui que, para além da amizade representada pelas mulheres do Orkut, houve também muitos casamentos, namoros e romances, que levaram muitas pessoas do me “add” (adiciona) ao sim. A rede social que proporcionou tantos encontros, hoje na internet vem perdendo popularidade e usuários para outras tantas redes sociais, principalmente para o Facebook, que oferece um serviço semelhante com poucas

alterações para sua funcionalidade. A ascensão e a queda da rede social se deu em menos de seis anos (2004 à 2010), mostrando a efemeridade da fonte, pois os seus usuários migraram de uma rede social a outras em poucos anos. Esse movimento binário conectar e desconectar aponta para uma aceleração da história através desta agilidade à medida que novos modismos são divulgados na Internet. Assim coletar estas fontes se faz um desafio, pois os rastros deixados pelos usuários se dissipam junto com o Orkut. A cada perfil desconectado desaparecem fontes para pensar práticas de escrita e leitura no virtual deste passado-presente. Fadado ao esquecimento o Orkut já é sinônimo de “coisa velha” no meio digital, pois o velho e o novo na rede são antagonistas neste tempo acelerado que o presente revela. Estas são questões que impulsionaram este trabalho com o intuito de contribuir para pensar sobre as práticas culturais da contemporaneidade em um determinado tempo, espaço e protagonistas. Por hora, desconecto-me...

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado - Ensaio de Teoria da História**. Bauru: Edusc, 2007.
- AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs). **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRESCIANO, Juan Andrés. **La Historiografía en el amanecer de la cultura digital**. Uruguay: Ediciones Cruz del Sur, 2010.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- CHAUVEAU, Agnès; Tétart, Philippe (Org). **Questões para o presente**. Bauru, SP:EDUSC, 1999.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio. El tiempo de la cultura escrita. A modo de introducción. In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (coord.) **Historia de la cultura escrita**. Astúrias, Espanha: Ediciones Trea, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CERTEAU, Michel De. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- \_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro, do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 2009<sup>a</sup>.
- \_\_\_\_\_. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009b.
- \_\_\_\_\_. **A revolução do texto eletrônico**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- \_\_\_\_\_. A visão do historiador modernista. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006. p.215-218.

\_\_\_\_\_. **Inscrever e apagar:** Cultura Escrita e Literatura – Séculos XI – Século XVIII. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. **Estudos Avançados.** 5 p. 173-191. 1991

\_\_\_\_\_. **Os desafios da Escrita.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários Pessoais: Territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Basssnezi; LUCA, Tânia Regina (orgs.). **O Historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009. p. 281-308

\_\_\_\_\_. Escrever sobre si: diários íntimos e construção de subjetividades. In: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Educação e cultura contemporânea:** articulações, provocações e transgressões em novas paisagens. Canoas: Editora da ULBRA, 2006.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros:** passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras 2010.

DELEUZE, Gilles,. **Conversações:** 1972-1990. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezin (org). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2010. P. 111-153.

DOSSE, François. **A história à prova do tempo:** da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: UNESP, 2001.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

\_\_\_\_\_. O Processo Civilizador/volume 2/ Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar Ed.,1993.

FABRE, Daniel. **Écritures Ordinaires.** Paris: Centre Georges Pompidou. Bibliotheque Publique d'Information, 1993.

FERNANDES, Manoel (Org). **Do Broadcast ao Socialcast:** Como as redes sociais estão transformando o mundo dos negócios. W3 Geoinformação Editora. 2009.

FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, Agnès; TETART, Philippe; BECKER, J. J. **Questões para a história do presente.** Bauru: EDUSC, 1999. P. 103-118.

\_\_\_\_\_. Entre história e jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnès; TETART, Philippe; BECKER, J. J. **Questões para a história do presente.** Bauru: EDUSC, 1999. P. 119-126.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **A globalização imaginada.** São Paulo: Iluminuras, 2003.



GOMES, Ângela Maria de Castro. **A escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2004.

HANNUD, Alexandre. Wiki In: SPEYR, Juliano (Org.). **Para Entender a Internet:** Noções, práticas e desafios da comunicação em rede. 2009. P. 57-58

HARTOG, François. **Os antigos, o passado e o presente.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

\_\_\_\_\_. **Regimes de Historicidade:** Time, History and the Writing of History: the Order of Time. In: KVHAA Konferenser Stockholm 1996. Disponível em [http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html#\\*](http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html#*)

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: **Refúgios do Eu.** Educação, história, escrita autobiográfica. Ana Chrystina Venancio Mignot, Maria Helena Camara Bastos e Maria Teresa Santos Cunha /Organizadoras. Florianópolis: Mulheres, 2000. P. 29-61.

HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória:** arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 5. Ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** 3ª Ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

\_\_\_\_\_; NEVES, Paulo. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LOBO, Luiza. Segredos Públicos: blogs de mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MEIRA, Sílvio. A consagração do dedão...: Ou como os celulares serão a “coisa” do futuro. In: FERNANDES, Manoel (Org). **Do Broadcast ao Socialcast:** Como as redes sociais estão transformando o mundo dos negócios. W3 Geoinformação Editora. 2009. P. 81-83.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Baú de memórias, bastidores de histórias:** o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto. Bragança Paulista: Edusf, 2002.

MUZART, Zahidé Lupinacci. De navegar e de navegantes. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Tereza Santos (orgs.). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica.** Florianópolis: Mulheres, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História.** São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

**Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil:** TIC

Domicílios e TIC Empresas 2008. Coordenação executiva e editorial Alexandre F. Barbosa; São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009. Disponível em: <http://www.cetic.br/tic/2008/index.htm> acessado em 01 de out de 2009.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1994): mito, política e senso comum. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006. P 93-101

RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do Ciberespaço: Editora UFSC, 2010.

RECUERO, Raquel. **Práticas de sociabilidade em sites de redes sociais**: Interação e Capital Social nos Comentários do Fotologs. Encontro da Compós, São Paulo, SP, em junho de 2008.

\_\_\_\_\_. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnès; Tétart, Philippe (Org). **Questões para o presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHAPOCHNIK NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil, 3**: República: da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SIBÍLIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VENANCIO, Giselle. Presente de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. Nº 28, 2001. P. 23-47.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**: e as perspectivas do tempo real. Ed. rev. e aum. pelo autor. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

VICENT-BUFFAULT, Anne. **Da amizade**: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Por uma história da Cultura Escrita: Observações e Reflexões. In: **Cadernos do Projecto Museológico sobre Educação e Infância**. Santarem: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarem, 2001.

## Sites

[blog.orkut.com/2007\\_06\\_01\\_archive.html](http://blog.orkut.com/2007_06_01_archive.html) acessado em 20 de setembro de 2011.  
<http://baudasil.blogspot.com/2007/06/epopia-de-um-joelho.html> o comentário foi postado no dia 05 de junho de 2007 às 13:07. Acessado em 10 de junho de 2011  
<http://pt.wikipedia.org>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogosfera>  
<http://wayback.archive.org>  
<http://web.archive.org/web/20020822194007/http://blogger.globo.com/index.jsp> acessado em 25 de junho de 2011.  
<http://www.archive.org/>  
<http://www.cetic.br/dominios/index.htm> acessado em 21 de agosto de 2011  
[http://www.mte.gov.br/sal\\_min/EVOLEISM.pdf](http://www.mte.gov.br/sal_min/EVOLEISM.pdf) acessado em 13/05/11.  
[www.baudasil.blogspot.com](http://www.baudasil.blogspot.com)  
[www.brasil.gov.br](http://www.brasil.gov.br)  
[www.fotolog.com](http://www.fotolog.com) (2002-2011) acessado em 20 de junho de 2011.  
[www.g1.com](http://www.g1.com)  
[www.gmail.com](http://www.gmail.com)  
[www.google.com](http://www.google.com)  
[www.mirc.com](http://www.mirc.com)  
[www.orkut.com](http://www.orkut.com)  
[www.registro.br](http://www.registro.br)  
[www.twitter.com](http://www.twitter.com)  
[www.veja.com.br](http://www.veja.com.br)  
<https://registro.br/dominio/dpn.html> acessado em 21 de agosto de 2011.  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogosfera>  
<http://web.archive.org/web/19981207011315/http://www.colba.net/~micheles/>  
[www.colba.net/~micheles](http://www.colba.net/~micheles), [www.er.uqam.ca/nobel/r24136/index.html](http://www.er.uqam.ca/nobel/r24136/index.html) e  
[www.mygale.org/10/jic/html/hist/hmtl](http://www.mygale.org/10/jic/html/hist/hmtl)  
[www.blogspot.com](http://www.blogspot.com) e [www.wordpress.com](http://www.wordpress.com)  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bytes>  
<http://cpdoc.fgv.br/>  
<http://www.bn.br/portal/>  
<http://www.museudapessoa.net/>

## LISTA DE FONTES

### Diário de Bordo

ANDRADE, Silvana Ramos Mello Santiago de. Diário de Bordo: Riofolia. Arquivo Digital. 33 páginas. Janeiro de 2007.

## **Livro**

MIGONT, Ana C. V.; BASTOS Maria H. C. ; CUNHA, Maria T. S. (Org.) **Refúgios do Eu.** Educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. (Orelha do Livro)

Três Logs impressos do Mirc de 10 de setembro de 2000, onde a conversa se inicia às 02:16:14 e termina às 03:11:50:

## **Modelo do Questionários (Anexo I)**

### **Perfis no Orkut**

Perfil de Ana <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=17226344085079666040>

Perfil de Graça <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=16539850839507291256>

Perfil de Isa 1 <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=16862352831502121174>

Perfil de Isa 2 <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=7594681579969159091>

Perfil de Iva <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=9012090160811692354>

Perfil de Lia <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=3190251654209323635>

Perfil de Malu <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=13148695529342156099>

Perfil de Mirian <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=12129114850788621653>

Perfil de Sandra 1 <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=16221665271890788901>

Perfil de Sandra 2 <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=7837356439520924224>

Perfil de Silvana <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=686191914634609719>

Perfil de Teresa <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=13237844711390135853>

### **Comunidades do Orkut**

AÊ Orkut!Mais de 1000 fotos! <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=2894812>  
acessado em 20 de dezembro de 2011.

Jovens Acima de 50 anos <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=129918>  
Acessado em 10 de maio de 2010

Turma da Folia <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=33841781> Acessado em 5 de janeiro de 2012.

**PPS** de fim de ano produzido por Valéria Linhares Bastos, integrante do grupo,  
2006.(recebido no e-mail [pedro.eurico.rodrigues@gmail.com](mailto:pedro.eurico.rodrigues@gmail.com))

### **Blogues**

[www.baudasil.blogspot.com](http://www.baudasil.blogspot.com) (2007 à 2010)

<http://blog.orkut.com/> (2007 à 2010)

### **Notícias on-line**

DAVILA, Sergio. Orkut não entende seu sucesso no Brasil. **Folha Online**, mercado, 3 de julho de 2005. Acesso em 30 agosto de 2011. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u97858.shtml>

FLICKR comemora 4 bilhões de fotos publicadas no site. **Folha Online**. São Paulo. 15 de out de 2009. Informática. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u638129.shtml> Acessado em 15 de out de 2009.

INTERNET chega a 64,8 milhões de brasileiros em julho. **Folha Online**, São Paulo. 20 de ago, 2009. Informática. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u612411.shtml> Acesso em: 27 set. de 2009.

ORKUT Continua Liderando o Mercado de Redes Sociais no Brasil, e a Audiência do Facebook Quintuplica. **ComScore** (site). 7 de outubro de 2010. Disponível em [http://www.comscore.com/por/Press\\_Events/Press\\_Releases/2010/10/Orkut\\_Continues\\_to\\_Lead\\_Brazil\\_s\\_Social\\_Networking\\_Market\\_Facebook\\_Audience\\_Grows\\_Fivefold](http://www.comscore.com/por/Press_Events/Press_Releases/2010/10/Orkut_Continues_to_Lead_Brazil_s_Social_Networking_Market_Facebook_Audience_Grows_Fivefold) acessado em 15 de dezembro de 2011.

### **Periódicos**

IMPOSTO. Hipertexto In: **Revista Veja**. 8 de janeiro de 1997 p.17.

MOHERDAUI, Bel. Click: Viu, Apontou, Fotografou. In: **Revista Veja**. 21 de setembro de 2005, p.78-82. p. 81

NOITE EM CLARO, BOLETIM VERMELHO, Para Usar In: **Revista Veja**. 6 de junho de 2001 p.147.

PAPAI Noel chegou na Itaotec Shop In: **Revista Veja** 25 de Dezembro 1996 p. 190.

Propaganda da Dell In: **Revista Veja**. 10 de Janeiro de 2001, p.31.

Propaganda da Dell In: **Revista Veja**. 10 de Janeiro de 2007, p.17.

Propaganda da Dell In: **Revista Veja**. 11 de Janeiro de 2006, p. 20.

Propaganda da Dell In: **Revista Veja**. 14 de Janeiro de 2009, p. 23.

Propaganda da Dell In: **Revista Veja**. 5 de Janeiro de 2005, p. 10.

Propaganda da Dell In: **Revista Veja**. 6 de Janeiro de 2010, p. 23.

Propaganda da Dell In: **Revista Veja**. 7 de Janeiro de 2004, p. 17.

Propaganda da Dell In: **Revista Veja**. 8 de Janeiro de 2003, p. 17.

Propaganda da Dell In: **Revista Veja**. 9 de Janeiro de 2002, p. 20.

Propaganda da Dell In: **Revista Veja**. 9 de Janeiro de 2008, p.13.

VEJA Essa, In: **Revista Veja**. 04 de abril de 2007. P. 52

## ANEXO I

### Questionário

Olá, se você está lendo isso agora, significa que sua memória é de interesse deste pesquisador, que gostaria de invadir suas lembranças pra colorir a história na qual pretende escrever. Se não for muito incomodo, irei fazer uma série de questões que envolvem o grupo e você, espero que as mesmas não estejam inteligíveis e incompreensíveis. É que nós acadêmicos, temos muitos vícios de dificultar as coisas, caso aja dificuldades em responder as questões, fique a vontade em “pular” a questão, ou me enviar um email com a sua dúvida. Mais uma vez agradeço a sua generosidade em me ajudar na pesquisa. Um abraço e boas memórias.

Pedro Eurico Rodrigues (**Clicando aqui você pode acessar meu currículo acadêmico**)  
email: [pedro.eurico.rodrigues@gmail.com](mailto:pedro.eurico.rodrigues@gmail.com)

1. Nome
2. Cidade e Estado (**Que mora atualmente**)
3. Tem teve comunicadores instantâneos? (*Mirc, ICQ, MSN, Gtalk, Skype, etc.*) Fez amigos virtuais através deles? Ou só utiliza pra falar com conhecidos/as? (**Comente o/s seu/s uso/s**)
4. Quais redes sociais você utiliza atualmente? (*Orkut, Facebook, Twitter, etc.*) Fez amigos por lá? (**Comente o/s seu/s uso/s**)
5. Que barreiras você teve que vencer para se comunicar via Internet? (Preconceitos, dificuldade com a nova linguagem, etc.). Se possível comente um pouco da sua trajetória com o computar, ajudaria muito se lembrar uma data um fato da época em que começou a usá-lo (**Ex. Comecei a usar na Copa que o Parreira era técnico da seleção Brasileira, me lembro como se fosse hoje! Ou, Ah comecei a usar no trabalho na época da Odete Roitman.**)
6. Como sua família e amigos próximos vê suas amizades virtuais, hoje reais? (Conte um pouco do processo, se ainda existem preconceitos, etc.)
7. Como foi se encontrar com pessoas “estranhas” no “off-line”? Ou seja, conte um pouco de seus primeiros encontros reais com amigas/os virtuais.
8. Se for possível relatar memórias das viagens, de 2006 a 2010. Eu sei que é muita coisa, mas apenas conte momentos felizes, algumas dificuldades, efim, tente relatar cada viagem, ok? Não precisa colocar Tim-tim-por-tim-tim, mas se quiser eu vou gostar muito!
9. Se você aceita que suas memórias seja utilizada para fins acadêmicos, bem como o seu nome e algumas características do perfil: (Essa questão não pode pular, é sim ou não!)

Mais uma vez obrigado, e desculpa a intromissão!  
Beijos e Abraços.